Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/ceverdovougalivr00silv

852

JOSÉ LUCIANO DE FIGUEIREDO LOBO E SLVA

Cever do Vouga

Livro de Chronicas — Producções — Monumentos
Costumes — Lendas e Paizagens

PORTO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL (a vapor)
Travessa de Cedofeita, 54
1906

CEVER do VOUGA

JOSÉ LUCIANO DE FIGUEIREDO LOBO E SILVA

Cever do Vouga

Livro de Chronicas — Producções — Monumentos
Costumes — Lendas e Paizagens

PORTO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL (a vapor)
Travessa de Cedofeita, 54, 56
—
1906

«Nada é mais agradavel ao nosso espirito do que o ouvirmos fallar na nossa patria e muito especial na patria-berço, quando nos achamos em longinquas paragens, por qualquer fatalidade ou baldão da sorte.»

CHATEAUBRIAND.

«Se nada mais souberdes, conhecei ao menos a historia da vossa terra; n'ella encontrareis um «quid» que vos consolará nas horas de tristeza e melancholia.»

V. Hugo.

Ao povo da minha terra

Meus conterraneos. De um modo especial é para vós, e só para vós, este meu pequeno livro.

Como vedes não é uma simples chronica cheia de enfados, uma pura monographia; mas é mais alguma coisa, pois, ao mesmo tempo que exhuma memorias e documentos, espelha tambem costumes e lendas, que são o retrato fiel da vossa alma simples e boa.

O assumpto é, na realidade, sympathico; por isso, se o estylo for além do vulgar, em coisas minuciosas e de pouca monta, não extranheis, que a isso me obriga o affecto que consagrei, consagro e consagrarei, por todo o sempre, ao meu querido Cever, á terra que me ensinou a tanger algum tanto a lyra, que me inspirou alguns cantos, que me recolheu a primeira lagrima, que me ouviu os primeiros vagidos e que, (quem sabe!) cariciosa como um beijo de bondade, me verá exhalar o ultimo suspiro e cahir na valla do cemiterio:

A dormir entre flores rescendentes
O eterno somno dos p'ra sempre ausentes.

O livro, como vêdes, foi publicado com o fim de exaltar Cever, e não para conquistar applausos, nem tão pouco para que o leitor imitando Camões proclame:

— «*Ditosa mãe que á patria deu tal filho*».

* * *

Ahi o tendes! Abri-o! Folheae-o, lede-o e meditae-o, muitas vezes, a sangue frio.

E' meu coração que vol'o dá, como a melhor offerta que pode depor no vosso regaço puro. Não vejaes n'elle alguma sombra de odio ou malquerença, mas recebei, de boa-mente, esta offertasinha que vos faz o *vosso mais fiel amigo, o vosso quasi irmão.*

J. L. F. Lobo e Silva.

DUAS PALAVRAS

Este o meu primeiro livro.

Dando-o á luz da publicidade, depondo-o nas hiantes fauces do prélo, mandando-o mundo em fora, julgo fazer algum bem, não só ao portuguez em geral, mas, muito em particular, á gente da minha terra.

Ao portuguez, lembrando-lhe as bellezas com que a natureza dotou esta nossa patria, este nosso ninho, este nosso querido Portugal, onde a alma de todos nós se arrouba, se embriaga d'uma poesia que a cada passo se dissemina por essas esplanadas e devezas, livre e gemebunda, qual lympha do arroio ou qual briza das madrugadas.

A' gente da minha terra, porque este livro viza directamente a narrar a vida simples e honesta do cavador tragico, do pastor grandioso e do octogenario lavrador, emfim, de todos os meus conterraneos, a par

das suas aventuras, da alegria de suas romarias, do aconchego dos seus serões, e da paz das suas almas e das suas crenças antigas; finalmente, porque elle occupa-se em contar as *chronicas,* as *producções,* os *costumes* e as *lendas* e *paizagens* da terra que me viu nascer, d'esta terra que tem por docel um ceu maravilhoso e candido, anacarado e lindo, e por tapete um solo macio, fertil e poetico.

Foi, pois, este e só este o fim primario ou proximo que me induziu a escrever estas chronicas com o coração nos bicos da penna.

Um outro fim tive em vista, e foi elle, o lembrar a todo o portuguez, sem excepção de cor alguma, que a nossa patria tambem tem lindezas capazes de rivalisarem com uma Suissa ou uma Italia, com as primeiras nações extrangeiras — terras por onde geralmente o portuguez deseja fazer suas viagens, olvidando esta nação.

Que se cale a minha voz e que fallem bem alto as naturaes bellezas do Bussaco, a poesia do Mondego, os pincaros altanosos e grandiloquos da serra da Estrella, a poesia do Minho e as paisagens da minha terra, a par dos monumentos d'arte que engrinaldam essa Lisboa, bem como todas as demais cidades patrias, de lendas e de poetas.

Eu bem sei que hoje se não pensa assim.

Eu bem sei que hoje as mais lindas terras do nosso Portugal — «jardim da Europa á beira-mar plantado» não são apreciadas por quasi ninguem, nem ainda

mesmo pelos amantes das musas, successores notaveis dos Camões e dos Bocages. E isto em virtude das excentricidades da hodierna civilização que chama a isto «*plebeismo*» e d'uma tendencia extravagante e inexplicavel para visitar terras extrangeiras.

Não é verdade o que affirmo? Sim, certamente.

* * *

A' vista d'sto, e á parte a modestia, julgo que alguma coisa vale este livrinho.

Defeitos sei que os tem, que me não passaram elles por alto; mas, franqueza franqueza, muitos d'elles fui incompetente para os arrancar.

Outros, porém, não os quiz tirar, porque de mistura com esses defeitos, n'esse terreno arido e escabroso, n'essas laudas desataviadas e descoloridas antevi, posto que «*in confuso*», algumas violetas tão graciosas e virginaes, algumas flores tão viçosas e matizadas que não tive genio para as arrancar.

* * *

Mas perguntarão agora, de si para si, os leitores, por que motivo, sendo o livro d'um certo valor, só hoje quebro o silencio, dando-o ao prelo — a essa fauce immensa — que se abre dia e noite para vomitar a flux na sociedade os productos do genero humano, como lhe chama um distincto escriptor que é ao mesmo tempo

um catholico? A resposta já a irei dar, ou antes irá da'la por mim o poeta que diz: «*Vós que quereis escrever elegei materia egual ás vossas forças, examinae por muito tempo o pezo com que os vossos hombros podem; — Sumite materiam vestris qui scribitis aequam — Viribus; et versate diu, quid ferre recusent; — quid valeant humeri* (1).

Foi este prudente conselho que me inhibiu de o fazer mais cedo, quando este munus era muito superior ás minhas forças.

E' por isso que só hoje o publico, só hoje lhe digo com o poeta: *Vae, não t'o envejo, meu livrinho, sem mim á cidade; — Parve (nec invideo) sine me, liber, ibis in urbem* (2).

* * *

Se a critica vier rasgar-me esta illusão que hoje me emballa, ha-de, pelo menos, poupar-me a boa vontade e o fim que tive em vista, quando o mandei correr mundo, fim que é recto, justo, sancto. Esta boa vontade e este fim quero-os, ambiciono-os, desejo-os.

E' meu. Só meu. E sendo assim, que venha, que se aproxime, porque a critica, na minha fraca opinião, e na do sabio *Chateaubriand* — «*nunca matou o que*

(1) Orat. Poet. 38 e 39.
(2) Ovid. Trist. L. I Eleg. I.ª

deve viver, e o elogio sobretudo nunca deu vida ao que deve morrer».

Tambem é d'este parecer *Swilt,* quando diz: — «*que a censura é a contribuição que o homem paga ao publico por ser imminente.*

Se, porém, trazendo nos labios veneno lethal, ella me não respeitar a boa vontade e o fim a que mirei, n'esse caso tomal'a-hei por insulto, por calumnia, — e toda a critica que é calumnia, que é insulto, rasga-se, despreza-se.

E' o que farei.

* * *

Posto isto, leitores carissimos, cumpre-me avisar-vos de que este livro tem lacunas e pedir-vos que as colmem os vossos juizos perspicazes.

Fiz o que pude, que faça melhor quem puder; — *Quod potui feci, faciant meliora potentes.*

E tenho dito.

J. L. F. Lobo e Silva.

CEVER do VOUGA

(CHRONICAS)

I

Ao ler um dia algumas chronicas dispersas do meu querido Cever (1), confesso que me senti todo orgulhoso e empavonado por me conhecer nascido e creado no poetico ambiente d'uma terra que prima pela sua antiguidade.

(1) Esta nobre e antiga villa e freguezia fica situada na provincia do Douro, concelho do mesmo nome, comarca d'Agueda (foi da extincta comarca d'Esgueira), districto d'Aveiro da qual dista 26 kilometros ao N. E. Fica a 59 k. a O. de Vizeu a cujo Bispado pertence. De Lisboa d'onde dista 258 k. fica collocada ao N.

O concelho, edificado em logar elevado, aprazivel, arejado e saudavel, é composto das seguintes freguezias a saber: *Cedrim, Couto d'Esteves, Paradella, Pecegueiro, Roccas, Silva Escura e Talhadas.*

E isto unica e simplesmente devido ao muito que respeito as coisas antigas, ao muito que idolatro a antiguidade. Ora Cever do Vouga está n'este caso.

Pois quem ignora que Cever, povoação muitissimo anterior á fundação da nossa monarchia, se esconde nas escuras dobras do tempo, nos ignotos horizontes d'um passado mysterioso, lendario?

Creio que ninguem.

Pois affirma-se, se não em face de verdadeiros documentos historicos, pelo menos sob a sugestão d'algumas tradições populares, que Cever existe nos mappas do mundo desde tempos immemoriaes.

Mas qual a sua origem?

Com segurança não o posso dizer, e muito enleiado me sinto ao indagar a origem d'esta terra que alguns dizem existir, (não sei se com razão ou sem ella) já no remoto tempo dos godos.

E isto por falta de documentos que poderiam elucidar as investigações da sua fundação.

Em geral os seus limites são: Ao Norte a serra do Arestal; ao Sul e Nascente o Rio Vouga — (Flumen Vacca) e a Poente Serra do Rio Mau. São tambem estes dois rios os mais visinhos d'esta terra. O primeiro que tem origem na Serra da Lapa a 30 k. de distancia de Vizeu banha S. Pedro do Sul Vouzella, e vae desaguar em Aveiro.

O segundo, que nasce na Serra do Arestal com o nome de *Rio Bom*, mudando o nome para o de *Rio Mau* a certa distancia da sua nascente, vae desaguar ao Vouga, a uma distancia de Cever pouco mais ou menos de 14 k.

Descuido imperdoavel dos povos, ou mais propriamente das suas antigas camaras municipaes que deixaram perder todos os seus inapreciaveis pergaminhos.

E' por isso que tudo o que n'este capitulo vou dizer sobre a origem da minha terra, parte de hypotheses para chegar a hypotheses, e nunca á philosophia do certo, do verdadeiro.

Posto isto, irei, de relance, resumir as opiniões que de perto, se referem ao assumpto.

* * *

Uma diz-nos que a origem de seu nome deriva de Sever, senhor absoluto que torturava o seu semelhante á mercê dos seus caprichos e barbaridades.

Este Sever era homem de baraço e cutello, como se deduz d'uma phrase, ou mais rigorosamente d'um verso que andou na bocca dos nossos avós e que dizia:

Do nosso proprio Sever
Hemos muito que temer

Segundo se diz este Sever era homem aventureiro, de origem Romana, que se viera estabelecer n'esta terra, que depois teve seu nome, em tempos antigos, habitando n'um castello onde hoje está situada a Egreja da freguezia, e realizando as sagradas nupcias com uma senhora que n'esse mesmo castello habitava, e que possuia o dominio sobre todas estas terras.

*
* *

Uma outra opinião é a que nos diz que Sever tira a sua origem de Soeiro, varão riquissimo que n'esta localidade viveu pouco mais ou menos no anno de 897 (sec. IX).

A terceira e ultima, que é a mais razoavel, é a que faz derivar *Sever* ou *Cever* de *Ceveira* que no antigo portugues significava toda a especie de cereaes, e isto como a expressão de abundancia productiva d'este solo, fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, como em logar competente mostrarei.

*
* *

São estas as origens de Cever que a tradição nos aponta.

Terá alguma d'ellas foros de verdade?

Não sei.

Mas o que sei, é que as duas primeiras opiniões estão hoje absoluta e incondicionalmente postas de parte, por falta de dados em que se baseiem.

Alem d'isso, attentas as sciencias philologicas, não comprehendo como *Soeiro* desse *Sever*, terra que, segundo reza uma tradição popular em opposição á primeira, já existia com essa denominação mui anteriormente ao seculo IX, epoca em que viveu o supra mencionado Soeiro, esse homem rico ou cavalleiro christão de origem goda, segundo commummente se julga.

Antes de passar avante sou obrigado a fazer menção d'uma tradição do vulgo que egualmente põe de parte a primeira opinião, e diz que não consta que algum dia existisse castello algum, onde hoje fica a dita Egreja, mas sim um terreno inculto e despovoado, sendo, pois, de suppôr que Sever não passe d'um mero homem lendario que ainda hoje existe na mente dos anciãos, á laia d'esses contos de fadas e moiras encantadas.

* * *

D'estarte, abandonadas as duas primeiras opiniões, é a terceira a que nos merece mais credito, e a que mais prima pela sua racionalidade.

Sendo assim, nunca se deverá escrever Sever mas *Cevêr*, que é mais etymologico.

* * *

Eis tudo o que sei sobre o assumpto.
Será isto a verdade?
Tudo pode ser.

II

Apresentadas no capitulo anterior as varias hypotheses sobre a origem de Cever, e apurado tudo o que pude no tocante a esses tempos escuros, passarei a indagar, n'este arido capitulo, o que dizem as chronicas sobre os seus tempos remotos, sobre as suas epochas primitivas.

Mas, desde já o digo, na empoada athmosphera dos alfarrabios que folheei e refolheei, nada descobri de aproveitavel, anterior a 897, epocha em que viveu, no dizer do illustrado Pinho Leal, no seu *Portugal antigo e Moderno*, Soeiro Gondesindes, homem oriundo dos Godos.

A chronica desde a origem até esta data, só faz menção d'este homem e ainda d'elle pouco nos relata.

O que nos conta é que, n'essa mesma era acima apontada, elle fizera uma doação importante de terrenos cultos e incultos, comprehendendo alem de *Rigas*, que se ignora o que fosse, *Esmoriz*, *Varzea de Carvoeiro* e

Cever em *Riba Vouga*, ao mosteiro de S. Salvador de Lavra, (1).

---

(1) Fallando dos mosteiros e de conventos, dá-nos Pinho Leal, sobre o assumpto, alguns esclarecimentos de bastante utilidade. Assim, referindo-se aos mosteiros diz elle; tomam-se vulgarmente por synonimos *mosteiro* e *convento,* quando são coisas completamente diversas. Convento, no rigor da palavra, tanto pode ser de frades como de seculares. E' a reunião, ajuntamento, assembleia ou meza d'uma confraria ou irmandade, ou de outra qualquer instituição.

D'aqui vem chamar-se á missa mais concorrida d'uma Egreja — *missa conventual* — isto é, missa de ajuntamento.

Esta palavra vem do latim conventus, que tem a mesma significação; porem os *conventos juridicos* dos Romanos, eram um tribunal que ao mesmo tempo abrangia o *civel, municipal, administrativo* e *militar.*

* * *

Mosteiro nunca significou mais do que o edificio monachal.

Nos primeiros seculos do christianismo, uma gruta ou uma choça coberta de ramos, onde habitava qualquer eremita, era um mosteiro.

Ainda depois de se admittir nos cenobios maior numero de monges, nunca o seu numero attingiu a cifra dos seculos futuros.

A soberba e arrogancia dos grandes palacios de magistoza architectura nada tinha de commum com os claustros religiosos, onde só viviam homens dedicados á penitencia, á humildade e á oração, e, por assim dizer, enterrados em vida.

Nos fins do seculo IX e principios do seculo X, o mesmo Soeiro e sua mulher possuiam a herdade e o

---

Passados os primeiros fervores, e n'estes mesmos sitios, ou perto d'elles fundaram mais amplas vivendas monachaes, algumas das quaes chegaram aos nossos dias.

Ás Egrejas *cathedraes* se dava o nome de mosteiros, ou por serem servidas por monges, ou porque os conegos viviam em communidade, com tanta humildade como qualquer cenobita.

Tambem ás Egrejas *parochiaes* se dava antigamente o nome de mosteiros, ou pela austeridade com que os parochos viviam nas suas residencias, ou porque n'ellas havia monges que os ajudavam nos seus misteres parochiaes.

Mosteiro de herdeiros, eram quasi todos os que se fundaram no seculo XI.

Junto d'uma pequena Egreja ou oratorio (edicula) se construiam casas, em que viviam os fundadores com as suas familias, e succediam-lhes seus herdeiros, sob condição de darem agasalho aos peregrinos, esmolas aos pobres e aos monges que serviam esses templos

Mosteiros se chamavam aos arcos, abobadas ou pequenas capellas, feitas pela parte exterior das Egrejas, nas quaes antigamente sepultavam os defunctos.

Mosteiros capitaes—eram os que tinham outros sob a sua obediencia.

Os principaes em Portugal, eram Pombeiro, Vaccariça, etc.

Mosteiros canonicaes—aquelles em que viviam conegos regrantes, ou seculares com a mesma austeridade, com que viviam os monges.

Mosteiros duplices duplex, ou *dobrados* (de ambos os sexos)—houve muitos em Portugal (eram a maior parte) ainda

mosteiro de Santo André e de S. Christovam de Cever, mosteiro e herdade que, por legação testamentaria,

---

depois que no segundo (II) concilio de Nicêa, can. 20, — foram prohibidos por não darem bons exemplos alguns d'elles; apezar de estarem divididos os dois sexos, em quasi todos por altas e grossas paredes, não se avistando senão rarissimas vozes, tendo cada divisão seu chefe do mesmo sexo, e sendo prohibido ás monjas entrarem na Egreja dos frades, devendo ouvir missa e assistir aos officios religiosos nos seus oratorios, ou no côro, vedados á vista por vastos rotulos.

Mosteiros isentos — conventos que estavam fora da jurisdicção do prelado diocesano, obedecendo só e directamente ao papa ou aos seus delegados. Adquiria-se este privilegio por *origem, prescripção immemorial,* ou *graça especial,* e d'esta circunstancia nasceram os prelados, *nullius diocesis,* que exerciam a jurisdicção episcopal no clero e povo do districto privilegiado. Em Portugal os *isentos* mais notaveis eram: — a *prelazia de Thomar* e o *Grão-Priorado do Crato.*

Muitos abbades benedictinos conferiam ordens, mas, a maior parte, só podiam dar as menores.

Em Portugal e Hespanha teve distincto logar a Bulla de Urbano II, de 1095, a qual concedia ao *Rei, proceres e magnates* desmembrar dos antigos bispados, e submetter a mosteiros, todas as Egrejas que resgatassem do poder dos moiros, junctamente com a percepção dos dizimos e primicias.

Tambem havia *abbadias seculares e isentas.*

A principal era a de Soalhães, cujo parocho tinha poder quasi episcopal. Das regulares a principal era a de *Salzêdas.*

Mosteiros reaes — os que só dependiam do imperante, mas ordinariamente dava-se até 1834 o titulo de *real mosteiro* a todo o que tinha sido fundado pelo monarcha, ou por algum membro da familia real.

passaram, por morte de seus antigos senhores, para o dominio d'um tal abbade Jacob, homem que não deixou descendencia; e por isso todos os seus bens, bem como a supradita doação, voltaram para os filhos dos doadores. Estes, como tivessem um certo escrupulo em ficarem senhores de bens que seus queridos progenitores haviam legado a um eclesiastico, resolveram, unanimemente, desfazerem-se dos mesmos.

E então deram tudo, que tinham herdado do abbade, ao padre *Guadino* ou *Guardino* e ao diacono *Sandino* com a condição de viverem, por todo o sempre, no supramencionado mosteiro.

Annos depois, ou porque o padre e o diacono ahi não quizessem viver monasticamente, ou por quaesquer outras razões, por mim ignoradas – o que se segue é que *Sandino* vendeu em 1005 (sec. XI) a herdade e o mosteiro a *Friula Gonçalves,* mosteiro e herdade que, em 1018, passaram para a condessa *D. Toda,* herdeira e prima de *Fruilla. D. Toda,* por sua morte, entregou este mosteiro e herdade, juntamente com as aldeias de Paradella, Abolini, S. Martinho e a herdade de Nespereira, bem como todos os terrenos desde o monte Zebrario até ao rio Vouga, ao mosteiro de Vaccariça (1).

(1) Este mosteiro chamava-se *capital* por ter outros sob a sua dependencia.

Assim o mosteiro de St. André e S. Chritovam de Cever esteve por algum tempo sob a dependencia d'aquelle.

O antiquissimo mosteiro de Vaccariça (Mealhada) foi

Isto em cumprimento do testamento de sua prima que assim lh'o havia ordenado. Mas este mosteiro, que teve por sorte andar de mão em mão, durante muitos annos, veio a desapparecer juntamente com o mosteiro de Vaccariça ao qual estava annexo desde 1018, em 1094, com a união d'estes mosteiros á Sé de Coimbra.

Assim acabou uma obra de mil annos. Assim deappareceu um monumento antiquissimo.

Assim se extinguiu o velho mosteiro de Cever.

---

fundado segundo uns por Paulo Osorio no sec. V, e segundo outros pelo patriarcha S. Bento, no sec. VI.

E' mais admissivel esta segunda opinião porque, sendo o mosteiro de monges benedictinos (duplex) não podia ser erecto antes do introductor d'esta *ordem* na Europa.

Existiu este convento ou mais propriamente este mosteiro, habitado pelos seus monges, em todo o tempo da dominação mourisca, e só no sec. XI (pelos annos 1090 de J. C.) e desde que ficou sendo apanagio dos bispos de Coimbra, deixou de existir como communidade religiosa.

(Pinho Leal — *Portugal Antigo e Moderno*).

III

Seria esse o primeiro e ultimo mosteiro de Cever?

Não haveria jámais alguem que se lembrasse de construir alguns desses mosteiros, alguns d'esses monumentos, remansosas guaridas de monges? Com certeza que havia.

Nem mesmo podia deixar de haver, em virtude de ser esse um trivial costume da epocha, por todo o nosso dilecto Portugal.

E, como os meus patricios sabem não é facil, nem nunca o foi, ir-se d'encontro á corrente da epocha, ir-se contra um costume enraizado, inveterado; como não é facil, nem nunca o foi a qualquer cidadão o tornar-se completamente alheio aos vicios, ou erros do seu tempo.

Tão potente é a corrente da epocha!!!...

Era, portanto, de prever que este estado de cousas não fosse de longa duração, não viesse a durar mais do que *a vida das rosas, a vida d'uma manhã.*

Foi o que aconteceu.

Em 1135, 41 annos apóz a extincção do primeiro mosteiro, de que já fallei em logar competente, o abbade João Cirita, homem de fama e de grandes virtudes, a par dum caracter franco e leal, de antes quebrar que torcer, fundou em Cever um mosteiro, da invocação de S. Thiago, para eremitas.

Estes, em 1141 (seculo XII), por razões até hoje ignoradas, uniram-se aos eremitas do mosteiro de Tarouca, doando-lhes a sua Egreja de S. Thiago, com todas as suas dependencias.

Essa mesma Egreja de S. Thiago, em novembro do mesmo anno de 1141, foi coutada por D. Affonso Henriques, o primeiro rei da nossa monarchia, o denodado conquistador de Santarem e Lisboa, o arrojado vencedor de S. Mamede e o grandioso heroe de Ourique (1).

* * *

A' vista do que até aqui se tem dito, já os meus caros conterraneos, poderão avaliar a recuada antiguidade da minha terra.

Não obstante a sua antiguidade, nunca teve foral velho, pelo menos conhecido.

---

(1) Ecclesiae S. Jacobi de Sever et ipsis Monachis qui ibi habitant..... et omnibus aliis, qui ibi Monasticum ordinem in presentiarem tenent, vel tenebunt per manus Johannis Tarancensi Abbatis.

(Documento de Vizeu e Tarouca.)

Digo conhecido, porque ha quem diga, á bocca pequena, que D. Soeiro Gondezindes, seu antigo senhor, lhe derá um, mas isto não passa de mera hypothese, de gratuita affirmação, porque nenhum documento ou tradição existe, que a tal se refira.

Teve, porém, foral novo, como o tiveram muitas villas e aldeias, limitrophes da nossa.

Foi dado pelo rei venturoso D. Manoel á villa do Vouga a 18 de março de 1514, e ao concelho de Cever do Vouga em 29 d'abril do mesmo anno de 1514, ou seja no anno em que Portugal se alevantou ao apogeu da sua grandeza, ajudado não tanto pelo mau administrador — o rei D. Manoel, como pelos grandes homens que n'essa epocha appareceram e que foram, por assim dizer, os fautores das nossas glorias nacionaes (1).

Foi para Cever este o facto mais caracteristico no tempo de D. Manoel, como no tempo de D. Affonso Henriques o foi a coutação da Ereja de S. Thiago em 1141, epocha em que já no julgado de Cever a par do Vouga havia tres coutos tão antigos, que nem se sabia por quem tinham sido feitos.

Tamanha era a sua antiguidade!...

E assim nas sentenças do rei lavrador D. Diniz sobre as *honras* e no titulo pertencente ao *julgado de Cever a par do Vouga*, se diz: «*Em a freguezia de St.ª Maria de Cever*, o couto chamado da Hermida, que é

(1) Um e outro foral se encontra no livro dos foraes novos da Extremadura a fl. 84 v. col. 1.ª e a fl. 173, col. 2.ª.

S. Thiago de Tarouca – e o conto chamado de Legiôo que foi de *Johanni* Barbudo – e outro couto chamado de S. Fins que foi de Fernão Rodrigues Pacheco.»

* * *

Antes de passar avante, responderei a uma interrogação, que os leitores n'esta altura terão na sua mente, e é a seguinte: onde ficariam situados os mosteiros?

Ficariam por accaso onde hoje são os paços do concelho, ou aonde?

Não sei. Mas o que é muito provavel é que um dos mosteiros ficasse situado onde fica a Egreja, pois, segundo resam as tradições, a povoação de Cever nos seus primordios foi alli, e alli talvez um seu mosteiro.

O outro é quasi certo ter sido construido no logar da Povoa, como se pode ver pelos vestigios ainda ha pouco lá existentes.

E' isto, senão o positivo, pelo menos o verosimil.

* * *

Se me senti orgulhoso e empavonado ao lêr pedaços de chronicas, que dão á minha terra uma antiguidade afastadissima, muito mais empavonado e orgulhoso fiquei ao ter conhecimento de que esta terra mysteriosa, cujas bellezas naturaes arrebatam a alma e penetram o coração, de que esta mansão da poesia e de amor, foi

berço do celebre e nobre alcaide-mór de Celorico, nascido no couto de S. Fins, solar da sua fidalga familia.

Este famoso alcaide, Fernando (ou Fernão) Rodrigues Pacheco, era aquelle homem dedicado e leal que não quiz entregar o seu castello ao conde de Bolonha, depois D. Affonso III, imitando assim aquelle outro brioso alcaide-mór, Martim de Freitas, governador de Coimbra.

Fernando e Martim eram dedicados d'alma e coração a D. Sancho II, como o mostraram na tristemente celebre deposição do monarcha.

D. Sancho, esse caracter sincero, essa alma piedosa e bôa que viu transformar os loiros das conquistas em cyprestes dos cemiterios das suas esperanças, teve uma historia tetrica e negra, como tetrica e negra é a propria morte, como tetrico e negro é o tumulo das alegrias mortaes.

Foi, como os leitores muito bem sabem, depôsto no *Concilio de Lyão* por uma bulla expedida em 1245 (seculo XIII) de Innocencio IV.

Em virtude desta bulla dava-se a D. Affonso a regencia do reino, sem contudo tirar a corôa da sympathica fronte do desventurado rei, do desgraçado conquistador das praças de *Elvas, Juromenha, Moura, Serpa* e *Mertola.*

E então o infeliz, que não podia presenciar com bons olhos os factos relatados, preferiu á patria o exilio de Tolêdo, como o bandido prefere as caliginosas trevas da noute, á sublime e rutilante luz do sol.

Foi, pois, a uma terra extrangeira que sua alma

nostalgica pediu alguns palmos de terra para ahi dormir o somno dos ausentes, e esconder seu corpo que, em breve, iria entrar em decomposição, sujeito á inexoravel e universal lei da chimica.

A sorte que teve D. Sancho, coube tambem á sua idolatrada e formosa esposa D. Mecia Lopes de Haro, que passou subitamente ao desterro, por ordem dos partidarios de D. Affonso, que a enviaram para Ourém.

Triste situação a de D. Sancho e D. Mécia!!...

Casualidades e pessimismos da vida, que me abalaram profundamente ao ter conhecimento d'estes factos, e que me levaram a proferir, espontaneamente, esta phrase: *Se eu fôsse optimista, á vista d'isto, deixaria de o ser.*

Não quero com isto dizer que eu siga o pessimismo.

Não. De nenhum modo.

Pois tanto o pessimismo como o optimismo, quanto a mim, pu-los de parte, uma vez que vi, que, neste cosmos que habitamos como de passagem, á lagrima succede o riso, á dôr o gôso, á tempestade a bonança e á caliginosa noute os almos risos da madrugada.

Dest'arte, entre os dois extremos optarei pela mediania.

E' o caminho a seguir.

* * *

D. Affonso, esse monarcha ambicioso e antifrater-

nal, esse coração vazio de delicadezas da sentimentalidade, esse caracter leviano em questões de affecto conjugal, como o mostrou claramente repudiando a desventurada condessa de Bolonha, D. Mathilde, para desposar D. Beatriz, filha natural de D. Affonso X de Castella, foi acclamado rei, de direito, quando morreu seu irmão D. Sancho em 1248, pondo de remissa o nome de *defensor e procurador do reino*, titulo com que havia governado em vida de seu irmão.

Conhecendo-se á evidencia que todos os effeitos teem suas causas, perguntar-me-hão os leitores quaes as que motivaram estes variados eventos, estes diversos acontecimentos.

As causas, dir-lhes-hei, devem-se em grande parte á pouca energia do monarcha e aos incalculaveis abusos que os nobres se acostumaram a praticar, durante a menoridade do rei, abusos que o dito monarcha não conseguiu cortar, como já o não conseguira o seu querido progenitor D. Affonso II, que tambem não teve a precisa energia para submetter a nobreza, e em parte o clero, nem o preciso talento para attrahir as classes populares que lhe prestariam auxilio valioso, se não decisivo.

Foram estas e só estas.

* * *

Voltando a fallar de Fernão Rodrigues Pacheco, sou a dizer que descendentes desta familia não os ha

do ramo de Cambra, mas sim do de Cever; pelo menos ainda em 1886 existia Guilherme Telles d'Araujo Pacheco, bacharel formado em medicina, actual medico do partido da camara de Valença do Minho, irmão de D. Mathilde Maxima de Figueiredo Pacheco e de João Figueiredo Pacheco de Araujo, bacharel formado em direito, já fallecido.

Todos estes eram filhos de D. Maria Candida de Figueiredo Pacheco que nasceu a 19 de Abril de 1800 e é fallecida, e de João Francisco d'Araujo Pacheco, capitão-mór de Cever do Vouga, que tambem já falleceu.

Esta D. Maria Candida de Figueiredo Pacheco era irmã de Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, 1.º visconde d'Aguieira, fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 4 de outubro de 1863, Senhor da casa d'Aguieira, bacharel formado na faculdade de direito pela Universidade de Coimbra, antigo administrador do concelho d'Agueda (cargo que exerceu durante nove annos seguidos), procurador á junta geral do districto d'Aveiro em 1863 (sendo-o egualmente no quatrienio corrente), presidente da camara municipal do concelho d'Agueda em seis annos consecutivos, e deputado ás côrtes pelo circulo d'Agueda e Albergaria-a-Velha na legislatura de 1879.

Nasceu a 16 d'abril de 1816.

Casou a 22 de setembro de 1850 em primeiras nupcias com sua prima D. Maria de Mascarenhas Telles de Mancellos Pacheco, filha de Joaquim Mascarenhas Telles de Mancellos Pacheco e de sua mulher D.

Maria Carolina Bandeira da Gama, de Torre-Deita, concelho de Vizeu, fallecendo sem descendencia a 7 de novembro de 1851.

Passou a segundas nupcias em 29 d'abril de 1868 com Maria Ignêz Caldeira Pinto Geraldes de Bourbon, que nasceu a 22 de dezembro de 1842, filha dos 1.os Viscondes da Borralha, Francisco Caldeira Pinto Leitão d'Albuquerque, já fallecido, e de sua mulher D. Ignez de Vera Geraldes de Mello e Bourbon, da casa dos marquezes da Graciosa.

Não teve descendencia.

Foram seus irmãos (do visconde):

Agostinho Pacheco Telles de Figueiredo, D. Emilia Carlota de Figueiredo Pacheco Telles, D. Engracia Ludovina de Figueiredo Pacheco Telles, D. Maria Candida de Figueiredo Pacheco, Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, D. Anna Casimira de Figueiredo Pacheco Telles, João Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles, D. Luiz Augusto de Figueiredo Pacheco Telles.

O visconde é o decimo e o mais novo dos irmãos.

Foram seus paes José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles, fidalgo da casa real, bacharel formado em leis, proprietario da casa d'Aguieira e administrador do morgado de Lourosa de Besteiros e antigo monteiro-mór do concelho do Vouga e seu districto na comarca d'Aveiro, que nasceu a 18 d'agosto de 1752 e falleceu a 5 de maio de 1817, e D. Maria Luiza de Ma-

galhães que nasceu a 3 d'abril de 1758 e morreu a 8 de maio de 1821.

* * *

E' isto e só isto o que sei.

E foi o que pude espiolhar nos rôtos, massadores e escassos documentos que o acaso me trouxe ás mãos.

E assim fecho o capitulo, porque as forças e a paciencia teem limites, sobretudo n'uma epoca, como a nossa, de verdadeiro rachitismo tanto phisico como moral.

IV

Sem ir mais longe, é justo que se diga alguma coisa acerca d'algumas freguezias do concelho de Cever, que tambem teem suas notas historicas, que tambem foram proscenio de factos mais ou menos dignos de serem conhecidos e apreciados pela posteridade. No numero dessas freguezias occupa logar proeminente *O Couto d'Esteves.*

Este Couto, em tempos preteritos, gosou a dita de ser concelho, e então era constituido pelas povoações seguintes: *Couto d'Esteves, S. Fins, Linheiro, Irigo e Roccas.*

Já antes e muito antes se dava o nome de Couto d'Esteves ao conjuncto de todas estas povoações. Isto por muito tempo, talvez por mais de sete seculos.

Mas, como as cousas humanas estão como um sensivel thermometro, ou como as ondas do «salso» mar profundo numa continua mutabilidade, segue-se d'ahi que o dito Couto não se conservou sempre ca-

beça de concelho; pois deixou de o ser em 1836, indo formar parte do de Cever do Vouga, ao qual hoje ainda pertence.

Antes de 1836, quando era concelho tinha varias auctoridades, a saber: juiz ordinario, escrivães, officiaes de diligencias, etc., administrador (provedor) do concelho, camara com cinco vereadores e escrivão, etc...

Isto quando era concelho; pois quando era simples couto apenas possuia um juiz ordinario, dois vereadores, um escrivão e meirinho.

Sabe-se pelas tradições que em tempos muito afastados esta terra pertencera a um antigo conde, que uns dizem ser de origem goda, outros de origem arabe, e o maior numero reputa-o, com mais razão, não moiro, nem arabe, mas christão e português.

Inclina-se, como disse, grande numero a tel-o como christão portuguêz por constar, á bocca cheia, que fora elle e só elle o fundador duma capella que hoje serve de altar-mór da Egreja-matriz, no anno de 1177, quando em Portugal reinava com grande criterio e actividade o poderoso e activo D. Affonso I, esse monarcha valente que soube e poude como ninguem dilatar as nossas fronteiras, que nesses tempos occupavam um horisonte demasiadamente pequeno. Bem haja tal monarcha, de saudosissima memoria!...

Seja, porém, como fôr, o que se segue é que elle ahi existiu e ahi governou com poder absoluto, julgando sem recurso ainda mesmo em pena de morte, poder este que possuiam quasi todos os antigos senho-

res, que mandavam enforcar fôsse quem fôsse, á laia dos seus caprichos, á medida dos seus desejos.

Isto é que é a verdade, a pura logica dos factos.

* * *

Nesses tempos de barbaridades e obscurantismos, em toda a parte se descobriam meios de tortura, por toda a parte se levantavam forcas.

Tambem proximo á villa do Couto, no sitio do Ramillo, existiu uma de pedra, no edificio que foi da casa da camara e que a junta destinou para a casa da aula de instrucção primaria.

Ainda ha pouco lá havia e provavelmente ainda hoje lá existe, um cutello, correntes, mordaças, uma enorme balança, etc., além de muitos outros instrumentos de tortura e utensilios, cuja applicação se ignora.

N'esse mesmo edificio está ou estava ainda ha pouco uma arca com variados documentos, manuscriptos antigos, illegiveis na sua totalidade, pelas precarias circunstancias em que se encontram.

Perto fica o pelourinho que ainda se conserva de pé, apesar da sua provecta edade 4 vezes secular.

* * *

Fallando da sua genealogia, tenho a dizer que esta pequena, mas productiva terra, foi o solar dos Sequei-

ras e Quadros, conhecida pelo nome de quinta da Fonte, sita no logar do *Couto de Baixo*.

Esta casa e quinta foi instituida em morgadio por Francisco Tavares Coutinho.

Este homem teve 5 filhas e 2 filhos, dos quaes um destes foi bispo de Portalegre e outro lente na Universidade de Coimbra. Quanto ás 5 filhas foram todas freiras, 4 no real mosteiro de bernardas d'Arouca, e uma em Coimbra.

Era este um costume dos seculos passados, seculos que bem podiam ser baptizados com o nome de seculos de *freiras*, pois é sabido de todos que o numero das freiras era fabuloso, por isso mesmo que era internada nos conventos qualquer rapariga que seus paes não desejavam ver casada.

D'ahi os varios abusos que se deram, abusos de que eram culpados os paes que introduziam nessas habitações as suas filhas sem lhes conhecerem vocação absolutamente nenhuma para freiras.

Terrivel costume da epoca em que já, como hoje, se tinham as vocações como coisas de pouca monta!

O primeiro morgado foi Francisco Tavares Coutinho, e o ultimo o honrado e illustrado cavalheiro Antonio Cardôso de Barros Loureiro Sequeira e Quadros, que viu o rutilante sol da sua terra no anno de 1811, e lhe deu o ultimo adeus a 14 de março de 1864.

Morreu solteiro e sem deixar descendencia, pelo que todos os seus haveres passaram, por disposição testamentaria, para o dominio de sua irmã, D. Maria

Benedicta Sequeira de Quadros, casada com o Snr. Dr. Alexandre Soares Gomes Feijão e fallecida a 17 de maio de 1906, tendo de edade 88 annos.

Era filha do dr. José de Sequeiros Seixas Cardoso e de D. Maria Tavares da Silva de Quadros Coutinho.

Esta senhora ficou, em virtude do testamento, obrigada a vestir annualmente cinco pobres da freguezia, de ambos os sexos, bem como emprazada a remover para um carneiro, construido no cemiterio publico da freguezia, os restos mortaes do seu querido irmão, que uma vez morto, foi logo embalsamado na sua capella de S. Geraldo, situada dentro da Egreja matriz, onde por muitos annos dormiu o somno dos ausentes.

Tambem consta do mesmo testamento e do proprio assento de obito onde se declara que elle era solteiro e sem filhos, a obrigação de dar esmola a todos os pobres que á hora do meio dia lá fossem ter. A esmola constava de uma tigella de caldo e pão. Havia dias de se juntarem lá 30 e mais pobres. Essa obrigação acabou com a sua morte.

São estes os apontamentos que pude angariar, referentes a esta terra. Tudo o mais que della ha dizer é de somenos importancia, e que outro valor não tem, a não ser encher papel sem utilidade dos caros leitores, de cuja paciencia não quero abusar.

Ponho portanto neste assumpto ponto final para ir tratar de *Cedrim* ou *Sedrim*, uma outra freguezia mais ou menos historica, pertencente ao meu concelho.

CEDRIM ou SEDRIM

Para acompanhar, ou mais propriamente para seguir a ordem alphabetica das freguezias de que tenho a fallar, cabe-me agora aqui dizer duas simples e desataviadas phrases relativas a Cedrim, povoação tambem innegavelmente mais antiga do que a nossa monarchia.

Apezar d'isto passa desapercebida a sua fundação pelo simples motivo de não ter representado papel importante na historia das antiguidades.

E' por isto, e só por isto que a sua fundação passa por alto. Não obstante gosa esta terra dum certo valor.

Tambem se sabe por documentos historicos, que n'este povo houve um mosteiro de benedictinos, mosteiro antigo, mas de fundação ignorada.

O relatado mosteiro já tinha vida em 1017, epocha em que a esta parochia se dava o nome de *Cedarim*. D'esta terra, diz-nos o illustrado escriptor do *Domingo illustrado*, as palavras seguintes, que bem deixam conhecer a sua antiguidade, e o quanto ella merece a memoria, consideração e sympathia dos antiquarios, dos amigos das cousas antigas, como eu sou: «Nos documentos do mosteiro de Pedroso (Villa Nova de Gaya) encontrou-se um rol ou antes um inventario, feito no anno de 1017, mencionando as propriedades de um individuo, adquiridas no tempo em que o rei de Leão D. Affonso IV, residiu em Monte-mór.

«Dos referidos documentos se vê que o feliz possuidor de tão importantes bens se apressou em vendê-los a um filho de D. Flamula e do conde D. Mendo Lucis, governador da Terra da Feira, e com realengo et condado et mandamento in -- rripa - Agata. Entre os bens mencionados encontramos metade da egreja de Recardão e metade do mosteiro de Cedarim.

Pelos modos a acquisição desta metade do edificio foi para completar a posse, porque o comprador, D. Gonçalo, era já proprietario de metade.»

* * *

A terra de Pecegueiro cujo orago é S. Martinho, é tambem notavel pela sua longinqua fundação. No dizer d'alguns documentos já existia esta povoação antes do conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza tomarem conta de Portugal.

Nas *inquirições reaes* a que mandou proceder o notavel rei D. Diniz em 1282 se lê: «*Na aldeia de Sever de Pecegueiro do Vouga tem a ordem do Spital hum casal que paga a terça do que matar no rio e as pimariças* (primeiras lampreias que se pescam em cada anno) *que ha a dar a El-Rey, e rousso, e omizio, e merd.... em boca.*» (Doc. da Torre do Tombo).

Está esta freguezia sobre a margem direita do rio Vouga (o Vacca dos antigos).

E' navegavel da freguezia de Pecegueiro para baixo. Seria de grande utilidade para o commercio, agricultura

e industria, levar a effelto a ideia de tornar navegavel o Vouga desde esta freguezia até S. Pedro do Sul, porque este canal atravessando parte do centro da Beira Alta, attrahiria á barra d'Aveiro grande quantidade de fructos d'aquella fertil provincia. Eis as notas que conheço respeitantes á freguezia de Pecegueiro, que se notabilisa pelos campos lindos e ricos em laranjaes, e arvores fructiferas.

* * *

Toda a vez e hora que fallo de Pecegueiro vem-me logo á mente o nome d'um benemerito que contribuiu como ninguem para a restauração, augmento e renovação da freguezia d'este nome.

Refiro-me ao benemerito cidadão que a posteridade tem sempre abençoado, na fama de sancto. Fallo duma alma generosa, dum caracter cheio de brio e dum coração que sempre transbordou do mais extremado affecto, fallo, enfim, do generoso e caritativo abbade que se chamou Manuel Dias Santhiago a cuja memoria presto a minha homenagem sincera, por isso mesmo que elle póde ser contado no numero daquelles que passaram pelo mundo *fazendo o bem pelo bem.*

Pecegueiro deve-lhe uma divida enorme, pois, como a sua obra o mostra, elle foi dos abbades o que mais curou da restauração material e moral da terra.

A sua obra é a sua biographia. A sua acção o melhor pergaminho que lhe sobredoira a sua saudosissima memoria.

Era um padre trabalhador, como se deduz das obras que mandou fazer entre as quaes se conta: a *Egreja*, a *torre*, a *ponte do Vouga* e a *do rio Mau*, obras que estão inseridas no seu epitaphio, como que a servir-lhe de biographia.

Jaz em campa raza na Egreja da freguezia, sob o pulpito. Era, pois, um verdadeiro homem d'acção, um verdadeiro modelo de padre, que apezar de viver em tempos afastados já conhecia bem que o padre se não deve limitar unicamente ao seu breviario, nem se deve acantonar no ambiente das sacristias, mas sim ter um horisonte d'acção mais vasto e complicado.

E' a sua missão que o exige.

Para maior esclarecimento do que elle foi em vida, leia-se um pequeno artigo que o bem redigido *Correio d'Albergaria* inseriu nas suas paginas em dezembro de 1905, ou janeiro de 1906.

Diz esse artigo:

«A ponte de Pecegueiro sobre o Vouga não é propriamente uma obra d'arte: representa apenas o merito de Manuel Dias Santhiago, Abbade que foi d'aquella freguezia e que, pela sua philantropia e abnegação, vinculou indelevelmente o seu nome no espirito de todos os que delle tiveram conhecimento.

Era naquelle tempo o local, onde hoje floresce a povoação da Ponte, sitio silvestre e alcantilado e até

perigoso para os habitantes de Paradella no seu trajecto para Pecegueiro, de cuja freguezia faziam parte.

A passagem de uma margem para outra faziam-na em pequenas barcas, que nem sempre podiam navegar, em virtude da desegualdade das estações.

O solicito pastor não podia levar-lhes, como devia, os auxilios espirituaes muitas vezes reclamados; nem os habitantes de Paradella podiam dar á terra os cadaveres dos seus, quando era preciso, mas muitas vezes só quando o Vouga deixava.

Por isso o generoso Abbade concebeu o plano de erguer uma ponte sobre as fragas ingremes duma passagem mais estreita do rio.

Magestosa pela sua altura, tem arrostado as edades e as impetuosas investidas das aguas que muitas vezes teem chegado á altura dos seus olhaes.

Em 1872 foi para ella conduzida a estrada districtal e então foi alargada com passeios lateraes de cantaria, collocados sobre *cachorros.*

E, desde ahi, o sitio habitado de feras, começou a ser um dos mais apraziveis logares do concelho de Sever em que agora está convertido.

Modernamente a Camara d'aquelle concelho aproveitou-a tambem para a passagem municipal das Baralhas ás Talhadas.

O benemerito cidadão, cujo nome a posteridade tem sempre abençoado na fama de santo com que o venera, jaz, por determinação sua, em campa raza, sob o pulpito da Egreja, que reedificou e por tão pouco

tempo pastoreou e cujo epitaphio aqui deixamos copiado, a servir-lhe de resumida biographia.

O ABBADE

Manoel Dias Santhiago tomou posse em 21 de fevereiro de 1807, fez a egreja, a torre, a ponte do Vouga e a do rio Mau, deu-lhe paramentos ricos e o sino grande, instituiu o legado das moças pobres e o da fabrica, deu 9 annos a renda dos seus freguezes e morreu rico em 26 de Janeiro de 1827 e jaz nesta sepultura.»

* * *

No numero das terras notaveis pela sua antiguidade, e pela sua nobre genealogia, tambem está *Roccas do Vouga*, povoação que outr'ora pertenceu ao concelho do Couto d'Esteves e que hoje faz parte do de Cever.

Teve berço nesta terra o 18.º bispo do Porto, o illustrado D. Pedro Rabaldes.

Foi-lhe dada a mitra da cidade da Virgem, da nobre cidade do Porto, por seu tio D. João Peculliar.

Quando a recebeu, já tinha desempenhado por alguns annos o munus de Arcediago da mesma Sé.

D. Affonso, o glorioso fundador da nossa monarchia, estava preso a D. Pedro Rabaldes pelos laços da mais sincera amizade, como á evidencia o mostrou nas diversas doações que fez á relatada Sé, que o dito bispo dirigia como pastor que era.

Diz-se até que em 1114 elle lhe dera metade da dizima de todas as barcas que dos lados da França abordassem á commercial e trabalhadora cidade do Porto.

Mas tal generosidade calou tão profundamente no coração do bispo, que elle offereceu ao rei, d'accordo com os conegos da sua Sé, cem maravedis d'oiro, dadiva que o monarcha, de bom grado, acceitou (1).

Annos depois doou-lhe gratuitamente a herdade e o casal de Lariz e o couto e o mosteiro de S. João de Vallerio, actualmente S. João de Vêz, com todos os foros, rendas e passaes na terra da Feira.

O casal de Lariz foi coutado já em tempos, em que a mitra pertencia ao bispo D. Martinho (2).

---

(1) Maravidi ou Maravedi ou ainda maravedil era uma moeda antiga equivalente a 400 ou 500 reis.

Tambem se dava o nome de maravedis ao soldo ou quantia que el-rei dava a quem o servia, principalmente a seus vassallos para sustento e governo. (Ord. Af. 4-53. 2. f. 193. e f. 99 e 5.59. 16. f. 233). «Os vassalos que de nós houverem couthia e forem escritos no nosso livro dos maravedis fidalgo que tenha maravedis de nós ou de rico homem por ser seu vassalo» Ord. Af. 5. 7. 2. §. Cartas de maravedis; desembargos, cedulas ou alvarás para se pagarem a quem os tinha, e os cobrava de el-rei. (Ord. Af. 1. 74. 11. §. Os maravedis: tiveram valores diversos, mais ordinariamente e nos ultimos tempos de 27 até 20 reis, de 6 ceitis o real.

(2) Foi este D. Martinho que teve um conflicto com o monarcha, então D. Sancho I, do qual resultaram effeitos desastrosos para o prelado, sendo até obrigado a fugir depois de

A amizade de D. Affonso Henriques com D. Pedro Rabaldes era tão antiga que já antes d'aquelle monarcha subir ao throno, havia feito varios favores ao seu particular amigo.

Porem essa sincera e enraizada amizade finalizou em 1145, com a morte do bispo D. Pedro, que deixou a vida nesse mesmo anno, sobrevivendo-lhe ainda seu tio D. João Peculliar, então arcediago de Braga, onde foi prelado durante 38 annos.

* * *

Antes de dar cabo a estas pequenas notas sempre quero dizer o que sei d'esse celebre D. João Peculliar.

E então direi, que o illustrado prelado era oriun-

---

seus bens lhe terem sido confiscados. A causa d'esta indisposição foi devida á protecção que D. Sancho prestara ao cabido da Sé do Porto, com quem o prelado teve desavenças, por causa da distribuição das rendas da diocese. Mais tarde tornou a ser reintegrado nos bens e na diocese D. Martinho Rodrigues, e então, por decisão de Innocencio 3.º, reprovou o casamento do principe D. Affonso, herdeiro da corôa, com a filha do rei de Castella, a pretexto de serem os conjuges primos, e recusou-se até a recebel-os na occasião que elles passaram pelo Porto. Tal procedimento encolerisou o rei D. Sancho, que, n'um conflicto entre o bispo e os habitantes, defendeu o partido d'estes. Por causa d'isto o bispo de Coimbra, partidario de Martinho Rodrigues, foi preso por entrar n'um violento conflicto com o monarcha. Todas estas discordias terminaram com a morte do monarcha.

do da christianissima França, d'onde viera na qualidade de mestre-escola da Sé de Coimbra.

Uma vez ahi, e ajudado por um seu collega de nome D. Tello, arcediago de Coimbra, fundou o mosteiro de *Santa Cruz de Coimbra*, obra importante, que ainda existe, magestosa e sympathica, como magestosa e sympathica é a antiguidade que a reveste.

Um dos factos da vida de D. João Peculliar, quando era arcebispo metropolitano de Braga, foi em 1163 a canonização de S. Theotonio, padroeiro de Vizeu, em cuja cathedral existe uma reliquia encastoada em prata, exposta á veneração dos fieis.

O santo, cuja festa se realisa a 18 de fevereiro, foi um honrado e forte português, um caracter austero e immaculado, uma alma pura e um coração diamantino, um anjo do Bem e um apostolo dos opprimidos; foi, emfim, um d'esses trabalhadores incançaveis, que só aspiram pelo bem, que apenas teem um credo: o da *justiça;* apenas uma aspiração: a *Fraternidade;* e apenas um ideal – a *Liberdade e o amor.*

Eis porque, fallando-vos de S. Theotonio, eu o faço não só com muito interesse, como com immensa satisfação.

Para se ficar sabendo bem o que foi o homem (hoje santo) que se apodou em vida Theotonio, leia-se um artigo do Ex.mo Snr. José d'Almeida e Silva, distincto pintor Viziense, publicado a 18 de fevereiro de 1906 no numero 1754 da «Folha», importante bisemanario nacionalista de Vizeu.

Como nem todos terão facilidade em adquirir tal numero, vou transcrever para aqui, na integra, o artigo:

S. THEOTONIO

«Celebra hoje a Egreja Lusitana a memoria deste santo, padroeiro de Vizeu, em cuja cathedral é exposta a reliquia, encastoada em prata, do radio e cubito do seu braço direito.

E' sempre com emoção que contemplo estes restos do braço democratico, livre, patriota e justiceiro do honrado e forte português que com outros — bem poucos mais — cimentou os alicerces da nossa nacionalidade.

O seguinte pequeno bosquejo historico prova a asserção deste periodo:

No principio do seculo XI era segundo prior da Sé de Vizeu D. Theotonio, portucalense de Ganfei, junto a Valença do Minho, que succedera a seu tio D. Theotonio, primeiro na crossa deste priorado.

A rainha D. Thereza, ainda nova e bella, enviuvara ha pouco de seu marido o conde D. Henrique; mas, presa d'amores pelo conde gallego Fernando Peres, veio assentar côrte em Vizeu, para, aqui, no meio desta risonha paisagem da Beira, mais socegadamente expandir o seu criminoso enleio que breve expiaria no forte castello de Lanhoso.

Por este tempo lavravam já as discordias entre o jovem e fogôso principe Affonso Henriques e sua mãe;

e o condado, por elles começava a dividir-se em dois partidos antagonicos, que, qual tempestade accummulando-se no horisonte, indicavam proxima a batalha de S. Mamede.

O prior D. Theotonio, era como todos os ricos homens e infanções da behetria de Vizeu, pelo partido da razão e da justiça, personificando na pessôa do môço principe, o futuro e terrivel Hibn Hiarik dos moiros.

A fama das virtudes do prior da Sé de Vizeu, estendia-se por todas as terras do condado portuculense, e já uma aureola lendaria de santidade circumdava o seu rosto de homem forte e austero, no qual se accentuava uma confiante, mascula e viril expressão, que bem se adivinha ainda hoje, examinando no museu da Sé nova de Coimbra o seu craneo de forte ossatura, grande tamanho e raridade de forma em cujos maxillares avultam quasi todos os dentes de um puro marfim e da mais bella estructura.

Anciava a rainha D. Thereza por trazer para o seu partido o prior D. Theotonio, e, para isso, lhe offereceu a dignidade episcopal da Sé de Vizeu, que desde o pontificado do bispo Sisenando se achava vaccante.

O santo prior recusou a dignidade offerecida e manteve-se fiel ao seu partido.

Daqui resultou uma progressiva animadversão entre o prior e a rainha, a qual não ousava pôr mão violenta sob o respeitavel sacerdote, cuja fama, preponderancia e virtudes se lhe impunham, impedindo nella

a realisação de qualquer vingativo proposito, o que era bem frequente naquelles tempos rudes.

D. Theotonic sabia isto; e forte na honestidade da sua alma impunha-se e dominava a rainha, censurando aberta e publicamente o seu antipatriotico e criminoso procedimento.

E assim, num dia em que D. Thereza, por motivos futeis, desejava ouvir missa mais cêdo do que de costume, mandou dizer por um pagem a D. Theotonio, que na sacristia da Sé se paramentava para o santo sacrificio, «que se aviasse, porque tinha pressa»,

A resposta do prior foi esta: «Dizei á rainha que no ceu ha outra Rainha muito mais excellente, a quem eu determino offerecer esta missa com summa veneração e pausa; e que, se Sua Alteza tem necessidade do tempo, em sua mão está o ausentar-se quando fôr servida».

De outra vez, pregava o prior; em meio do religioso silencio dos fieis ouvintes, rebenta brusco o rumôr faustoso da rainha, que saindo dos paços proximos, entrava pela Sé dentro amparada ao braço do conde Fernando Peres, e seguida pela sua côrte galhofante e libertina.

D. Theotonio, indignado pelo irrespeitoso desacato, fez pausa subita no seu discurso, levantando-se da cathedra prioral, no aprumo dos seus trinta annos e gigantesca estatura, por entre os seus conegos regrantes que o fitavam attonitos, estendeu o braço direito solennemente, inexoravelmente para a rainha, para o seu

amante, para toda a sua côrte que assim ousava transformar o templo em casa de tabolagem e amaldiçou-os em nome de Deus!...

A rainha, humilhada, confundida pela maldição do prior, pediu-lhe perdão, indo acolher-se envergonhada aos seus paços, que ficavam contiguos, no chão que hoje occupa o claustro e dentro da antiga fortaleza romana, ao tempo quasi intacta.

Esse braço intemerato que tão altivamente expulsou a rainha D. Thereza, na mais vehemente censura ao seu criminoso viver, é o mesmo que transformado em santa reliquia, se venera hoje na cathedral viziense.

Braço de santo ou de simples homem virtuoso, elle representa a resistencia contra a oppressão dos poderosos; elle symboliza o respeito e a ordem contra as illegalidades, contra os abusos e atropêllos.

E', pois, um braço egualitario, democrata, profundamente christão, que se impõe a todos sejam quaes forem os seus credos e orientações religiosas.

Aquelle braço representa a justiça que é a suprema expressão da dignidade humana.

Impõe-se, portanto, ao respeito e á veneração de nós todos, homens d'hoje, que apenas reconhecemos duas superioridades – a da virtude e a da intelligencia.

* * *

Tem neste artigo cabimento a transcripção de f. 24 do 1.º volume do *Catalogo dos Bispos de Vizeu*

que o padre Leonardo de Souza escreveu em 1767, cujo manuscripto pertence hoje ao distincto professor e homem de lettras dr. Maximiano de Aragão, que bondosamente me facultou a sua leitura.

Eis como o erudito auctor do *Epitome Carmelitano* descreve a entrada da reliquia de S. Theotonio, vinda de Coimbra na cidade de Vizeu:

«S. Theotonio foi canonizado em 1163 pelo arcebispo metropolitano de Braga D. João Peculliar, precedendo a informações authenticas do bispo diocesano D. Odorio.

«Passados porem 440 annos, o tomou a cidade de Vizeu por seu padroeiro; e a requerimento do seu proprio bispo D. João de Bragança, clero e povo, vieram de Santa Cruz de Coimbra duas canas do braço direito do mesmo Santo, por insignes reliquias no anno de 1603, e dois articulos da mão para o mesmo prelado.

«Com apparato grande foram recebidos dos moradores vizienses aos 13 do mês de fevereiro, mostrando todos nos festivos applausos dos sinos, charamelas, trombetas, luminarias, fogos, comedias e mais festas (menos touros, que os exceptuou o mesmo prelado) o grande gosto que tinham de executar todas estas demonstrações de alegria com a maior solennidade e grandeza que foi possivel.

«Como os cavalleiros e nobres da cidade quizeram ostentar com especialidade a grande veneração que faziam das mesmas santas reliquias, as acompanharam setenta e dois que então havia, desde a ponte até á quinta de Fontello e capella de Santa Martha.

«No dia 18 do mesmo mez, foram levadas do mesmo sitio com solemne pompa, como no dia de Corpo de Deus se costuma fazer em procissão pelas 7 horas da manhã, até á Sé por tôda a cidade.

«Recolhida a procissão, se começou o Pontifical que celebrou o mesmo prelado, fazendo nelle o sermão o reverendissimo D. Francisco da Esperança, conego regrante de Santo Agostinho, que de Coimbra, com outros seus dois companheiros, D. Raphael e D. Gaspar, vieram conduzindo as mesmas sagradas reliquias.»

* * *

De reconhecida antiguidade é, tambem, Silva-Escura, como se pode ver nas *inquirições de el-rei D. Diniz*, onde se lê o seguinte documento encontrado no mosteiro de Grijó – documento que nos mostra á luz da evidencia que Silva-Escura já existia no quadro do mundo, no recuado tempo do rei lavrador.

Diz o documento: «*Disserom que na aldeia de Silva-Escura ha el-rey quatro casaes e devem a dar per Paschoa dous queijos com senhas, fazeduras de manteiga, e com cinco ovos e senhas feixes de lenha pàra a fogueira.*»

Esta freguezia, que hoje occupa um valle lindo e poetico, como linda e poetica é a poesia que encerra, foi out'rora abundante em silvados e matagaes, que lhe interceptavam a claridade, e d'ahi lhe veio um nome que destôa bastante daquillo que a freguezia é hoje.

Pois, verdade – verdade, quem vê hoje Silva-Escura arborizada e fertil, guardada pelas serras do Arestal e Folgôso, e banhada pelas cristallinas aguas do rio *Mau*, sente-se alegre e arroubado, com uma alegria e arroubo que a toda a gente faz bem.

Tamanha é a lindeza do valle a que se dá o nome de Silva-Escura!

Esta terra cuja existencia é de pouco brilho historico, tem, sem duvida alguma, mais edade do que a dynastia Affonsina.

Da fundação do povoado nada consta.

Temos, por exemplo, a capella de N. Senhora da Graça, tão antiga que nem sequer ha quem a explique pela tradição.

O abbade Belchior de Brito Robles que viveu no seculo XVII, mandou-a reedificar em 1660 como consta duma lapide embutida na parede interiormente, do lado da epistola, lapide que hoje está quasi inintelligivel.

Segundo contam os antigos, a primitiva egreja parochial era na serra, acima de Dornellas, onde ainda hoje existem umas terras, chamadas *terras da Egreja;* porém, como se tornasse difficil ao povo, o ter de subir, aos domingos e dias santificados, tão escabroso monte, a fim de ouvir missa, resolveram edificar a mencionada capella em epocha que se ignora.

Era na capella que se desempenhavam todas as funções do culto até que se fez a actual Egreja matriz, templo que só foi construido, quando se arruinou a pri-

mitiva egreja do alto da serra, cujos materiaes serviram para aquella.

A inscripção que se encontra do lado da epistola, na capella da Senhora da Graça, quasi inintelligivel é a seguinte que para aqui transcrevo com aquellas lettras que lá se veem:

MELCHIOR. BRITO. ET. ROBLES.
I. V. D. PROT. APOST. ABBAS.
SILVAE. OBSCVRAE. SACELLVM.
HOC. VET. VSTATE. COLLA PSV-
MA. FVNDAMENTIS. EREXIT.
ANNO. CHRISTI. 1662.

Este é o letreiro que lá se encontra e que me parece já não estará conforme, pois tem ahi palavras que se não leem e que não formam sentido.

Foi o supramencionado abbade o que a mandou reedificar em 1662. Em 1837, por determinação testamentaria do virtuoso abbade João Cypriano d'Assis e Moraes, que no centro da mesma se acha sepultado, foi alteada com o fim de ahi ser collocada a imagem do Christo que o dito abbade para lá deu, como consta do seu testamento.

Aos pés d'esta imagem ordenou elle que collocassem a chave do seu caixão, onde ainda hoje se vê uma gaveta, a qual, em vez da chave possue um bocadinho de madeira, envolto n'um papelinho; provavelmente alguma reliquia.

O que me parece, pelas falhas d'algumas pedras da sua sepultura, é que ella já foi violada, e a chave tirada do seu logar. Demais diz-se por lá, á bocca cheia, que elle se conserva ainda hoje inteiro... logo é porque foi visto por alguem n'esse estado.

Seja, porém, como fôr, o que se sabe positivamente é que elle está sepultado no centro da capella com o letreiro que vae ler-se a servir-lhe de epitaphio:

AQVI JAZ JOÃO CYPRIANO DE ASSIZ ET MORAES, ABBADE QVE FOI DESTA FREGVEZIA DE SILVA ESCURA FALLECIDO AOS 30 DE AGOSTO DE 1836 PEDE AOS QVE AQVI ENTRAREM REZEM A. N. SENHONHA HVMA AVE MARIA POR SVA ALMA POR CHARIDADE.

Duas alterações soffreu esta capella: a 1.ª em 1662 pelo abbade *Robles* e a 2.ª em 1837 pelos herdeiros do abbade Moraes. Ambas estas datas se leem do lado da epistola, estando a primeira d'estas gravada em pedra, e a segunda escripta a tinta. Hoje tem a capella d'altura 18 a 20 palmos. Comprimento 25 palmos. Largura 15 palmos. Antes de ser levantada em 1873 não contava mais de 11 palmos d'altura. Tem o rendimento de 60$000 reis desde tempos immemoriaes, com a obrigação de lhe ser feita uma festa annualmente no dia 15 d'agosto, constando de Sermão e missa cantada.

* * *

Posto isto vou transcrever para aqui o testamento do Abbade João Cypriano d'Assis e Moraes, cuja copia me emprestou o muito digno professor official de Silva Escura, José Joaquim Rodrigues, o distincto jornalista, o illustrado colleccionador d'objectos antigos, o assiduo collaborador do fallecido jornal *O Timbre*, o homem que apezar de não ter frequentado muitas escolas, é todavia um dos mais illustrados, se não o mais illustrado da freguezia de Silva Escura.

O testamento é o que se segue: «Tendo feito em nome da Santissima e Indivisivel Trindade Padre, Filho, Espirito Santo, e um só Deus em Tres Pessoas, todos os protestos de verdadeiro christão catholico, que deixo escriptos e assignados em artigos; em papel separado d'este. E' em nome da mesma Augustissima Trindade que eu João Cypriano d'Assis e Moraes, actual abbade da parochial egreja e freguezia de S. João Baptista de Silva Escura, Bispado de Vizeu e n'ella residente, renovando os apontados protestos, vou agora dispor das minhas coisas e benş do modo que entendo ser mais agradavel a Deus e conveniente para a minha alma, por meio d'este meu testamento. Verificado o meu fallecimento, deverá meu cadaver ser amortalhado em uma das minhas samarras e revestido com as competentes vestes sacerdotaes, dentro das quaes recommendo que me ponham o escapulario ou bentinhos da minha ordem terceira de N. S. do Monte do Carmo e os da Or-

dem Militar de N. S. J. C. de que sou cavalleiro professo; e tambem sobre o peito esquerdo o papel dos meus protestos religiosos acima dito como n'elle declaro. Assim revestido será meu corpo mettido em caixão, para dentro d'elle ser sepultado: o qual será todo fechado mesmo pelo fundo com tampa, em forma abahulada e com fechadura e chave; e esta tenho devoção que se feche digo que se deposite dentro da Maquineta da imagem de N. S. da Graça, e aos pés da mesma sagrada imagem.

Posto que o local da minha sepultura seja por direito a capella mor da minha egreja, e o primeiro logar do Presbyterio, é comtudo a minha vontade e especial devoção ser sepultado na capella de N. S. da Graça, sita junto ao logar de Silva Escura; para o que tenho a minha licença que se achará entre os meus papeis e se alguma outra for precisa rogo aos Snrs. meus testamenteiros que a requeiram e obtenham. Depois de eu sepultado os mesmos Snrs. meus testamenteiros mandarão fazer com a maior brevidade possivel, á custa da minha herança, uma campa de pedra decente para cobrir a dita sepultura, e n'ella farão abrir em lettra intelegivel este letreiro: *aqui jaz João Cypriano d'Assis e Moraes; abbade que foi d'esta freguezia de Silva Escura fallecido aos tantos de tal do mez de tal, pede aos que aqui entrarem rezem á N. S. uma Ave-Maria por sua alma por caridade.* Deverá fazer-se por minha alma todo o bem d'alma grande costumado n'esta freguezia que consiste em tres officios de nove lições, e suas mis-

sas solemnes e outras rezadas correspondentes; a Ementa por todo um anno. Dos officios se me farão logo dois, ambos solemnes, no dia do meu enterro: um d'elles estando aindo o corpo em casa, e outro, estando este já presente na egreja: e então, finda a missa solemne d'este sagrado officio, será o meu cadaver conduzido no caixão procissionalmente para a capella de N. S. da Graça, onde se me fará sómente o officio restante da sepultura. O 3.º officio e missa solemne com a absolvição no fim será no dia 3.º seguinte ao do meu fallecimento ou enterro tudo na egreja Parochial com essa armada e decente. Desejo que para celebrarem as ditas 3 missas solemnes dos 3 officios se convidem os muito Rev.os Surs. abbades, meus visinhos, e collegas, e quando se escusem, que os substituam os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros, ou meu Rev. P.e cura, mas quaesquer que sejam os que as celebrem rogo-lhes encarecidamente, que acceitem as respectivas esmolas, bem como as correspondentes á sua assistencia e aos officios.

Para estes convidar-se-ha todo o mais clero possivel, sem restricção de numero: e logo nas cartas ou avisos, que para isso se lhes dirigirem, não só se lhes fará o convite para os officios e missas solemnes do dia do enterro e para as exequias no dia 3.º, mas tambem se lhes incumbirá dizerem missas por minha alma em todos os 3 dias 1.º 2.º 3.º seguintes ao do meu fallecimento. Aos que assistirem aos sobreditos 3 officios e missas solemnes do dia do enterro, e do dia 3.º se

lhes dará 1920 reis a cada um, e uma vela do meu arratel em cada um dos dias, bem entendido, que n'esta quantia entrarão as esmolas das 3 missas a cada um incumbidas; das quaes as que poder ser no dia do enterro e dia 3.º desejo que se celebrem na egreja Parochial de Silva Escura ou na capella de N. S. da Graça ou se em outro local, tambem podendo ser, que se celebrem em altar privilegiado; todas porém, nos 3 dias supra recommendados 1.º 2.º 3.º. Mas como pode acontecer que alguns dos Rev.ºs Snrs. que vierem no dia do enterro não possam vir no dia 3.º, ou que não podendo vir no dia do enterro, venham com effeito no dia 3.º, ou emfim que não podendo vir nem em um nem em outro dia, possam dizer missa por minha alma em os 3 dias immediatos seguintes ao do meu fallecimento, em qualquer d'estes tres casos os que vierem receberão a vela do meu arratel respectivo ao dia em que vierem. Os que assistirem somente ao officio e missa de exequias no dia 3.º receberão sómente 1200 reis, entrando n'estas duas quantias as esmolas das tres missas dos dias 1.º 2.º e 3.º na freguezia que fica declarada para os que vierem só no dia do enterro. E os que absolutamente não vierem, mas celebrarem missas por minha alma nos sobreditos 3 dias, receberão 600 reis, isto é. 200 reis por cada uma, as quaes podendo ser, tambem desejo, sejam ditas em altar privilegiado, o que tudo será bem que se declare e explique com a maior clareza possivel a todo o Rev. clero, convidado logo nos avisos, ou cartões de convite, como já disse: cujo convite recom-

mendo muito aos Rev.os Snrs. meus testamenteiros o extendam, não só ao Rev. clero das egrejas d'este concelho de Sever, mas tambem ao das egrejas confinantes com a de Silva Escura e das vizinhanças ainda que sejam de diverso Bispado tudo nos termos acima expressados.

No dia 7.º e tregesimo do meu fallecimento celebrem todas as missas que se poderem dizer na egreja de Silva Escura e na capella de N. S. da Graça por minha alma, cada uma da esmola de 200 reis.

No dia do meu enterro dar-se-hão aos pobres necessitados, que a elle concorrerem a rogar a Deus N. S. pela minha alma, sendo parochianos da freguezia, esmola de 50 reis em dinheiro a cada um, e sendo de fora d'ella esmola de 20 reis. Logo que o meu cadaver for sepultado, se mandarão, sem dilação, dizer em Lisboa por minha alma as missas seguintes: na egreja parochial, e altar de N. S. da Encarnação dez missas; na egreja e altar de N. S. do Amparo de Bemfica outras dez; cinco na egreja parochial de S. Jorge no seu altar mór; se poder ser, desejo que se digam mais dez missas por minha alma no altar de N. S. do Monte do Carmo, na egreja que foi das religiosas Carmelitas Calçadas; por cuja veneranda e devotissima imagem a Santissima Virgem Mãe de Deus, foi minha madrinha do baptismo, mais outras dez missas, no altar do Senhor Jesus dos Passos da Graça, da egreja que foi dos extinctos Eremitas de S. Agostinho Calçados; outras dez no altar de N. S. Madre de Deus da egreja das Reli-

giosas Franciscanas, extra-muros de Lisboa; mais outras dez missas no altar do S. Jesus (vulgo das Francezinhas, =) isto é das religiosas Franciscanas, sita defronte do Mosteiro de S. Bento da Saude, no principio da Calçada á Estrella. Se houver impossibilidade, e estas ultimas quarenta missas não podérem ser ditas nos altares que acabo de marcar-lhes mandar-se-hão dizer metade no altar de N. S. da Encarnação de Lisboa acima mencionado a outra metade no altar de N. S. do Amparo de Bemfica.

Todas estas 65 missas terão de esmola duzentos reis cada uma.

Declaro que tenho em Lisboa varias irmandades que por seus estatutos e compromissos teem obrigação de mandarem fezer suffragios por minha alma logo que lhes conste competentemente o meu fallecimento, a saber: 1.ª a irmandade dos Clerigos pobres, que muitos annos esteve sita na egreja do Hospital Real de S. José, e agora consta-me que se acha na egreja parochial de S. Thiago de Lisboa; esta é obrigada a mandar dizer por minha alma 80 missas, e fazer um officio de 9 lições com missa solemne, e absolvição no fim; isto alem d'uma missa que cada irmão deve dizer, ou mandar dizer por alma de cada um dos irmãos que fallecem, e por isso logo que conste com certeza que algum irmão morreu, a irmandade tem obrigação por seus procuradores de avisar d'isso a todos. — 2.ª A mesma irmandade 3.ª de N. S. do Monte do Carmo, cuja capella fica proxima á egreja dos extinctos religiosos Carmelitas calçados aci-

ma dita, esta é obrigada a mandar dizer por minha alma 50 missas e fazer um officio de 9 lições. – 3.ª A irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Bemfica. – 4.ª A irmandade de N. S. do Amparo da mesma freguezia; estas duas ultimas irmandades são obrigadas a mandarem dizer por minha alma cada uma 30 missas.

De todas estas irmandades tenho patentes impressas, e assignadas pelas respectivas mezas, que se hão-de achar entre os meus papeis á excepção da irmandade dos Clerigos que não costuma dar patente aos irmãos, que para ella entram, mas supre esta com o assento dos irmãos novos no livro das entradas competentemente assignado, e n'elle se ha-de achar o assento que me diz respeito ha mais de 30 annos. Devo, pois, contar com os sobreditos suffragios de todas estas irmandades que ao todo são 190 missas e 2 officios de 9 lições, se as referidas irmandades estiverem como me parece (mas não tenho certeza) em exercicio, acção, e possibilidade de cumprirem seus compromissos e estatutos; por quanto aos annuaes de irmão na irmandade dos Clerigos não ha obrigação de se pagarem; das dividas ás duas irmandades de Bemfica fui desobrigado por despachos de cada uma das suas mesas, ficando as mesmas irmandades obrigadas não obstante isso a mandarem-me fazer por minha morte todos os suffragios devidos. Despachos que andam juntos com as patentes: os da Ordem 3.ª do Carmo todos tenho pago; sem demora passo a mandar pagar os que restam e se algum ainda dever ao tempo do meu fallecimento, quero que todos se lhe satisfaçam.

Portanto recommendo aos muitos Rev.os Snrs. meus testamenteiros, que logo depois do meu enterro mandem participar a Lisboa aos procuradores de cada uma das sobreditas mesmas quatro irmandades o meu fallecimento para o fim da prompta satisfação dos suffragios porque me são obrigadas como fica dito, para cuja participação e effectiva promoção do cumprimento dos mesmos suffragios podem os ditos muitos Rev.os Snrs. servir-se do meu sobrinho Antonio Joaquim de Moraes, cujo emprego e morada em Lisboa adeante direi, correspondendo-se com elle pelo correio, e a este desde já rogo e espero a maior efficacia no desempenho d'esta incumbencia ou remettendo-lhes as certidões de todos os supra apontados suffragios estarem cumpridos, ou a declaração de quaes, ou se todas as referidas irmandades, em razão de mudanças de circunstancias, se não acham com possibilidade de satisfazerem, e d'estas mesmas se todas ou sómente algumas e quaes ellas. No caso em que todas ou só algumas das ditas mesmas quatro irmandades não possam actualmente satisfazer a meu respeito os suffragios que me são devidos, mandar-se-hão dizer por minha alma, alem das missas, que já ficam determinadas e das que ainda hei-de determinar, tantas missas quantas me vieram a faltar das mesmas irmandades, e tambem os officios que pela mesma razão se me não poderem fazer. A esmola d'estas missas será a ordinaria de 120 reis por cada uma; assim como as dos dois officios serão tambem as ordinariamente costumadas.

O local d'aquellas e d'estes fica ao arbitrio dos muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros. Afora de todas estas missas e suffragios por minha alma determino que se mandem dizer mais cem missas, todas de intenção conforme á que n'este momento tenho em as mandar dizer.

E alem d'estas, mais 30 missas por alma de meu pae; outras 30 por alma de minha mãe; mais 10 por alma de meu irmão Joaquim Roberto de Moraes; 10 por alma de minha irmã Francisca Thomazia; 10 por alma de minha irmã Joanna Cypriana; 5 por alma de meu sobrinho João Sabino; 5 por alma de meu primo o P.e Daniel Ferreira Bolati; mais 10 por alma do meu amigo Cypriano José de Carvalho; 5 pelas almas de todos os meus irmãos que eu não conheci, mas que morreram em edade de descripção; 10 por todos os meus outros parentes com quem tive mais relações, e 10 pelas almas de todos os meus mestres, confessores, bemfeitores e amigos tambem com especialidade pelas d'aquelles a quem devi mais amizade, e obrigações. Se meu cunhado Manoel Furtado de Mendonça for já fallecido, mando que tambem se digam 10 missas por sua alma.

As esmolas por todas estas missas, que, com as 10 por alma do meu cunhado, no caso de ter já fallecido, perfazem o numero de 260, serão de 260 reis cada uma. O local fica tambem ao arbitrio dos muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros, á excepção das missas por alma de meu pae qne deverão dizer-se na egreja parochial de

S. Martinho de Lisboa, das por alma de minha mãe na egreja de parochial de N. S. da Encarnação da mesma cidade; das por alma de meu irmão Joaquim Roberto e de seu filho João Sabino na egreja Parochial de Bemfica, e das pelas almas de minhas irmãs Francisca Thomazia e Joanna Cypriana, na egreja Parochial de Silva Escura, e isto em razão d'estas especiaes egrejas serem os logares onde os ditos fallecidos se acham sepultados. — Se for vivo o meu amigo, Rev. Luiz Francisco Alves da Costa Pinto, Abbade reservatorio de S. Thomé de Cobellas, morador em Lisboa, no Campo de Santa Clara, proximo á porta do carro do Mosteiro extincto de S. Vicente de Fóra, pessoa muito conhecida do meu sobrinho Antonio Joaquim de Moraes, recommendo se lhe offereçam, com as respectivas esmolas, as missas que destinei podendo ser para o altar do S. dos Passos da Graça e para o altar de N. S. Madre de Deus, e ainda as que determinei para a egreja de S. Martinho por alma de meu pae; pois que a sua residencia em Lisboa não dista muito d'estas tres egrejas, posto que em diversas direcções. E se tambem ainda viver o outro meu amigo Rev. Raimundo Antonio Vieira, morador em Calhariz, freguezia de Bemfica, egualmente recommendo que, das missas que deixei determinadas para se dizerem no altar da egreja de N. S. do Amparo de Bemfica, se lhe offereçam com as respectivas esmolas as que quizer e poder celebrar.

Quanto a todas as outras missas que se devem dizer em Lisboa como é bem de crer que os muito Re-

verendos sns. meus testamenteiros encarregarão da distribuição a meu sobrinho Antonio Joaquim de Moraes, recommendo muito aqui a este que o faça escolhendo e preferindo para sua celebração, sacerdotes de conhecida e provada probidade e que da satisfação de todas as de que se encarregar, remetta aos ditos snrs. meus testamenteiros as competentes certidões. Declaro que até ao presente nada devo, á excepção da Congrua que o meu Reverendo cura vae vencendo e dos ordenados que tambem forem vencendo os meus creados, e isto só relativamente ao anno corrente; todavia os muito Reverendos meus testamenteiros reverão as minhas memorias, que me servem de livro de razão, e se d'ellas constar que eu devo alguma coisa a alguem, ou ainda que não conste (o que pode por esquecimento acontecer) se alguem lhes requerer coisa que eu ficasse devendo, verificando-se, perante os mesmos Rev.os Snrs., a realidade da divida quero e recommendo que se pague promptamente. Pelo que respeita ás mesmas dividas activas, ou que se me deverem em Silva Escura, Lisboa e Bemfica, fóra as que já tenho perdoado, perdôo, por amor de Deus, assim aos pobres como aos que não forem, todas as que forem provenientes de benesses, direitos Parochiaes, quaes são esmolas de missas, offertas, ementas, folhas, promicias e dos dizimos sómente os que se me ficassem devendo do anno de 1820, unico em que as cobrei por minha conta, e em que por isso as posso perdoar; e assim mais perdôo pelo amor de Deus, tudo quanto se me tiver tirado occulta e furtivamente, cujo perdão para tran-

quilizar consciencias os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros farão publicar do modo que lhes parecer mais prudente, declarando, porém, então mesmo que as pessoas que não precisarem d'elle deverão distribuir pelos pobres das suas freguezias, preferindo os enfermos quaesquer quantias de que me forem devedores. Todas as outras mesmas dividas activas constarão d'uma memoria que a esse respeito se ha-de achar com outras com os meus papeis; e d'estas mesmas dividas activas que constarem da sobredita memoria, ainda perdôo, pelo amor de Deus, aquellas que os devedores não poderem pagar sem gravissima difficuldade, cujo conhecimento e decisão commetto á prudencia dos mesmos muito Rev.os Snrs.

Como não tenho herdeiros alguns forçados que, em rigor, devam herdar meus bens e por isso me é livre dispor d'elles como me aprouver mesmo convenientemente, é isto mesmo o que agora vou fazer pelo modo seguinte: Todos os paramentos e roupas novas e as duas armações, uma romã e outra carmezim, mais numerosa de damasco de seda e todas as outras peças, alfaias e utensilios do culto divino que até ao presente tenho comprado e mandei fazer, e ainda os que d'aqui em diante, até ao meu fallecimento comprar ou mandar fazer, para a decencia e serviço da capella mór e sacristia da egreja da mesma abbadia de Silva Escura, e que hão-de constar do inventario d'ella, tudo deixo e dou á dita abbadia, recommendando muito aos Rev.os abbades, meus successores, o cuidado de sua conservação, resguar-

do e asseio para o que deixo e dou dois bahús encoirados com suas fechaduras e chaves, um grande e outro pequeno em que tenho o todo sobredito arrecadado. — Igualmente deixo e dou á Confraria do S.S. Sacramento da mesma egreja as peças e alfaias, que para maior decencia e esplendor do culto do mesmo Senhor tenho comprado; e bem assim tambem as que comprei e adquiri para cada uma das outras Confrarias da mesma egreja, e ainda da sua fabrica, recommendando ás pessoas que forem encarregadas d'isto, zelo religioso pela sua conservação e bom trato. Como a Custodia que ha em Silva Escura para as procissões e exposições do S.S. Sacramento, por ser mui velha, e de feitio antiquada, acha-se pouco decente para servir em tão Augusto emprego, deixo e dou o bulle de chá, o meu assucareiro com tampa, e tigella grande de lavar as chicaras, todas estas tres peças de prata, para que no caso de eu o não ter feito em vida, como tenciono, os mordomos da Confraria do mesmo S.S. Sacramento, juntamente e de acordo com os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros, precedendo quaesquer licenças, que para tão santo fim forem necessarias, comprem sem perda de tempo uma Custodia bem feita e ao gosto moderno, e mais magestosa do que a dita velha, descambando esta por aquella com as ditas minhas tres peças de prata, que para isto as dou e pesam (salvo o erro) nove marcos, uma onça e cinco oitavas. No caso acima dito d'eu não ter feito em minha vida como tenciono, é minha ultima e determinada vontade, que por minha morte,

com o valor dos meus dois castiçaes de prata e com o da minha salva tambem de prata, os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros comprem um bom calix do mesmo metal com os lavores e emblemas analogos e proprios d'esta qualidade de peças, com a competente patena e colherinha, cujo calix dou desde já para a capella mór e sacristia da mesma abbadia de Silva Escura para servir nos dias solemnes e festivos, ficando os outros dois calix que ella tem para uso quotidiano; e é para esta compra e fim, que deixo e destino os referidos meus dois castiçaes e salva, que pesam (salvo erro) cinco marcos e uma oitava. E', tambem, minha ultima e determinada vontade, que o meu faqueiro de mesa, de prata, que consta de doze talheres e cada um d'estes de colher, faca e garfo e de uma colher grande de tirar a sôpa, todas estas peças de prata, á excepção dos ferros das facas; e que tambem o meu faqueirinho de chá, que consta de treze colherinhas e mais d'uma colher concava para tirar o assucar, todas de prata; um e outro se venda e com o dinheiro resultante (ou por desconto se parecer melhor) os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros comprem um turibulo de prata com a competente naveta, ambas estas peças bem feitas, as quaes desde já dou á minha egreja de Silva Escura, e para a sua compra, por minha morte deixo e applico os meus dois faqueiros, acima ditos, grande e pequeno. Este turibulo novo de prata é para se offerecer n'elle o incenso nas funcções solemnes e festivas, principalmente quando a Divina Magestade se achar realmente presente na San-

tissima Eucharistia no throno, e então ficará para uso e serviços ordinarios o meu turibulo e naveta de latão, de feitio á moderna, que para isso o comprei, dou e applico os meus faqueiros grande e pequeno e colher grande de sopa – pesam (salvo erro) onze marcos e quatro oitavas. Se para a compra de qualquer das sobreditas peças de prata a saber: custodia, calix, ou turibulo e naveta, alem das minhas peças de prata que para ellas dou, faltar ainda alguma quantia, para o seu importe deverá supprir-se tal falta á custa da minha herança. E posto que todas as mencionadas peças novas de prata fiquem sendo propriedade – a Custodia da Confraria do S.S. Sacramento e o calix e o turibulo com a naveta da mesma abbadia de Silva Escura, comtudo o uso e serviço de todas, e cada uma d'ellas, fica extensivo a todas as confrarias da egreja Parochial para as suas funcções festivas, e para que esta extensão fique em memoria constante, será bom que se descreva esta declaração nos inventarios de cada uma das confrarias. Como em Silva Escura talvez não haverá quem compre, por meu fallecimento, a minha grande carteira toda de madeira de mogno, com doze gavetas e dois armarios, dando por ella o preço que merece, e ao mesmo tempo será difficil transportal-a a logares remotos sem muita despeza e estrago de tão mimosa peça, deixo o uso d'ella aos Rev.os abbades meus successores, com a condição de que cada um d'elles, querendo com effeito aproveitar-se do sobredito uso, dê por uma vez sómente, durante o seu ministerio, mas sem grande demora, á fabrica da

egreja de Silva Escura a quantia de 4$800 reis metallicos; pelo que deixo a propriedade da dita carteira á fabrica da mesma egreja e o seu uso, com a sobredita condição da determinada esmola, aos Rev.os abbades. — Se, porém, algum dos Rev.os abbades meus successores não quizerem o dito uso com a condição que lhe fica annexa, a administração da fabrica da egreja passará logo a vender a mesma carteira a quem mais der por ella; e a quantia resultante da venda, determino que se divida em duas partes eguaes; uma d'ellas para as necessidades da mesma fabrica; e a outra parte para o soccorro das necessidades dos pobres da freguezia a quem a mesma administração distribuirá sem demora, preferindo os pobres enfermos. Os muito Rev.os meus testamenteiros, juntamente com os snrs. administradores da fabrica farão em todo o caso as declarações e verbas necessarias assim para a execução e cumprimento, como para a futura segurança d'este legado.

Se ao tempo do meu fallecimento eu não tiver feito, como tenciono, a distribuição dos meus paineis de pintura e de gravura, e tambem das minhas placas e suas dirandellas, e dos meus relicarios, e laminas, os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros a farão na forma, que para cautella, e para não prolongar demasiadamente este meu testamento lhes deixo declarada em uma carta, que juntamente com elle se achará, e que quanto aos ditos artigos fará parte d'elle mesmo. — Aqui rogo aos muito Rev.os abbades meus successores, zelem com efficacia a conservação decente dos paineis, relicarios, pla-

cas e laminas que na mesma carta designo para sua egreja Parochial e capellas. A minha estimadissima imagem de N. S. Jesus Christo crucificado de vulto; obra do celebre escultor Dias, com cruz e pianha de pau santo e com resplendor, cravos, e titulo da cruz escripto em latim, em grego, e em hebraico, tudo de prata, voto que a minha egreja de Silva Escura tem a mui respeitavel e devota imagem do Senhor Jesus Crucificado que está no altar Collateral do lado do Evangelho, e por isso não necessita d'outra, é minha devoção, e mui positiva vontade que a dita minha imagem do S.S. Crucificado, para continuar a ser estimada e venerada como por todos os titulos merece, seja collocada com o mesmo oratorio em que está, e ornatos que a acompanharão, em a capella e altar de N. S. da Graça do logar de Silva Escura por de traz; mas mais acima da maquineta da mesma Senhora, ficando ambas em tal posição, que se fique gosando bem e desafrontadamente a vista d'uma e d'outra. – Para isto deve olear-se o tecto da capella quanto for necessario compondo-se depois este perfeitamente aproveitando-se e ajuntando-se-lhe por quanto for possivel o retabulo de talha do altar. Este deverá juntar-se decentemente; e não só a sua banqueta toda, e as duas credencias, que a ladeam, mas tambem, e com especialidade, a maquineta de N.ª S.ª e o frontal do altar, doirando-se d'aquella e d'este, aquelles filetes, molduras, ou ornatos que parecerem convenientes para a sua decencia e perfeição. E' minha vontade e determinação fazer-se esta obra; se eu a não ti-

ver feito em minha vida, os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros a mandarão fazer logo depois do meu fallecimento e á custa da mesma herança; assim como abrir uma pequena janella de esquadria com vidraça encaixilhada no mesmo logar do da fresta, que está á ilharga do altar do lado da Epistola; para o que requererão aos Snrs. administradores da fabrica da egreja Parochial, a quem a capella é subjeita a sua licença; os quaes, em razão de ser para maior beneficio e esplendor d'ella, devo pedir-lhe que a não recuzarão.

Tenho na minha livraria alguns livros, que suspeito, mas não tenho inteira certeza, de serem prohibidos, cuja nota deixo apontada á margem de cada um d'elles no index dos meus livros, eu tenho licença Apostolica para ler livros prohibidos, mas como é de crer que a não tenham pessoas, que talvez quererão compra-los, e sem ella não se devem lêr, rogo aos muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros que lhes manifestem esta mesma suspeita e lhes recommendem, que ninguem os leia; se ella se verifica, e n'esse caso observem quanto as presentes circunstancias lhes permittirem, o que a tal respeito se acha determinado, nas regras do index *Expurgatorio Romano*, feito por ordem do sagrado Concilio de Trento cujo objecto todo se reduz a preservar os fieis do Veneno do erro, e de falsas e perversas doutrinas. O meu fato e roupa branca do meu uso quotidiano, menos o fato ecclesiastico, será distribuido pelas pessoas pobres d'esta freguezia de Silva Escura, que d'elle mais necessitarem. Se meu cunhado Manoel Furtado de Mendonça me so-

breviver e tomar a resolução de, por minha morte, permanecer em Silva Escura, os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros lhe entregarão do provimento de comestivel, que em minha casa houver, as porções que d'acordo com elle julgarem necessarias para si e para um creado sómente; e assim tambem da mesma roupa branca que não for do meu uso quotidiano e dos meus trastes e utensilios domesticos, os que em rigor precisarem para a decencia da casa que toma para assistir; e dos fructos ou recolhidos ou pendentes do meu passal, pertencente á minha herança, aquelles de que necessitar para passar n'aquelle anno e não para vender nem dar. Deixo, alem d'isto, ao meu cunhado, em testemunho da minha amizade, o meu relogio d'algibeira, e mais cem mil reisem dinheiro metallico; e estes podem-lhe servir querendo para o seu transporte, se se deliberar a recolher-se a Lisboa. — Quanto ás nossas contas de todo o alcance em que elle por si e como herdeiro de sua mulher e minha irmã Joanna Cypriana se acha para commigo, cujo alcance passa de 300:000 reis de todo me dou por pago e satisfeito e esta mesma verba lhe pode servir de quitação geral.

Tenho a render no Banco de Lisboa duas acções de 500:000 cada uma a que accrescerão mais em cada uma 6:351 réis; a primeira tem o numero 5:129 e a segunda o numero de 5:130. Deixo-as e dou-as ambas ás minhas duas sobrinhas, chamadas Francisca Theodora e Maria Eugenia, filhas do meu irmão Joaquim Roberto de Moraes, já fallecido, ausentes em Lisboa na compa-

nhia de sua mãe, viuva, D. Thereza Ignacia Xavier das Neves; a saber a 1.ª acção á minha sobrinha Francisca Theodora e a 2.ª á minha sobrinha Maria Eugenia e isto juntamente com os lucros que as ditas acções tiverem vencido, depois do ultimo dividendo, que eu tiver recebido e cobrado. Se alguma das ditas minhas sobrinhas fallecer antes de mim reunirá em si ambas as mesmas acções aquella das referidas minhas sobrinhas que me sobreviver.

Os titulos das supra mencionadas acções, acham-se na mão e poder do Ill.mo Snr. Theodoro Vanzeler, negociante da praça de Lisboa e morador, ao presente, na rua do Almada, numero 4.º no 1.º andar, cujos titulos o mesmo Senhor me tem feito o favor de guardar em seu poder, para nas occasiões occorrentes e competentes mandar com elles cobrar as partes que me têm pertencido nos dividendos dos lucros das mesmas acções dos que todos estou entregue pelo dito Senhor Vanzeler; e por esta verba do meu testamento lhe dou, com os devidos agradecimentos dos recebidos lucros, quitação geral.

Por tanto cedo e transfiro nas sobreditas minhas sobrinhas, na forma que deixo dito, todo o meu direito ás referidas acções, e quero que por meu fallecimento fiquem a respeito d'ellas, substituindo o meu logar, quer se conservem solteiras quer tomem outro estado, para o que deverão por minha morte apresentar na administração do banco de Lisboa as supraditas acções originaes com esta verba do meu testamento em publica forma, afim

de que a administração tome as clarezas, e descreva nas mesmas acções as declarações e assentos que forem necessarios para a continuação da cobrança dos dividendos dos respectivos lucros e validade e segurança dos seus titulos.

Deixo a meus dois sobrinhos, filhos de meu irmão Joaquim Roberto de Moraes, e irmãos das acima ditas, chamados Antonio Joaquim de Moraes e José Mauricio de Moraes, a cada um 50:000 reis em moeda metallica. — Se José Mauricio tiver já fallecido (o que é mais de recear em razão da sua saude prometter pouca duração) os 50:000 reis do seu legado, passarão e reunir-se-hão a outros 50:000 reis do seu irmão Antonio Joaquim.

Deixo ao meu Rev. P.e Cura Manoel Domingues da Silva, natural da freguezia de Valle-Maior, Bispado d'Aveiro, alem da sua parte de Congrua parochial, que tiver vencido até ao meu fallecimento, que exactamente se lhe satisfará, mais o legado de 50:000 reis em dinheiro metallico e tambem os legados seguintes a saber: a minha sobrepeliz de renda de França com grandes lavores, não bordados, mas tecidos, que tem quasi palmo e meio de largura, e a minha estola parochial de damasco branco de seda, fingindo damasco de oiro, com guarnição de retroz; a minha biblia toda latina em um só volume de 4.º ou 8.º grande; o concilio tridentino tambem latino com as notas de Golamert, e outras em folio encadernado em pergaminho; a obra inteira de moral do P.e Daniel Concina que são 12 tomos em 8 volu-

mes de 4.º: *Hortus Castorum Auctore Jacob Marchantis* um volume de folio grande, encadernado em pergaminho, em que vem varios opusculos do mesmo auctor. *Speculum Pastorum* do P.e Abreu, um volume em folio em tamanho ordinario: *Os Exercicios Espirituaes* do P.e Manoel Bernardes (Congregado,) dois volumes de 4.º; *O Soccorro Espiritual*, digo o *Soccorro Evangelico* aos parochos e paes de familia, em forma de homilias para todos os domingos do anno, auctor Henrique José de Castro; dois volumes em 4.º somente brochados; e os dois cathecismos um do Frei Bartholomeu dos Martyres e outro de Frei Luiz de Granada, hespanhol, traduzido em portuguez por José Caetano de Mesquita; dois volumes em 8.º e tambem os paineis, que na carta, em que declaro aos muitos Rev.os Snrs. meus testamenteiros, a distribuição que quero d'elles façam, destino para o mesmo meu Rev. Snr. P.e Cura.

Deixo todos estes legados, como um testemunho, bem que pequeno, affectuoso e cordeal, da minha gratidão pelo seu bom serviço, amizade e prolongada e constante companhia na qual espero, que o mesmo Rev. Cura se conservará até á minha morte e continuará a coadjuvar-me, vivendo commigo em tão perfeita harmonia, como até ao presente, por vinte annos successivos; se por algum incidente imprevisto, não sendo o da morte, acontecer que o dito meu Rev. Cura não permaneça commigo até ao meu fallecimento; ainda n'esse caso lhe deixo os mesmos legados acima ditos e então ao novo Cura que o substituir, alem da competente Con-

grua que tiver vencido, deixo-lhe o legado de 20:000 reis metallicos.

Tambem em testemunho da minha amizade deixo ao Rev. P.e Joaquim Antonio Tavares, natural da freguezia de Roccas, e mestre regio de primeiras lettras d'esta freguezia de Silva Escura, duas minhas sobrepelizes a saber: uma crespa que tem renda de linha fina e em ponto miudo, mui bem bordada, com ramos de flores, e tem de largura um palmo menos um quarto; e outra lisa sem renda, mas com folhos de cambraia bordados com primor, as quaes tem de largura palmo e meio, e mais os livros seguinte: *O Cathecismo Romano ad Parochos*, feito por ordem do concilio de Trento, um volume de 8.º grande e excellente edição; o novo *Ministro dos Enfermos;* um volume de 8.º pequeno; e os *Gemidos da Mãe de Deus*, outro volume de 8.º ... .; e os *Sermões* em latim de S. Pedro Chrisologo, um volume de 8.º em pergaminho. E ao Rev. P.e Manoel Martins Pereira, natural e morador n'esta freguezia de Silva Escura, no logar do Espinheiro, em egual testemunho de amizade deixo outras duas minhas sobrepelizes: uma crespa ou damasco com renda de linha fina, deposito d'agulha, com lavores de ramos pelo meio, e cercadura na ponta, não bordados, mas tecidos com largura quasi de palmo; e outra lisa sem renda, mas com folhos de cassa de listas com largura de palmo e quarto; e os livros seguintes: a *Theologia Moral* de Cumiliati, em latim, dois volumes de 4.º; as conferencias moraes, em forma de dialogo, sobre o sacramento da pe-

nitencia, um volume em 8.º sómente broxado – auctor Frei Clemente de Moreta, Barbadino, Italiano, escripta em portuguez.

Os outros dois volumes, que no titulo d'este se promettem, não chegaram a imprimir-se, por morrer antes d'isso o auctor; e a *Instrucção de Cerimonias da Missa*, assim cantada como resada, outro volume de 8.º encadernado, e n'outro as Epistolas Selectas, latinas de S. Jeronymo.

Deixo a cada um dos meus creados que forem em tempo do meu fallecimento, além dos vencimentos que até ahi tiverem dos seus ordenados, em gratificação mais 2:400 reis em metal.

Nomeio para meus testamenteiros, o muito Rev. Dr. João Agostinho Martins da Silva Lobo, morador na sua Quinta de Cornide, freguezia de Roccas, e o muito Rev. Snr. Joaquim Manoel Tavares, morador no Bacello de Cabril, freguezia de Castellões de Cantra, e o muito Rev. Snr. José Caetano Henrique Brandão, actual e antigo Cura da freguezia do Pinheiro da Bem-Posta. Rogo muito efficazmente a todos e a cada um dos sobreditos muito Rev.os Snrs. se queiram encarregar da inteira execução de todas as disposições d'este meu testamento; para o que empenho além da sua muita caridade, especial amizade de que sempre lhe fui devedor e de que agora lhes reclamo este ultimo e o mais decisivo esforço e testemunho; e como necessariamente hão-de ter um grande e penoso trabalho no desempenho d'esta importante incumbencia supplico-lhes se dignem acceitar, como

um, posto que escasso, affectuoso desafogo da minha gratidão, os seguintes legados: O muito Rev. Snr. Dr. João Agostinho Martins da Silva Lobo, a minha Estolla de setim branco, toda bordada a ouro fino, a minha sobrepeliz de cambraia com renda de filó, bordada com muitos labores, e com mais de palmo e meio de largura; dos meus livros os cinco volumes de folio grande das obras todas de *Van-Espene;* e dos meus paineis, os que na carta em que marco a sua distribuição, lhe destino, e além d'isto 50:000 reis em moeda metallica.

O muito Rev. Snr. Joaquim Manoel Tavares, se dignará acceitar a minha Estolla de setim roxo toda bordada d'oiro fino; a minha sobrepeliz tambem de cambraia com renda de filó, bordada, que só differe da antecedente na qualidade dos labores, e na largura, pois, não chega bem a palmo e meio, dos meus livros os 18 tomos em 8.º dos Sermões do P.e Boardaloria; e os 13 tomos tambem de 8.º dos Sermões de Massillon; e dos meus paineis, os que na indicada carta lhe assigno e mais 50:000 reis metallicos, como ao muito Rev. antecedente.

E o muito Rev. P.e José Caetano Henriques Brandão se dignará acceitar a minha Estolla de setim carmesim, toda bordada d'oiro e prata finos; a minha sobrepeliz de renda de linha mui fina e miuda mui bem bordada, representando, entre outros labores, cabacinhas cheios de flores, com palmo e quasi quarto de largura; dos meus livros os dois volumes de folio intitulados; *Thesaurus Sacrorum Rituum* do P.e Gaventi com notas

de Merate, um volume tambem de folio das obras todas do Cardeal Bona; e quatro volumes em 4.º da Theologia Dogmatica e Moral de Natol Alexandre; dos meus paineis os que na mesma sobredita carta lhe nomeio; egualmente como aos sobreditos Senhores 50:000 reis em dinheiro metallico. Confio do zelo e officiosa actividade dos tres supraditos muito Rev.os Snrs., que de commum accordo hão-de fazer executar, pontualmente e com a maior brevidade possivel, todas as minhas testamentarias disposições, para cuja execução e cumprimento todas as despezas que forem necessario ou conveniente fazerem-se assim n'este Concilio provinciano do Bispado como em Lisboa ou em qualquer outro local, todas serão feitas á custa da minha herança.

E para facultar-lhes as diligencias que dizem respeito, logo darão relação a Lisboa. Torno a lembrar-lhes que se podem aproveitar da cooperação do já dito meu sobrinho Antonio Joaquim de Moraes, ao qual tambem por esta verba rogo e espero que a tal respeito me dê a ultima prova do seu amôr e cordeal benevolencia. Todos os meus bens de que, por este testamento, eu não tiver feito expressa disposição e que se me acharem por meu fallecimento os quaes hão-de constar de inventario que d'elle tenho e deixo para governo dos meus muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros.

Fato, roupa, livros e quaesquer outros moveis, fructos recolhidos e pendentes do meu passal, fóros e mais direitos da minha egreja de Silva Escura; todo o sobredito meu peculio será vendido pelos meus Rev.os Snrs.

testamenteiros e reduzido a dinheiro cuja venda recommendo se faça com diligencia, em attenção ás pias applicações que vou fazer do seu resultado, e juntando-se, á somma proveniente d'ella, todo o dinheiro que se cobrar de minhas dividas activas, isto é, d'aquellas que se não comprehendem no perdão, que em seu logar deixei declarado, e ajuntando-se tambem o dinheiro todo que se me achar e sobejar, depois de pagar por elle as despezas do meu funeral, suffragios, legados pecuniarios, e todas as mais relativas á inteira execução das disposições até expressas ou que ainda haja de fazer n'este meu testamento, reservando comtudo, mas tão somente a pequena quantia que parecer bastante para satisfazer a despeza do registo, ou sentença do seu cumprimento pela competente auctoridade, depois digo de todo o sobredito satisfeito é minha ultima e determinada vontade e disposição que tudo apurado e liquido do supra mencionado espolio se divida em tres partes eguaes, das quaes uma será para a pobreza d'esta freguezia de Silva Escura, preferindo-se na sua distribuição os pobres doentes, e depois d'estes os mais precisados de facto; outra para a pobreza da freguezia de N. S. do Amparo de Bemfica, proxima a Lisboa, e outra ou terceira parte subdividindo-se em outras tres partes eguaes; duas d'estas serão para a pobreza da freguezia de N. S. da Encarnação da Caridade de Lisboa; e a outra parte para a pobreza da freguezia de S. Jorge, tambem de Lisboa, todas com as mesmas preferencias, que deixei indicadas, e recommendadas para a pobreza da freguezia de Silva Escura.

Para o que os muito Rev.os Snrs. meus testamenteiros farão entregar as competentes quantias aos muito Rev.os Snrs. parochos respectivos com as sobreditas declarações de preferencia para lhes servirem de governo na sua distribuição; á excepção da quantia que houver de pertencer á pobreza da freguezia de Bemfica, a qual farão entregar ao Administrador do Monte Pio, que n'aquella parochia deixei instituida para o soccorro dos enfermos pobres, o qual felizmente me consta, que ainda lá existe e continua em acção, já passa de vinte annos; bem entendido que isto é no caso de com effeito de assim continuar até então, porque no caso de já não existir em acção o dito Monte Pio, deverá a dita quantia ser entregue ao muito Rev. nosso Parocho que então for de Bemfica; em todo o caso, porem, se cobrarão certidões de effectiva distribuição e exacto cumprimento de todas as determinadas esmolas. Se vagar algum dos legados pecuniarios d'este meu testamento a sua quantia acrescerá para a massa do meu espolio, entrará para as divisões e pias applicações d'ella na forma que acabei de determinar.

Mas como pode acontecer, em razão de vicissitudes futuras e imprevistas, que venha a soffrer diminuição consideravel a somma do dinheiro que tenho reservado para satisfazer todas as despezas acima ponderadas e porisso vem então a faltar com que satifazel-a plenamente e com que se cumpram com inteireza as minhas disposições e legados; determino para remediar essa possivel falta que em tal caso ella se supra pela massa

total do meu espolio, computada esta antes de se fazerem as divisões e pias applicações que d'ella determinei para a pobreza das freguezias de Silva-Escura, Bemfica, Encarnação, S. Jorge; cujas divisões e applicações com o mais, sempre quero que em todo o caso se façam ..... do mesmo espolio depois de remediadas e supprimidas a supra-lembrada e possivel falta, pois que segundo prudentemente me parece, o unico inconveniente que poderá seguir-se a tal remedio e suplemento é ficarem aquellas divisões para applicações mais diminutas, e não extinctas e vagas.

Ultimamente em todo o restante dos meus bens depois de cumprido e satisfeito tudo quanto até aqui deixo disposto, instituo por meu universal herdeiro a meu sobrinho Antonio Joaquim de Moraes, filho do meu irmão Joaquim Roberto de Moraes, fallecido, actual official da Cantadoria das obras publicas militares e presentemente morador em Lisboa, na Rua Nova da Alegria, n.º 58 no 1.º andar.

.....

Falenzim Perpetuo chamado o Balbão, e cerca e mais carvalhos annexos sito em Valle de Figueiras, freguezia de S. João de Talha, proximo a Sacavem, termo de Lisboa e o foro de dois mòios e meio de pão .... e oitenta pansas de palha que me pertencem e o Mourão da Bouta sito na Ribeira de Santarem no sitio de Alemquer e tambem nos direitos e acções que me competem como co-herdeiro de minha irmã Francisca Thomazia de Salles, fallecida *ab-intestata* em Silva-Escura e

como co-herdeiro de meu amigo Cypriano José de Carvalho, fallecido em Lisboa com testamento, o que, com os documentos, se ha-de achar em os meus papeis e deverá ser entregue juntamente com os titulos do Balbão e Mourão da Bouta ao dito meu sobrinho e herdeiro.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Por este revogo outro ou outras disposições, que possa haver ter feito, pois só as que aqui deixo determinadas quero que se observem, e dou por firmes, verdadeiras e valiosas. Rogo ás justiças assim ecclesiasticas como seculares d'este reino, a quem o conhecimento e cumprimento, segundo as leis vigentes, pertencer. Em fé do que, e para constar me assigno. — Residencia Parochial de Silva Escura 19 de setembro de 1735 (por extenso).

O *Abbade João Cypriano d'Assis e Moraes.*

ADDICIONAMENTO EM TEMPO

Depois de escripto por mim este testamento, publicou o Governo d'este Reino a lei de vinte e um de setembro do corrente anno, em que se determina o estabelecimento em todo elle de cemiterios, que d'ahi em diante pessoa alguma seja sepultada fora do cemiterio

do Districto. – Em consequencia devo accrescentar aqui, a respeito do local da minha sepultura designado em o meu testamento retro para ser em a Capella de N. Senhora da Graça d'esta freguezia, que espero a permissão da sepultura d'um humano cadaver, na dita capella, em razão de se achar solitaria e algum tanto distante da egreja parochial do mesmo logar de Silva Escura e sem povoado, e por isso não ser frequentada, nem poder prudentemente recear-se perigo d'infecção.

Rogo por tanto aos muito Rev.^{os} Snrs. meus testamenteiros que empreguem todas as diligencias, que lhes forem possiveis, no curto espaço que mediar entre o meu fallecimento e o meu enterro, para requererem e conseguirem da auctoridade competente a graça da licença necessaria para a admissão do meu cadaver na sobredita capella, ponderando-lhe as razões supra, e quaesquer outras, que lhes parecerem attendiveis; se porém nenhumas forem attendidas, e dever a minha 2.ª sepultura absolutamente ser no local do cemiterio, então os muito Rev.^{os} Snrs. meus testamenteiros aproveitando-se da faculdade que parece conceder o artigo 8.º da supra mencionada lei, com permissão da referida auctoridade, comprarão o espaço de terreno do cemiterio que for necessario para a minha sepultura na qual, por isso mesmo ninguem mais se sepultará, pagando, á custa da minha herança, pelo dito espaço de terreno o preço, que prudentes avaliadores, ou louvador, arbitrarem, e farão marcar *in perpetuum* a mesma sepultura com a campa de pedra, e abrir n'esta a inscripção sepulcral

que deixei determinada para se executar no local da capella de N. Senhora da Graça.

Tambem depois de feito este meu testamento constou-me não se terem pago á Ex.ma casa de D. Braz da Silveira alguns annos de foro do meu prazo de Balbão, que eu estava persuadido terem-se todos constantemente pago. Tenho dado ordem para o pagamento dos ditos foros, mas se acontecer que eu falleça antes de estarem todos completamente satisfeitos recommendo mui efficazmente a meu sobrinho e herdeiro Antonio Joaquim de Moraes que o pagamento dos foros devidos seja um dos seus primeiros e principaes cuidados, até porque o mesmo prazo então lhe ficará pertencendo. Em tudo o mais ficam em seu vigor, e novamente recommendo que se cumpram exactamente todas as outras disposições e determinações d'este meu testamento, as quaes aqui renovo, digo ractifico.=Residencia Parochial de Silva Escura, 25 de Novembro de 1835.

O abbade João Cypriano d'Assis e Moraes.

ATTENÇÃO:—Como a copia do testamento, d'onde transcrevi este, estava rompida em sitios e noutros sumidas as lettras, tenho a dizer aos meus leitores que tive de passar por alto, em dois sitios que vão ponteados, algumas palavras. No restante vae conforme, a não ser uma palavra de quando em quando que eu não consegui ler, mas que tirei pelo sentido. Nada mais

tenho a dizer em relação ao testamento, a não ser que o transcrevi para aqui não tanto pelo seu valor, como pelo interesse que tenho em dar aos meus conterraneos uma noticia completa acerca do meu concelho.

* * *

Tudo isto, se alguma coisa prova é a antiguidade desta terra.

* * *

Não posso finalisar este capitulo, sem mencionar a freguezia das Talhadas, que, apezar de se não notabilizar pelas suas notas historicas, se immortaliza comtudo por varias pedras monstros que se estivessem em qualquer cidade ou terra importante gosariam da mesma admiração, que esses monumentos que notabilisam cidades, que essas decantadas pyramides que tornaram universalmente conhecido o Egypto.

Além de muitas outras, ha lá tres pedras, ou antes tres livros da natureza, que, apezar de estarem esquecidos desde o principio do mundo, causam espanto geral a quem os vê.

Eu, confesso, mal os vi, senti-me arroubado perante a natureza, e jubiloso por ver que esta freguezia pertence ao meu lindo Cever; e as palavras que me acudiram aos labios ao ve-los, foram nos seguintes termos:

«*Estas pedras, (posso dize-lo com franqueza) são immensamente superiores ás d'Ovidio que a gotta d'agua, sempre a cahir, desfaz; as d'Ovidio são rompidas pela agua e estas nem o são pelas descargas electricas, pelos mesmos raios que das electrisadas nuvens se despenham com grande força.*»

Foram algumas horas d'alegria e admiração que alli passei a tanger a minha lyra e a dedicar-lhe alguns versos da minha lavra, alguns cantos desataviados (1).

Tamanha é a monstruosidade de taes penedos!...

São tres monumentos de tal natureza que, reduzidos a pedaços, forneceriam pedra para edificar uma cidade.

Que grandiosidade de monumentos!

Todas estas pedras tisnadas, tradicionaes, paralyticas como o Alphaltite ou mar morto, mostram a gran-

---

(1) Não pensem, todavia os meus amigos que por eu fazer alguns cantos me tenha e me repute na conta de verdadeiro poeta.

Não. De nenhuma sorte.

Pois um poeta, um verdadeiro poeta, como toda a gente sabe, é um artista; para produzir precisa ter uma ideia, ou um sentimento nobre que o inspire, e o talento para apresentar em bellos versos o sentimento ou a ideia que o inspirou.

Ora tudo isto me falta a mim na precisa quantidade para ter foros de poeta.

No entanto, tambem osculo e abraço algumas vezes a minha idolatrada musa, e tanto assim que, desde já posso ma-

deza da natureza, bem ao contrario do que se dá na minha propria terra, onde todos os seus valles e prateadas varzeas deixam ver a belleza da mãe – natura.

N'um lado destaca-se grandeza e no outro a belleza, grandeza e belleza que, reunidas, concretizadas, fazem do meu querido Cever, um verdadeiro jardim á beira do Vouga plantado.

A' vista disto, quem não visitará estas terras que o sol e a lua na sua eterna harmonia illuminam, aquecem, poetizam e alegram, alimentando os dôces e melifluos sonhos da imaginação, esses sonhos que chovem sobre os desgraçados como recompensa ás suas acerbas dores.

Visitem e admirem estas terras que não perderão o tempo.

Affirmo-o com toda a minha sinceridade.

Creiam-me.

---

nifestar aos meus leitores, que, como resultado desses osculos e abraços, consegui fazer alguns cantos que tenciono dar á luz da publicidade brevemente, cantos que intitularei *Ensaios poeticos* e que serão consagrados aos meus illustrados mestres e aos meus queridos progenitores: *pae* e *mãe*.

Esse livro, desde já o digo, apezar de não encerrar versos d'um *nevrosismo* sem par, notabiliza-se pelo ideal que tive em vista, que é grande, puro, alevantado e santo, e pela doutrina que encerra, que, afinal de contas, é a doutrina christã, genuinamente christã.

E se não dê-se tempo ao tempo para se conhecerem as minhas affirmações.

*
* *

A' parte as pedras que mencionei e que descreverei na secção destinada aos monumentos, ainda existem duas, ou mais propriamente, uma que se partiu em duas pela mesma occasião que as outras.

Estas, que ficam no proprio povo, são notaveis pelo motivo de terem dado o nome á terra, pois é ponto mais que assente de *Talhadas* derivar das taes pedras talhadas ou partidas.

Vem-lhe, pois, o nome d'essas duas columnas de pedra que se levantam no meio do povo como dois livros abertos.

Que poesia a desses penêdos!

*
* *

E com estas notas termino o capitulo.

Serão complicadas? Serão deficientes?

Não sei.

Mas creio que é o sufficiente para os leitores ficarem fazendo uma vaga ideia dos principaes factos das freguezias do meu concelho.

Tudo o mais que aqui dissesse nenhum lucro traria á terra, mas serviria apenas para massar os leitores, o que eu de nenhuma maneira quero.

E' o preciso.

V

Por mais que espiolhasse as apodrecidas e desbotadas chronicas referentes a Cever, nunca mais deparei com este nome, após o reinado do monarcha venturoso, que em 1514 lhe deu foral novo. Desde então, jámais apparece o nome da minha terra a alegrar-me ou a entristecer-me a alma de vero patriota, consoante a natureza dos eventos que se tivessem realisado. Não houve por aqui ninguem, que, ou sedento de renome, como o avarento do maldito oiro, ou demasiadamente arrojado como Christovam Colombo, quando pedia um navio a troco d'um novo mundo, ousasse levar o nome desta terra, já não digo para mares nunca d'antes navegados, mas, ao menos, para o immorredoiro e sempre bemdicto pantheon da historia. Não tivemos infelizmente d'esses aventureiros, credores de todas as sympathias. Era um *não te rales* continuo em theoria e em pratica. Toda a acção d'esse tempo se reduzia á *charrua* e ao *anzol*. Porém, esse condemnado *quietismo* não durou sempre,

e essa aridez de noticias só se estendeu até ao tempo das fatidicas invasões francezas. Pois n'essa epocha, diz o meu povinho, que as egrejas d'esta terra ou mais propriamente d'este concelho, foram theatro da rapinagem dos malditos invasores que lhes roubaram grandes quantidades de pratas que, quasi todos os templos, n'essa data possuiam. Não sei se isto merece credito. Faça cada um o que entender. Eu farei o mesmo. Passada, porém, esta occasião sou obrigado a registrar uma segunda data tão notavel como a primeira. E' a data, ou melhor, o anno de 1889, data ou anno em que aqui se notou um certo movimento anormal, originado pelos *partidarismos regionais* e pelo *Vigilante* e *Luz*, pequenos jornaes, orgãos d'esses partidos que pelo concelho a fóra espalhavam os programmas de seus chefes.

* * *

«Luz» e «Vigilante» publicaram-se em Cever de 1889-1890. *A Luz*, semanario regenerador, appareceu, pela primeira vez, em 16 de setembro de 1889. O seu 1.º artigo do fundo intitulava-se *Ao Que Vimos.*

Tinha como proprietario o Commendador Martins Henriques, e por Redactor a Samuel Cortez. Até ao 5.º numero inclusivé, era de formato pequeno e não tinha administrador declarado; porém o numero 6.º que já se mostrava de maior formato, trazia como Administrador o Sr. J. Martins Pereira.

Do numero 19 ao numero 21 o «Responsavel» é

o Manoel Francisco Tavares, cavalheiro que do numero 22 em deante perde a denominação de «Responsavel» para tomar a de «Editor».

Teve este semanario ceverense vida até ao numero 65, depois do qual apenas sahiu um «Supplemento cujo artigo do fundo era intitulado *Ao Reposteiro.*

* * *

O Vigilante, semanario progressista impresso na typographia da *Soberania do Povo*, d'Agueda, começou a correr mundo pela primeira vez no 1.º de outubro de 1889, por conseguinte 15 dias mais tarde que «A Luz.»

Era propriedade do Conde de Beiroz. A epigraphe do seu 1.º artigo era – *A Nossa Apresentação.* O seu formato até ao 5.º numero tambem foi pequeno, depois cresceu.

O que lhe deu origem pode dizer-se que foram uns artigos publicados no *Districto d'Aveiro*, do Rev.mo João Joaquim Rodrigues da Senhorinha, que tomou o pseudonimo de *Vigilante.*

De taes artigos só conservo em meu poder o 1.º alli publicado, e que para aqui passo a transcrever já.=

SEVER DO VOUGA

(Correspondencia particular)

Snr. redactor. — Tencionavamos principiar hoje de examinar, nas suas particularidades, as duas correspondencias de Sever, publicadas no «Campeão» de 18 do corrente, ás quaes nos referimos já na nossa correspondencia passada, e que, apesar de seus auctores se apresentarem por vezes menos dignamente, davam margem a uma longa discussão, mas vimos hoje muito franca e terminantemente declarar que desistimos do nosso intento.

A' vista d'uma terceira correspondencia, publicada tambem no «Campeão» de 25 do corrente e firmada pelas iniciaes F. M. L., em que sem esforço se descobre o nome do auctor da do dia 18, escripta n'uma linguagem d'alcouce, com a qual uma creatura ordinaria, um torpissimo safardana, uma auctoridade qualquer, sem respeito algum pelo elevado cargo de que se acha investido, sem dignidade, sem pundonor, sem educação de especie alguma, vem, com a sua toga de magistrado conspurcada por tantos erros que tem commettido, vomitar contra nós umas baboseiras asquerosissimas, que, embora expectoradas com toda a força d'um organismo valido, são a expressão inequivoca d'uma alma corruptissima, de um abjectissimo caracter, ferido no seu desmedido orgulho pelo desespero d'uma causa irremedia-

velmente perdida; á vista de tal correspondencia, repetimos, não seremos nós, que nos presamos de gravitar n'uma esphera muito mais elevada, quem descerá até ao charco immundo, onde chafurda o repugnantissimo reptil que, sacudindo-se, pretendeu sujar-nos, e comnosco todo um partido honrado, a desviar o pus arremessado, e que nem de leve nos toca, para o fazer entrar de novo na ulcera d'onde sahiu, e que é o seu natural repositorio.

A natureza se encarregará d'este trabalho; pela força d'affinidade que expontaneamente attrae os corpos homogeneos, tudo voltará ao seu antigo logar.

Que nos importa o pio do abutre, o zurrar do onagro, o uivo do chacal, e o rugir da panthera?

Tudo isto não representa as mais das vezes senão a impotencia da fera para devorar a victima.

Aguia, pouco nos incommoda o grasnar da cegonha.

A lagrima é livre; e qnando, putrida, amarella, virulenta, é segregada pela força impotente do odio, pelas convulsões do desespero, quando é do crocodillo, emfim, só merece a gargalhada do desprezo.

Pode, portanto, o togado insultador, qual passarolo immundo, bater as suas negras azas sobre o esterquilinio, remecher com as suas garras aduncas nas carnes putridas dos cadaveres, engulir, ruminar tudo nos seus dois estomagos, e vir em seguida vomitar toda a massa repellente que a sentina da Vera-Cruz tudo receberá, e nós apenas lhe atiraremos ás faces, de desinfectante no nariz, com o escarro do nosso nojo.

A nossa tarefa é mais elevada; e vamos desempenhar-nos d'ella com a firme resolução de nos não deixarmos desconcertar mais por ápartes estolidas e insolentes de charlatães indecentes.

Não nos desviaremos mais d'este caminho por mais que nos solicite para o banquete pessoal, o vampiro infame que tanto o saboreia.

Se teme a discussão politica, nós caminhamos para ella de fronte levantada.

Havemos por vezes de ser severo, mas só quando a critica austera dos factos e das pessoas na sua vida publica o exigir.

Foi isto o que promettemos no nosso programma, e é isto o que vamos hoje principiar a cumprir na nossa linguagem chã e despretenciosa.

Dissemos que haviamos de estudar e expor a historia do partido progressista de Sever no seu passado e no seu presente, afim de fazermos as nossas previsões acerca da sua administração no futuro, e vamos hoje principiar a desempenhar-nos d'esta tarefa, imparcialmente, friamente, sem paixão nem odios, simplesmente com a mão na nossa consciencia, que nos presamos de ter immaculada.

Por passado do partido progressista de Sever queremos significar a sua historia até 1882, anno em que deixou de gerir os negocios do municipio.

Até esta data o concelho de Sever, pode dizer-se, foi um feudo progressista, e por isso todo o mal que praticou, e todo o bem que, podendo fazer-se, se não

fez na administração municipal durante aquella longa epoca, pode dizer-se tambem, é d'unica e exclusiva responsabilidade d'aquelle partido.

Então já a arte de administrar os municipios èra difficil.

Como nos organismos superiores — os estados, nos organismos inferiores — os municipios, os melhoramentos materiaes impunham-se já, e o administrador, que isto desconhecia, condemnava a terra que administrava á inacção, ao estacionamento, á indifferença, se não ao retrocesso e ao anniquilamento.

Foi o que aconteceu ao concelho de Sever, administrado pelo partido progressita.

Ao passo que os concelhos visinhos se lançavam abertamente nos braços dos melhoramentos materiaes, viviam, trabalhavam, prosperavam e progrediam; o concelho de Sever, qual fidalgo arruinado, jazia indifferente, mirando-se vaidoso na antiguidade de seus pergaminhos, que remontam ao principio da monarchia, na mais criminosa das apathias, pela inepcia dos seus administradores.

Estes seriam, em geral, honrados, concedemol-o, mas além da honradez, que deve ser o apanagio de todo o homem que se prese de o ser, outros predicados imprescindiveis se exigem nos homens investidos na complicadissima tarefa de administrar os povos; precisam elles tambem de uma orientação segura que lhes aponte o verdadeiro norte, da iniciativa que emprehenda, e d'uma intelligencia esclarecida que execute, e to-

dos estes predicados faltaram nas administrações progressistas do municipio de Sever.

Compostas em geral de homens de boa fé, mas de vistas curtas, completamente desconhecedores do direito publico moderno, preferiam, contra todos os principios mais rudimentares de economia social, accumular saldos sobre saldos, visto que as receitas eram então grandes com relação ás diminutas despezas obrigatorias, a gastar alguma cousa nos melhoramentos materiaes, instantemente reclamados pelas necessidades economicas.

Era a avareza arvorada em instituição social!

E quando a esta gente se offereceu ensejo de fazer alguma cousa; quando um vislumbre de luz pareceu penetrar nas suas aborrecidas intelligencias; quando uma iniciativa bem orientada pareceu sacudil-os da sua criminosa inacção, ainda então lhes faltou intelligencia segura que organisasse e executasse o plano de uma maneira proveitosa.

E ahi estão dois monumentos vivos, duas eternas memorias para o attestar — a estrada da Ponte de Pecegueiro ao Sobral (tudo quanto ainda assim foram capazes de fazer), cujo modo de construcção foi o menos economico, — uma calamidade para o municipio, e a casa de escola do Conde Ferreira, que é um escarro, que ahi ficará perpetuamente para eterna vergonha dos severenses.

A estrada para o Sobral foi construida por arrematação; custou 4 contos e tal, podendo custar pouco

mais de metade, se se soubesse aproveitar o trabalho braçal.

E assim se gastaram inutilmente, sem necessidade, perto de dois contos de reis, que muito bem podiam ser aproveitados no prolongamento da mesma estrada para Sever.

A segunda, a casa da aula, essa então representa um escandalo tal, que d'elle nos não podemos lembrar sem que a nossa cara se cubra de vergonha.

O que se fez foi construirdo sem figurar em orçamento algum.

Não se chegou a concluir a obra, nem a receber a ultima prestação.

O arrematante não cumpriu, nem tinha bens, por os quaes podésse ser obrigado a cumprir, nem o fiador os tinha tambem; o que se fez não foi feito segundo a planta, pelo menos em parte.

E agora ahi está esse pardieiro, servindo de ninho ás aves do ár, e de covil ás bestas da terra, de retrete aos viandantes, e quantas vezes? de theatro a scenas vergonhosas!

Ahi fica, porém, o nosso protesto, que o é tambem de todos os severenses.

E' preciso que se liquidem as responsabilidades, pertençam ellas a quem pertencerem.

E' o que exige um concelho inteiro de todos os homens publicos de Sever, sejam quaes forem as suas côres politicas.

Como particular podemos ter contemplações para

com quem quizermos; como gerentes dos negocios d'uma corporação publica, não podemos, nem devemos, é um crime tel-as.

Continuaremos.

28 de setembro de 1889.

Vigilante.

* * *

Ao verem esses dois jornaes a luz da publicidade, ainda houve quem se lembrasse de que iriamos assistir ao lindo romper d'uma alvorada de triumpho, em que a nossa terra despiria a feia e macrobia roupeta da indolencia, para se acobertar com um manteu de luz, e caminhar depois, pelo mundo além, entoando um threno á vida velha que se evaporava como um sonho ao romper d'aurora, e cantando, triumphalmente, um hymno á vida nova que nós sonhavamos galante e garbosa como o astro rei num dia primaveril. Porém, essa vida nova na politica e costumes que todos anhelavam, como o doente anhela a saude e o desterrado a patria, não chegou a romper, porque esses jornaes, uma vez nascidos, começaram a atacar homens em vez de principios e a chafurdarem nas tricas politicas como suinos no lodaçal nauseabundo. Foi o que succedeu. Hoje, porém, fallando da politica de Cever direi, com o coração transpassado de dôr, que nada de util ella tem trazido á minha terra.

Todos são concordes em proclamar aos quatro ventos, sem receio de serem desmentidos, que a *politica em Cever, longe de ser e de ter sido como nas demais terras a arte, o meio de bem governar os povos e de contribuir para o seu bem estar sob todos os pontos de vista, tem sido e é ainda agora, a arte de lhe coarctar a liberdade e de lhe subtrahir tantas e tamanhas regalias a que tinha «jus» como as outras povoações suas coirmãs.*

Se não que se cale a minha voz e que fallem os factos contra os quaes não pode haver argumentos, contra os quaes todas as argucias cahem por terra, como aconteceu áquella estatua de pés de barro que o tristemente celebre Nobuchdnosor viu em sonhos.

Pois, pergunta-se, de que tem servido a politica em Cever; que melhoramentos tem feito; que regalias tem trazido?

Com franqueza o digo, a politica em Cever de nada tem servido, os seus melhoramentos são nullos e as relagias estão-se vendo; *é sermos obrigados a demandar uma comarca longinqua, quando podiamos ter uma perto.*

* * *

Eis o que teem feito esses homens que se apodam de *protectores* do povo, de seus *amigos* e *libertadores.*

*
* * .

E' a politica aqui uma verdadeira chaga que continuamente gotteja pus em abundancia. E tanto assim que (desde já o digo) se a esperança de dias melhores me não animasse algum tanto, eu seria o primeiro a obsecrar ao Bom Deus que riscasse inexoravelmente esta terra do quadro do mundo, que a destruisse sem piedade de côr alguma, como fez a Sodoma e a Gomorrha, cidades que, noutras coisas sim, eram a vergonha das suas demais companheiras. Mas ainda bem que este estado de coisas não durará mais do que a vida duma alvorada, porque os seus habitantes já estão descrentes das falsas promessas que alguns demagogos lhes teem feito, e tambem já olham com vistas alevantadas e algum tanto perspicazes para um horisonte de luz, que, em breve, se verá surgir anacarado e lindo, a espancar as trevas d'essa caliginosa noite que até este dia nos tem mantellado, como o farrapo negro mantella os hombros da desconsolada viuva.

Espalhe-se, n'este povo, a luz da instrucção, e ensine-se-lhe, uma e muitas vezes, a santa oração do *a b c* que alguma coisa se fará, que uma mellifua e almejada revolução se operará nesta terra. Congreguem-se todos os elementos, una-se o povo n'uma só vontade, conjuguem-se todos os esforços, que muito breve o povo de Cever entrará no bom caminho; que mais depressa do que se pensa chegará triumphante á terra da promissão — porto aurifero onde buscam ancorar as mais radiosas

aspirações dos espiritos superiormente cultos e delicadamente impregnados da luz da immortalidade. Avante, povo da minha terra. Segui o primeiro que vos quizer libertar, pois d'outra sorte vereis esta terra condemnada a um *ostracismo* perpetuo, como o tem estado até hoje.

Haja lucta, porque a lucta é vida.

* * *

Posto isto, cá estou eu para dizer, de relance, o que sinto ao ver o que foi, noutros tempos, e o que é hoje Cever.

Que mudança, ha dez ou doze annos para cá!... ainda me lembra só existir meia duzia de casas, no que é propriamente a villa... mas que casas Santo Deus!... velhas, lendarias, carunchosas, quasi sem janellas... e então de paredesnegras, negras como a propria noite do crime!...

E além de tudo isto, para maior infelicidade nossa ainda tinhamos, sobretudo no coração do inverno, um perfeito mar de lama no estreito e acanhado terreiro onde era o mercado da villa.

Era isto e só isto a praça de Cever... meia duzia de palmos para paradeiro dos sardinheiros, meia duzia para horteleiros, e outro tanto para os vendedores de cereaes em frente da capella de S. Braz, alem do antigo pelourinho para onde iam sempre as tradiccionaes regateiras das gallinhas... e... — nada mais.

Pouca area de praça e em más condições!

* * *

Mas ainda bem que a villa que ha annos se via n'uma desolação que a toda a gente causava dó e tedio, hoje se soergue com a fronte desannuviada e com seu trajo domingueiro, para rivalisar com outras não só em bellezas naturaes de que é rica a mais não poder ser, como tambem em bellezas d'artificio como são os predios bem alinhados e melhor talhados que por toda a villa se descortinam, de forma a incutir um certo ar de nobreza e fidalguia, a esta linda namorada do Vouga, a este jardim ceverense.

* * *

Note-se que todo este conjuncto, toda esta belleza, é obra dos proprietarios de Cever, pois melhoramentos publicos, melhoramentos feitos a expensas do municipio, poucos, muito poucos, quasi *nenhuns* se conhecem.

E' isto o sufficiente para illucidar alguem que até hoje não esteja ao par de todas as chronicas de Cever. Podia apresenta-las com mais minudencias, mas creio ser desnecessario. Por aqui me quedo.

VI

PRODUCÇÕES

E' Portugal um paiz uberrimo e abençoado sob o ponto de vista agricola.

E', sem duvida, um dos solos mais ferteis, se não do mundo inteiro, ao menos da Europa toda.

Que se levantem a confirmar a minha asserção todos os generos agricolas que n'este paiz nascem, crescem, e frutificam com extraordinaria feracidade.

Desde o Algarve ao Alemtejo e desde aqui até á Beira, Traz-os-Montes, Douro e Minho são tudo campinas fecundas, viçosas e exuberantes, a não poder ser mais.

E o que mais me consola e alegra é o ver que todo este florir, verdejar e produzir da agricultura é devido a exiguos trabalhos, e relativamente a poucas bagas de suor, que o homem, gigante nú, expelle dos seus póros, quando lucta com o grande gigante d'aço que se apoda a natureza.

O que se affirma dos terrenos cerealiferos tambem

se pode dizer de todas as charnecas e maninhos que, apezar de incultos, ostentam robustos pinheiraes e gigantescos castanheiros, que, diariamente, acodem á flôr da terra, não trabalhados pelas mãos do homem, mas naturalmente, como se fossem cogumelos.

Visto fallar nos maninhos não posso passar além sem lembrar ao homem, aos nossos governos, a todo o meu paiz de lindezas sem rival, que nelles tinham um meio de diminuir o *deficit* que peza sobre nós, como o remorso sobre o assassino de consciencia ainda não callejada.

Que riqueza immensa, que grande fonte de receita não proviria d'essas gandaras e maninhos, se estivessem todos cobertos, senão de castanheiros ao menos de sobreiraes que em todo o nosso paiz se desenvolvem extraordinariamente.

Se assim fizessem teriamos, só em cortiça, uma fonte de receita tal, que só ella em poucos annos tiraria a divida que, aos hombros de todo o paiz, carrega.

Seriamos a primeira nação a exportar em maior fartura este genero, que nos traria rios de dinheiro, fazendo-nos vir á mente os felizes tempos de D. Manoel.

Nadaria este jardim da Europa, em mar de rosas, como n'outras eras de saudosa memoria nadou.

Para lição e para exemplo ponhamos os olhos na Inglaterra, n'essa rainha dos mares e do oiro, e vejamos os esforços que ella emprega para fertitizar esse ingrato solo que, se não fosse trabalhado e bem trabalhado, não produziria mais do que espinhos e abrolhos.

Pòrém, a actividade sem limites dos inglezes tem metamorphoseado a terra que hoje pode apresentar-se como typo de agricultura.

Tão importante é o trabalho!

Só elle vence tudo! - *omnia vincit...*

Demonstrado, pois, á luz da evidencia que Portugal é terreno fertil e feraz, fica implicitamente dito que tambem a minha terra o é, visto estar sentada no meio do paiz, visto ser o seu coração.

Verdadeiramente assim acontece.

Tanto a freguezia como todo o concelho de Cever é terra muito productiva em todos os generos agricolas do nosso paiz,... muito abundante d'aguas, pelo que ha muitos prados em que se criam gados de toda a qualidade.

Todos os campos marginaes do Vouga são de notabilissima exhuberancia, mercê do nateiro que as enchentes lhes fornecem.

As ricas laranjas, que exporta em grande quantidade, principalmente as de Pecegueiro, são deliciosas.

A par das laranjas ha, em relativa quantidade, cereaes, legumes, feijão, trigo, milho e vinho que apezar de verde é bastante saboroso.

Além de tudo isto, ainda o rio Vouga fornece peixe variado e saboroso, para toda esta região onde abunda a vitella de Lafões, de grande e merecedora nomeada.

A agricultura é não só a occupação de quasi todo o povo, como tambem a sua mais importante fonte de receita. Por toda a parte se ouvem as cantigas das moçoi-

las que andam arroteando os campos e fecundando a vinha; por toda a parte o chiar dos carros que vão e que veem; por toda a parte os lavradores com as suas tradicionaes carapuças gritando:

Eche boi!... Eche moreno!... anda castanho!... Vamos!... Ei... lá fóra!...

* * *

Ainda ha pouco tempo é que, apezar da principal occupação d'este povo ser a agricultura, pozéram de parte os macrobios e rotineiros processos de seus bisavós para seguir os modernos.

Agarrados a um fatalismo ingnorante, como o naufrago á tabua do navio destroçado, custou-lhes a depor os ensinamentos da velha escola; e estou certo que jámais os deporiam se não vissem as doenças lavrarem com desusada actividade, e toda a agricultura definhar.

Teem sido varias, infelizmente, as doenças que tem atacado a agricultura, mormente a videira.

Tem sido esta atacada grandemente.

O *mildiú*, o *oidium* e a *phylloxera* teem feito estragos incalculaveis em Portugal, e ainda continuarão a fazer.

Teem sido tão desoladores os seus estragos que não ha lavrador nenhum que se não lembre destes tres insectos, desta trindade horripilante com um certo desfallecimento e horror.

A todos estes tres insectos é a *phylloxera* que lhes

tem levado a palma em todos os pontos do paiz. D'ella diz a importante revista a «Voz de S. Antonio».

Desde 1867 que a *phylloxera* é bem conhecida em Portugal. Mas a sua maior celebridade, (e triste celebridade!) adquiriu-a principalmente pelos annos de 1889, em que, sendo invadido todo o paiz do norte a sul, se tornou conhecida de todos os vinicultores.

Foram tão desoladores seus estragos, tanta a pobreza e miseria que trouxe a todos os pequenos vinicultores, (e pequenos são elles quasi todos em Portugal), que ainda hoje ninguem se lembra da *phylloxera*, sem um certo terror quasi superstícioso, e certamente bem justificado.

Já lá vão mais de dezesseis annos, e a epoca de miseria que levou a todas as familias, sobre tudo ás do centro do paiz, ainda está bem gravada na memoria de todos.

Effectivamente, havia em todo o paiz uma tal abundancia de vinho, que, só elle fazia a felicidade e riqueza da maior parte dos seus habitantes; muitos não tinham outro negocio, não dispunham de outro modo de vida.

Ora a *phylloxera* invadindo e destruindo completamente os vinhedos que faziam de Portugal um jardim vinicola, convertia essa antiga fartura e prosperidade na mais extrema pobreza, na mais angustiosa miseria. E foram tão rapidos os seus estragos que em pouquissimos annos, desde as regiões do alto Douro, onde se demorou muito tempo sem assaltar o resto do paiz e onde relativamente fez poucos estragos, passou para as do sul

e do centro com tão assombrosa rapidez, que assolou tudo como um flagello devastador.

O povo, naturalmente inclinado ao maravilhoso e sobrenatural, maximamente quando em seus fracos recursos experimentaes não acha a solução de suas difficuldades, atribuiu logo a causas occultas e ordem superior este flagello que tanto feria sua imaginação, como seus interesses, e não acabava de crer que podesse existir na natureza um agente de tal ordem e tão malefico, que de um dia para o outro destruisse completamente seus trabalhos de tantos annos e o pão que esperava legar a seus filhos. Elle não via nem palpava com suas mãos a causa do mal, e por isso não acreditava n'ella. Refugiava-se no sobrenatural, pois só ahi encontrava explicação cabal a todas as suas duvidas, e não podia levar a bem que tão grande desgraça proviesse d'um misero insecto, d'um microbio a quem aprouve aos homens chamar *phylloxera*.

Mas seja qual for a opinião do vulgo ácerca da origem do mal, o que é certo é que quem immediatamente causou e causa ainda tantos estragos nos vinhedos de Portugal e de outras regiões, é um parasita microscopico, um *bichinho* imperceptivel, um pequenissimo *hemiptero* que, em numero de milhões, e milhões vai sugando a seiva das raizes da cepa em que habita fazendo-a morrer á mingua de alimento necessario á sua nutrição.

Estamos pois em presença d'um insecto ou microbio — a *phylloxera* — que foi a causa da destruição das

vinhas, propagando-se de terra em terra por contagio, invadindo a myriades todas as regiões vinicolas do paiz.

E' afinal uma enfermidade microbiana, epidemica e contagiosa, que, por seu modo de vida e reproducção verdadeiramente assombrosa, lavra rapidamente como qualquer outra epidemia – *tisica, colera morbus, variola, etc.*

Vamos, em um rapido esboço, apresenta-la aos leitores, historiando sua vida e costumes, como os de outro qualquer insecto, bem como o desastroso papel que tem desempenhado nos vinhedos europeus, mas sobretudo nos de Portugal.

Não era a *phylloxera* conhecida na Europa antes de 1860, e só em 1863 é que começou a fazer seus estragos na Inglaterra, França, Allemanha e Suissa.

E' oriunda das cepas bravas, *cepas americanas* da America do Norte, nas quaes vive e se propaga espontaneamente, mas sem as molestar nem causar o menor prejuizo, como, ao contrario, succede nas cepas europeas.

Dos Estados Unidos foi a *phylloxera* importada para a Eupora em cepas trazidas para a Inglaterra, onde o mal começou a lavrar e donde se propagou pelas principaes e mais vinicolas regiões da Europa, fazendo immensos estragos e causando enormes prejuizos aos vinhedos indigenas.

Da mesma maneira que certos parasitas e microbios vivem em certos e determinados animaes ou vegetaes, assim a *phylloxera* vive, alimenta-se e propaga-

se de preferencia e quasi exclusivamente nas cepas, sugando-lhes a seiva e alimentando-se de sua substantancia.

E da mesma forma que certos organismos resistem mais ou menos á multidão de parasitas que os devoram e consomem, em razão de sua maior ou menor robustez, assim as cepas resistem mais ou menos á *phylloxera*, conforme a reação que exercem sobre o mal, relativa egualmente á sua natural robustez e feracidade.

E' assim que as cepas americanas, cuja robustez e força vegetativa são incontestaveis, pouco ou nada soffrem com os ataques da *phylloxera*, ao passo que as europeas bastam-lhes tres ou quatro annos para morrerem todas inevitavelmente quando são deveras e seriamente atacadas do mal. Quando digo que pouco soffrem as cepas americanas com a *phylloxera*, quero dizer as que são plantadas em nossas regiões, onde as condições do local, do ambiente e do grangeio não são inteiramente proprias para estas plantas, porque na America, onde ellas crescem e se propagam tão natural e ferazmente como a grama em nossas melhores terras, jámais se deixam sentir dos insultos e ataques da *phylloxera*.

A razão da sua resistencia a um mal tão nocivo ás suas congeneres europeas está na pujança e força vegetativa da mesma planta, e nas condições do meio em que vivem.

O solo americano, sobretudo nos Estados-Unidos, é de tal maneira adequado á cultura da vinha, e esta, a vinha brava ou *americana*, tão robusta e feraz, que na

California tem-se chegado a ver cepas com metro e meio de diametro, e uma ramada de mais de noventa a cem metros de circumferencia! A *phylloxera*, que não deixa de se desenvolver prodigiosamente em suas raizes, fica tão avassalada por tão forte e frondosa vegetação, e de tal maneira afogada com tanta seiva que não só lhes não causa o menor prejuizo, senão que quasi contribue para seu maior desenvolvimento, porque destruindo as partes extremas de suas raizes as obriga a irromper com uma verdadeira invasão de outras novas por todas as partes, especialmente junto ás cicatrizes formadas pela mesma seiva, reagindo contra a devastação da *phylloxera*, e proporcionando á cepa maior numero de radiculas com que hade absorver maior somma de elementos nutritivos.

As cepas europeas, pelo contrario, não dispondo de terreno tão rico e bem acondicionado, nem da decima parte de robustez propria como as cepas americanas, não são capazes de fazer uma resistencia efficaz ao mal, enfraquecem e definham de anno para anno, e acabam finalmente por ceder á violencia do contagio, seccam e morrem para sempre.

Em vista, pois, das vantagens que sobre as europeas teem as vides americanas, é que estas foram destinadas a substituil-as e formar de novo os nossos primitivos e tão florescentes vinhedos.

Apezar da robustez de que falamos, e de que são prova os exemplares encontrados na California e em outras regiões d'America, não se tem podido conseguir

que aqui medrem tanto como em seu paiz natal, porque a terra já cansada e sugada pela vegetação de muitos seculos não lhes pode subministrar todos os elementos de que ellas necessitam. Não obstante ainda ás vezes se criam tão robustas e frondosas, que nos causam verdadeiro espanto quando as comparamos com as vides europeas, ordinariamente raquiticas e fracas.

E' por isso que ellas exigem tão esmerados e dispendiosos amanhos, e é só desta maneira que ella pode dar o lucro que se espera. Doutra sorte definha, e não consegue resistir aos embates da *phylloxera*. Dos bons amanhos, pois, e grandes cuidados que se dispensam a estas novas plantações depende quasi totalmente a duração e fertilidade das vinhas, que da *phylloxera* nada teem a temer, principalmente se houve grande escrupulo na escolha das especies mais adequadas aos terrenos, e na preparação dos mesmos facilitando-lhes quanto possivel um desenvolvimento desafogado e livre.

Desde que a *phylloxera*, tendo sido importada para Inglaterra, começou suas terriveis devastações em todo o centro da Europa, não faltaram sabios que invidaram todos os seus esforços em estudar e conhecer a origem do mal e dar-lhe o competente remedio.

Plemchon foi quem teve a honra de em 1868 a baptisar pela primeira vez com o nome por que hoje é conhecida de todo o mundo, de — *phylloxera vastatrix*, ou simplesmente — *phylloxera*.

As radiculas novas, das cepas, cuja extructura, em vez de ser filiforme e cylindrica, era cheia de nodosi-

dades irregulares, formando á superficie da mesma raiz monticulos de corpusculos amarellos, apresentaram os symptomas do mal, que tambem se manifesta nas parras, sarmentos e raizes por certas deformações e excrecencias bem conhecidas dos vinicultores.

O exame microscopico indicou nesses corpusculos amarellos pequeninos parasitas *hemipteros*, a cuja classe pertencem diversos generos, incluindo a *phylloxera*.

Os caracteres principaes que distinguem a *phylloxera* dos mais insectos são:

Boca organisada para a sucção das substancias em que vivem. O mal que fazem á vinha consiste em sugar-lhe a seiva de que esta carece para seu desenvolvimento.

Consta o genero de muitas especies; a principal é a *ph. vastatrix* de que vimos falando.

Esta especie, como todas as outras compõe-se de individuos alados de quatro azas membranosas, e de individuos privados de azas ou apteros, todos d'uma côr amarellada, e cujo maior comprimento anda por um terço de millimetro.

A *phylloxera* é ovipara e propaga-se pela geração *parthenogenetica*, reproduzindo sucessivamente um numero tão prodigioso de individuos, que bastam poucos mezes e até poucas semanas para subirem a milhões e milhões de representantes deste minusculo e imperceptivel insecto.

O cyclo completo de suas metamorphoses é dos mais complicados e leva um anno inteiro a realisar-se. E' este o aspecto mais interessante que apresenta o es-

tudo destes insectos, para o fim que nos propomos. Descreveremos, pois, rapidamente suas evoluções, seguindo os mais auctorisados trabalhos que possuimos sobre a materia.

São *cinco* as *phases* que apresentam as *phylloxeras* durante todas as suas transformações e metamorphoses.

Para procedermos com ordem e clareza, supponhamos que debaixo da casca velha duma cepa encontramos ovos da *phylloxera* que ahi ficaram do anno anterior, e que por isso se chamam *ovos de hybernação*. Partindo d'este ponto percorramos todos os periodos do seu desenvolvimento.

Logo á entrada da primavera, com o suave calor que então reina, chocam os ovos e desenvolvem-se os bichinhos ou larvas, que sobem logo para as parras novas da cepa, e então começa a rebentar. Picam-nas em seguida na face superior fazendo uma cavidade onde se escondem, a qual toma o aspecto d'umas nodoas felpudas na parte inferior da mesma parra, tomando o nome de *galhas*. Daqui lhes vem aos insectos a denominação de *fundadoras gallicolas*.

Estabelecida cada uma em sua camara especial ahi passa por diversas mudas, põe *oitocentos* ovos cada uma, termo medio, e morrem immediatamente.

Esta é a primeira *phase* da *phylloxera*, que, assim como a descrevemos, só se realisa nas cepas americanas, conforme as experiencias dos mais abalisados auctores. Nas cepas europeas, os insectos nascidos dos *ovos de hybernação*, em vez de subirem para as parras, diri-

gem-se logo para as raizes sob o aspecto de insectos da *terceira phase* que descreveremos mais abaixo.

A *segunda phase* é um novo aspecto que em seu desenvolvimento apresenta a *phylloxera* differente do que deixamos exposto. Começa ao fim de oito dias depois da postura das *fundadoras gallicolas*, em que os ovos desenvolvendo-se dão nascimento ás *phylloxeras* chamadas *poedeiras*, porque são estas propriamente as que por successivas posturas hão de multiplicar até ao infinito o numero destes insectos de tão funesta celebridade.

Depois de nascidas as *poedeiras*, descem logo para as raizes das cepas pelas fendas do terreno e começam a atacar as raizes, sugando-lhes a seiva e destruindo-lhes os tecidos.

A *terceira phase* começa precisamente n'este ponto em que ellas se dirigem ás raizes, ou provenham das *gallhas* das cepas americanas, ou immediatamente dos *ovos de hybernação*, que se escondem nas cascas das cepas europeas.

Installadas na raiz da cepa põe cada *poedeira vinte a trinta* ovos, dando origem a novas legiões de *phylloxeras*, que por sua vez e em um curtissimo espaço de tempo, augmentam até ao infinito o flagello com novas e successivas posturas de vinte a trinta ovos.

Imagine-se que immensa multidão de *phylloxeras* não infectarão um vinhedo, destruindo-o irremediavelmente em menos de dois ou tres annos!

Supponhamos que em uma pequena vinha haveria

no principio da primavera *duzentos ovos de hybernação*. Cada ovo convertido em insecto e pondo cada um delles outros *oitocentos* ovos, multiplicariam seu numero a *cento e sessenta mil poedeiras*. Pondo estas, por sua vez, *vinte* a *trinta* ovos, são pelo menos *tres milhões e duzentos mil insectos!* A segunda postura dos primeiros e primeira dos segundos dará já um contingente de *sessenta e quatro milhões,* pelo menos. A seguinte postura de todos juntos dará *mil duzentos e quarenta milhões!!*

Ha ainda apenas tres posturas, e o numero de individuos é já fabuloso! Que faria se multiplicassemos mais duas ou tres vezes que são as posturas todas que cada *poedeira* pode fazer durante o anno?

Que admira pois que em tão pouco tempo seja uma vinha completamente destruida, sendo tão assombroso o numero de seus inimigos?

Eis o que diz a este respeito o snr. Visconde Villarinho de S. Romão em seu magnifico livro de *Viticultura* e *Vinicultura:*

«Principiam as posturas da *phylloxera*, na primavera, sendo seu numero medio *(o das posturas)* oito, e o numero medio dos ovos em cada postura *vinte*, variando este numero com a quantidade e qualidade do alimento, podendo um unico phylloxera, por gerações successivas, originar em seis mezes mais de *vinte milhões* de phylloxeras, calculando M. Barral poderem mil ovos de phylloxeras cobrir ao fim dum anno um hectare de terreno.»

Estas successivas gerações que se vão multiplicando

em escala quasi infinita extendem-se até ao inverno, e como elle em nosso paiz chega mais tarde que em outras regiões, resulta muito maior o periodo de sua assombrosa reproducção, e por consequencia incomparavelmente maiores suas devastações.

* * *

A multiplicação da terrivel *phylloxera* attingiu o ultimo grau nas successivas gerações realisadas na *terceira phase*, cujo assombroso desenvolvimento levámos ao conhecimento dos leitores, no numero precedente. Vai terminar o cyclo d'essa vida tão peculiar das *phylloxeras*, e ellas não perderão tempo em se esconderem novamente nas cascas velhas das cepas, para passarem o inverno no estado de *ovos de hybernação* semelhantes aos que serviram para começar nossas observações.

Continuemos, pois, seguindo suas evoluções começando desde o ponto em que as deixamos, isto é, na *terceira phase*, em que ellas, em gerações successivas, se multiplicam até ao infinito.

Dessas continuas gerações nascem individuos alados, mas em pequena quantidade; o maior numero é absolutamente desprovido de azas.

Estas ultimas são as *phylloxeras hybernantes*, que, ao aproximar-se o inverno tratam logo de descer ás raizes das cepas, permanecendo ahi alethargadas durante toda a estação fria até á chegada da primavera.

Durante este tempo não causam prejuizo algum ás

cepas, porque não lhes sugam seiva, nem comem outra coisa alguma; estão como mortas. E' por isso que as cepas não dão signaes de infermidade durante este periodo, e até quando começam a rebentar apresentam um certo vigor que não era de esperar.

Chegada porem a primavera todas se reanimam, e continuam suas evoluções e estragos como as da *segunda phase.*

As *phylloxeras aladas*, pelo contrario, teem um papel muito mais desastroso a desempenhar na destruição da vinha. São ellas que vão propagar ao longe o terrivel flagello, sob o aspecto da *quarta phase.*

E' muito discutido o modo como se originam as *phylloxeras* desta phase. Dizem alguns auctores que procedem dos ovos das *poedeiras*, os mesmos que deram origem ás *hybernantes*, com a differença apenas de que umas são aladas e outras não. Outros pelo contrario, affirmam que são as mesmas *hybernantes* depois de soffrerem uma pequena modificação, de criarem azas e de tomarem nova forma e caracteres distinctos.

Pouco importam para o nosso caso estas divergencias, basta-nos saber que estes individuos alados apparecem aos milhões logo desde os principios de julho, começando em seguida suas temerosas e sinistras emigrações.

Levantam-se então ás nuvens, mais espessas que a areia do deserto impellida pelo tufão, e, com vôo incerto, sem direcção fixa, deixam-se arrastar pelo vento que as leva a distancias incalculaveis, semeando em sua

passagem o flagello e a destruição dos vinhedos, nas myriades de insectos que vão ficando em toda a parte agarrados ás vides, ás arvores, semeados pelos campos; da mesma maneira que as cinzas d'um vulcão deixam em sua passagem indeleveis signaes de sua sinistra apparição.

D'aqui se pode calcular a grande influencia que no desenvolvimento do mal exercem as correntes atmospphericas segundo a direcção que tomam em sua passagem, o que afinal é commnm a todas as grandes epidemias, que, tendo origem em parasitas microscopicos e mais leves que o ar, quando se levantam para effectuarem suas imigrações, são arrastados pelas mais leves correntes d'ar ás mais longinquas paragens, para ahi propagarem seus perniciosos effeitos.

Quantas vezes não ouvi contar a algum velho da minha terra, fallando da *febre amarella, variola, colera morbus*, etc., que por ahi fizeram não poucos estragos, que tal ou qual paragem, situada muitas vezes em um profundo valle ou ao abrigo d'uma alta montanha, tinha sido preservada do contagio, *por se encontrar ao abrigo do vento que leva as epidemias!*

Effectivamente assim era. A infinita multidão de microbios que infeccionava uma região qualquer era em parte arrastada pelas correntes atmospphericas para por sua vez irem infeccionar outros mais distantes. Ora seguindo os microbios ás correntes d'ar que os transportavam, fatalmente haviam de tocar onde estas tocassem, e ahi produziriam seus pessimos effeitos.

Seriam portanto mais contempladas do mal as regiões mais expostas ao vento e menos as mais defendidas pelas montanhas, chegando até a ficar algumas regiões inteiramente preservadas desde o momento que as correntes atmosphericas, galgando por cima das montanhas, não tocassem nas partes defendidas por ellas.

Assim succedeu com a *phylloxera* em Portugal.

Como é o vento norte o que ordinariamente n'elle reina, sobretudo de verão, epoca das grandes emigrações phylloxericas, nada mais natural que propagar-se rapidamente por todo o paiz, visto ter a phylloxera começado a infectar as vinhas do Douro.

E como era natural assim aconteceu. Tocadas pelo norte as myriades de phylloxeras migratorias correram o paiz de norte a sul com grande rapidez e em poucos annos já tinha invadido a extremadura, e o Alemtejo sobretudo. O Douro, Minho e Traz-os-Montes, que lhe ficavam ao norte, e por isso mais livres das emigrações que tendiam a estender-se para o sul, foram as partes mais privilegiadas e onde ainda hoje as cepas europeas se cultivam e produzem quasi tão abundantemente como outrora no sul e centro do paiz.

E' tambem muito notavel, e vem em conformação do que acima afirmamos, que os sitios mais abrigados pelas montanhas e as *latadas* ou *parreiras* cultivadas em quintaes ou abrigadas com muros, não só fossem as que resistissem por mais tempo, senão que ainda hoje existem muitas completamente immunes do contagio. Estes factos, verdadeiras excepções d'um mal tão

geral, faziam pensar o povo, que chegava a attribuir virtudes especiaes a essas cepas privilegiadas, e a preferil-as ao mesmo *americano* para renovar a vinha, sem pensar sequer na sua causa, que era só o isolamento em que se encontravam.

Mas voltemos ao ponto onde começaram as nossas divagações.

Para que se faça ideia do que seja uma *phylloxera alada*, no momento de realisar suas emigrações, sem necessitarmos de fazer uma descripção minuciosa que a maioria dos leitores não entenderia certamente, basta lembrarmo-nos dos caracteres e disposições da *cigarra* com a qual tem muita analogia. Forte e robusta, possue quatro azas transparentes, d'um rediculado muito fino, e um pouco mais compridas que as da *cigarra*, se attendermos ao tamanho de cada uma, pois esta tem mais de quarenta ou cincoenta millimetros ao passo que a *phylloxera* não chega a ter tres quartos de millimetro em todo o seu comprimento.

São todas femeas e levam tres ovos no abdomen que, por ser transparente, permitte que sejam examinados, atravez da pelle, por um potente microscopio.

Assim providas do germen que lhes ha de perpetuar a especie, ahi vão ellas sem destino, para onde o vento as quer lever.

Chegadas ao termo de sua viagem, começam logo a depositar os ovos por entre as fendas das cepas, debaixo da casca velha das mesmas, nos buracos dos tutores ou em outros sitios adequados.

D'esta postura nascem ao fim de oito dias os dois sexos, *macho* e *femea*, sob o aspecto da *quinta* e ultima *phase*.

Reunem-se e acasalam-se, e os machos morrem logo. As femeas, depositarias de um unico ovo já convenientemente fecundado, procuram sitio adequado para os esconder. E' ainda debaixo da casca das cepas que ellas o occultam com todas as precauções; depois retiram-se e morrem descançadas, pois já findou a sua missão reproductora.

Estes são os *ovos de hybernação* que ahi permanecem todo o inverno, d'onde procedem, excitados pelos primeiros calores da primavera, as *fundadoras gallicolas*, pelas quaes começamos o rapido mas interessante esboço da vida d'estes desastrosos insectos, de suas metamorphoses e admiraveis transformações.

Está pois completo o cyclo evolutivo da *phylloxera*, desde os *ovos de hybernação*, que encontramos entre a casca d'uma cepa, e passando pelas *fundadoras gallicolas*, *poedeiras*, *phylloxeras migratorias*, até chegarmos á ultima phase em que, de femeas sómente, se convertem em individuos dos dois sexos, para finalmente darem origem aos *ovos de hybernação* taes como a principio os tinhamos encontrado.

Não ha hoje ninguem em Portugal que não tenha ouvido fallar da *phylloxera*, ao menos pelos desastres que produziu e pela immensa quebra que fez soffrer aos nossos magnificos e tão ferteis vinhedos.

Esses estragos não se manifestam logo no primei-

ro anno de invasão, antes parece que, durante o primeiro periodo da molestia, é maior a fertilidade da vinha. Durante os primeiros dois annos podem estar já totalmente infeccionadas as cepas sem darem disso o menor indicio.

Os primeiros signaes do mal são umas nodoas amarellas nas parras, que com o tempo se vão tornando roxas.

Estas nodoas vão crescendo, alargando cada vez mais e avassalando outras cepas e outras, envolvendo toda uma vinha, até a invadirem completamente.

No terceiro anno já o mal tem feito immensos prejuizos; nos annos anteriores mal se dava por elle. Os parasitas, que se multiplicaram d'uma maneira espantosa, começam agora a sugar a seiva das radiculas da vinha com uma voracidade espantosa, fazendo sentir de dia para dia seus mais perniciosos effeitos.

Uma vinha robusta, que nos primeiros dois annos de infeccionada, mal dava sinal da enfermidade, é destruida agora totalmente, e queimada como se um fogo abrazador por ahi passasse, desde o momento em que todas as condições concorram para o desenvolvimento do mal, e que lhe seja favoravel o meio em que vivem.

Assim se explica a rapidez com que certas vinhas se extinguem completamente em um anno ou pouco mais.

Certo proprietario conheci eu que ordinariamente colhia de suas vinhas *trinta* a *quarenta* pipas de vinho. No anno em que já todos fallavam da *phylloxera* e d'ella

se queixavam amargamente, tambem em suas pequenas vinhas ella se manifestou aqui e ali por algumas nodoas amarellas e mais raquiticas.

Comtudo nunca colheu tanto vinho como n'esse anno.

No seguinte mudou tudo completamente: foi tão grande o estrago da *phylloxera*, (que já o andava fazendo ha mais de dois annos) que de todas as suas vinhas só colheu *tres pipas*.

Devido talvez a condições puramente externas, parece que foi em certo modo paralizado o desenvolvimento da *phylloxera*. A vinha robusteceu um pouco e no anno seguinte colheu *oito pipas*. Tornaram porém á carga os terriveis parasitas; d'esta vez destruiram tudo completamente, e o anno seguinte foi um anno de absoluta esterilidade. N'esse mesmo anno foram arrancadas todas as cepas e substituidas por outras producções.

Muito contribuiu certamente para a generalisação do mal e suas desastrosas consequencias a ignorancia do povo e dos pequenos lavradores do centro do paiz, que todos, mais ou menos, possuiam suas vinhasinhas.

Em primeiro logar assistindo aterrados, mas inermes, aos progressos do mal, sem lhe procurar remedio e atalhal-o quanto possivel logo no principio, o que elles julgavam absolutamente impossivel, e não eram capazes de sair d'este erro por não terem quem lhes abrisse os olhos, apezar de haver quem o podésse e devesse fazer.

Mas o que era sem duvida mais desastroso ainda, para grande numero de vinicultores, por ter grande in-

fluencia na propagação do mal, era o facto de se arrancarem a maior parte das vinhas precisamente na epoca em que os microbios chegavam á ultima phase, resultando d'aqui a sua mais facil emigração para os vinhedos visinhos, tanto mais que permanecendo muitas vezes semanas e semanas na terra donde eram arrancadas, as cepas atacadas do mal, como que offereciam o veneno ás vinhas sãs.

Que myriades de microbios não se levantariam de sua antiga poisada, e favorecidos por uma temperatura elevada e quente, se transportariam nas azas do vento, para irem semear a desgraça ás mais remotas regiões, não deixando incolumes ainda os vinhedos por onde teriam de passar em suas nefastas emigrações!

Nenhuma prevenção se tomou, não houve quem apontasse o perigo, deixaram correr o mal á redea solta, e propagou-se e destruiu-se em poucos annos a unica riqueza de muita gente!

* * *

Muitos foram os ensaios que se fizeram para combater o mal, mas poucos com um resultado decisivo.

O sulfureto de carbone foi o que deu melhores resultados, sendo por isso o mais adoptado logo desde o principio. E certamente é elle o mais efficaz, comtanto que se empregue nas condições devidas.

A sua applicação, porém, muito economica para os grandes proprietarios, é summamente dispendiosa para

os pequenos viticultores, sendo esta a causa de o não adoptarem e de ser até pouco conhecido d'elles.

A submersão ou lanho ás cepas foi por bons auctores considerado o melhor antidoto ao mal, e esta noticia chegou até á classe dos mais infimos vinhateiros.

Consiste em submergir-se na agua as vinhas durante quarenta ou cincoenta dias continuos, attingindo a agua a altura media de dois palmos a contar da superficie. O tempo mais conveniente e proprio é dezembro e janeiro.

Muitos vinicultores teem applicado este remedio ás suas vinhas sempre com grande efficacia.

Ordinariamente deve-se repetir cada anno, porque se este banho mata todo o microbrio existente na raiz da cepa, não impede que no anno seguinte seja novamente atacada.

Esta pratica tem porem o inconveniente de não poder ser applicada em todos os terrenos, porque em uns falta a agua, e outros são de tal maneira accidentados que não é possivel regal-os todos uniformemente.

O remedio que está mais ao alcance de todos e com vantagens conhecidas, é o *bacello americano*. Alem de ser uma planta resistente ao mal, é de facil acquisição. Requer porem amanhos extraordinarios e tratamento muito esmerado para se poder desenvolver capazmente e reagir desassombrado aos ataques da *phylloxera*

Tambem é necessario ter em conta a relação das qualidades do *bacello* com a qualidade dos terrenos.

N'esta materia a melhor mestra é a pratica.

Segundo o congresso de viticultores e peritos reunidos em Leão, as melhores especies para os nossos terrenos, e que a mesma experiencia tem confirmado plenamente são as seguintes:

1.º – *Riparia* – para terrenos ricos, moveis, fundos e pouco calcareos.

2.º – *Rupestris* – para os terrenos seccos, cascalhentos, pobres e pouco calcareos; sendo preferiveis para os terrenos seccos e pobres as variedades *Rupestris Lot e Monticola.*

3.º – *Berlandieri* – para os terrenos calcareos.

O *Solonis* dá-se perfeitamente nos terrenos frescos e delgados, poucos ferteis e pedregosos.

Para os terrenos onde melhor se desenvolve a *phylloxera*, que são os seccos, pobres, e os situados nas regiões quentes, devem escolher-se de preferencia os mais resistentes, que, segundo Millardet, são os seguintes por ordem de resistencia:

Rutundifolia, Berlandieri, Rupestris, Monticola, Riparia, Aestivalis, Cinerea, Candicans e *Labrusca.*

As variedades mais cultivadas nas regiões de Lisboa e Torres Vedras, são: *Riparia, Rupestris, Monticola e Vialla.*

VII

São n'este concelho as famosas minas de chumbo argentifro do *Braçal, Malhada* e *Coval da Mó*. E', pois, esta terra de muito valor industrial, mercê dos riquissimos jazigos e filões mineraes, que em suas entranhas encerra.

Para os meus amigos adquirirem conhecimentos mais minuciosos ácerca das minas do meu concelho, dar-lhes-hei alguns esclarecimentos n'esta secção das producções, visto que o mineral que d'aqui se extrae, tambem é uma especie de producção, senão no sentido rigoroso do termo, ao menos na sua significação mais lata. E' este um dos mais importantes centros mineiros do norte do paiz, abrangendo a concessão as tres minas acima mencionadas.

De 6 de agosto de 1836 data o decreto concedendo a José Bernardo Michellis o campo da concessão da antiga mina do Braçal. Quatro annos depois, ou seja em 1840, passou para o concessionario Diedrick Ma-

thias Fewerheerd (allemão) que a explorou durante 10 annos. Em 1850 foi descoberta a mina da Malhada, distante da do Braçal uns 800 metros; e em 1856 a do Coval da Mó.

O descobrimento d'estas minas, attribue-se a vestigios de trabalhos antigos, onde entre outros objectos, se encontrou uma trança de chicote de coiro, que provavelmente seria de castigar os escravos que trabalhavam na mina, um balde de madeira que devia ter servido para extracção do minerio, um pedaço d'uma candeia de barro, bem como diversos madeiros metamorphoseados, quasi por completo, em lenhite. A concessão definitiva, que esteve em vigor durante toda a vida do allemão *Mathias Fewerheerd*, foi lavrada em 2 de maio de 1868, até que por decreto de 12 de março de 1877 foi approvada a transmissão da propriedade d'estas minas para a sociedade denominada *Administração das minas do Braçal* composta da viuva e herdeiros do referido *concessionorio*.

Não paralisaram aqui os serviços, mas foram continuando com pouca intensidade, até ao anno de 1882, epoca em que na grande cidade de *Garrett*, na industrial cidade do Porto se organisou a *Companhia Mineira* e *Metallurgica do Braçal*, denominação que ainda hoje vigora.

Em 1898 formou-se uma companhia Belga, companhia que, já com os seus abundantes capitaes, já com a sua actividade, digna dos maiores e mais alevantados elogios, se propoz erguer esta empreza a uma altura tal,

a ponto de tornar este centro o mais importante, e o mais bem montado do paiz. Porisso os meus sinceros emboras aos socios da companhia e aos seus activos e intelligentes diretores e demais empregados. E' esta a homenagem que, com a sinceridade e franqueza que sempre me caracterisou, lhes presto. Não é isto o bastante, bem o sei. Mas é alguma coisa.

* * *

Estas minas já em recuados tempos tinham sido exploradas pelos romanos, e tambem, provavelmente, pelos moiros, pois ainda hoje, a um poço da *Malhada*, se dá o nome de poço dos moiros ou pelos trabalhos ali exercidos por essa gente ou então pela monomania que as populações ruraes teem de lhes attribuir todas as obras antigas, cuja historia mais ou menos se ignora. Seja, porém, como fôr, o que d'aqui se deduz é a sua remotisssima antiguidade, que, no dizer d'alguem, encontra o seu começo na epoca em que o povo romano nos visitou.

E' na mina da Malhada onde os trabalhos se exercem com mais actividade. E' esta dotada de 5 poços, dos quaes o principal, chamado o *poço mestre*, mede de profundidade 400 metros. Um outro que dá pelo nome do *poço dos moiros* tem 130 metros. Além d'estes ha 3 de ventilação. O poço principal é dotado de jaulas ou gaiolas por onde se faz a extracção do mineral, e por onde podem subir ou descer os operarios

mineiros. Além d'este meio de translação, ha um outro, por escadas fixas, por onde se sobe e desce, não só n'este poço, mas em todos os restantes do mesmo estabelecimento. No poço mestre, onde ininterruptamente trabalham bombas no seu esgotamento, existem 13 ou 15 andares (pizos) perfazendo um desenvolvimento de 13:000 metros só em galerias.

E' aqui onde os poços teem mais profundidade e as galerias maior desenvolvimento. Pois no Coval da Mó, d'entre os 6 poços que ali existem, o mais profundo só conta 230 metros, e as galerias em desenvolvimento 4:300 metros.

O ascensor é similhante ao da Malhada. Esta mina, durante longos annos, teve os trabalhos completamente paralysados, como ainda hoje os tem a mina do Braçal, que dá o nome a toda a empreza. Porém uma vez esgotada, começou-se a trabalhar com actividade. O contrario do que se tem dado no Braçal, onde, desde o *poço* mestre ao *Sophia* e d'esde este ao *poço Mathias* e *Adolpho*, a agua tem tudo innundado até á bocca. O mais profundo d'estes 4 poços mede sem exagero 120 a 130 metros e o mais baixo que é o *Adolpho* apenas 27. E' aqui que ficam as casas, armazens, installações e officinas que constituem o que se chama *Braçal.* Tem muitos predios onde habitam empregados, e alguns importantissimos.

E' pena que um dia, quando as minas paralisarem, venham a ficar ao abandono. Praza a Deus que não seja em nossos dias, aliás a maior parte d'este povo

que nunca sentiu as feias e aduncas garras da miseria, terá occasião de as ver e sentir. Há aqui diversas officinas, bem como uma optima fundição de ferro onde se fundem peças de grandes dimensões. Todo este estabelecimento, possue illuminação electrica. Tambem tem via ferrea que serve toda a empreza. E' isto o mais digno de menção. O restante, que aqui omitto, é de somenos importancia.

* * *

Toda a vez e hora que tenho azo de comtemplar o estabelecimento das minas do Braçal, situadas topographicamente n'um triangulo formado pelas serras do Arestal e Mocama, sinto-me agradavelmente impressionado, e apossado d'uma satisfação que eu nem sei descrever.

E' que a sua poesia arrouba. E' que o seu encanto extasia. E' que a sua simplicidade eleva-nos, em contemplações agradaveis, como que electrisados, por um poder sobrenatural cuja força ignoramos. Quem, a seu talante, visitar pela primeira vez aquelle estabelecimento, ha-de por força quedar um instante, para voltar a vista por sobre aquelle terreno verdadeiramente abundante em bellezas naturaes e artificiaes. O auctor da natureza dotou este remanso d'uma belleza incomparavel, extraordinaria, onde não ha espaço que não seja um jardim de verdura ou uma cascata d'agua. Basta olharmos para o Rio Mau que lhe lava o coração, ou para o Vou-

ga que lhe banha os pés, com suas aguas mansas como o cordeiro e prateadas como o crystal, para notarmos a sublimidade do pintor que tal quadro retocou. E aquelles altos e baixos... e aquelles tapetes de verdura... e aquelles freixos e salgueiros a abraçarem-se mutuamente n'um eterno amplexo, que aspecto tão encantador não produzem em todos os corações!... Aqui todos os campos são jardins d'onde se exhalam inebriantes perfumes, e todos os montes são cascatasinhas de virideute e avelludado musgo e de penedos e córregos sinuosos. Só visto. A penna não pode descrever tanta poesia. Isto pelo que toca a bellezas naturaes, pois se eu fosse a fallar nas artificiaes, muito teria que dizer. No entretanto, de relance direi, que a linha de ferro que serve a empreza, as canalisações do rio e o fio e postes do telephone ao lado da luz electrica que embelleza esta segunda Suissa, lhe dão um aspecto verdadeiramente fidalgo, e a tornam um jardim formoso e encantador. E' merecedora d'uma visita em qualquer quadra do anno, mas em especial na primavera, quando o sol rutilante se levanta do seu leito anacarado e purpurino, arremessando catadupas de luz por sobre as alamedas, valles e viridentes campinas, onde a gentil flor desabrocha, bella como a harmonia e pura como a verdade. Visitae, pois, este estabelecimento na primavera, n'essa quadra garbosa, meiga e encantadora a não poder ser mais. Só teem a lucrar com visitas de tal jaez, e estou certo que ficam satisfeitos a não ser alguem que ostente de philosopho excentrico ou de ferrenho pessimista. Só lhes digo isto.

VIII

Diz-se e é certo: *que não ha povo que durma tranquillo, quando a desgraça lhe bate á porta.* Foi o que se deu, na povoação de Cever e suas visinhas, em 1862. O povo que via, cada vez mais decadente e *compromettida,* a sua lavoira, e bastante prejudicada a sua vinha que tão grandes pedaços de vida e sangue lhe havia custado, levantando-se unanimemente e com o ardor que só a desgraça póde inspirar, corre, em motim, ao estabelecimento das minas, ardendo em ira e gritando com todas as forças dos seus pulmões *que o fumo das fornalhas das minas metallicas lhe arruinava, por completo, a sua querida agricultura, unica fonte de receita que possuiam.*

Ninguem calcula os enormes estragos que o povo, causou ali, ao memoriar-se da sua displicente situação. Deram-se estes eventos em 1862. Em 1873 o povo juntou-se em *comicios* e, animado por alguns oradores, apresentou novas reclamações, exigindo do estado as devi-

das providencias a que tinham direito, como cidadãos e senhores de seus bens. O governo, a principio, deu pouca importancia ás reclamações; porém, como ellas se repetissem em termos mais patrioticos e energicos, ordenou então que uma commissão de engenheiros das minas e louvados agricolas, assistidos pelo delegado de saude do respectivo districto administrativo, administrador do concelho e outras notabilidades da terra, fossem analysar o que se passava, e ver se ao povo assistia ou não a justiça e o direito que alto e bom som reclamava.

Suas ordens logo se cumpriram. E feitas as devidus indagações pelos peritos indigitados, apurou-se que havia onde era lavado o metal *uma substancia salina que saturando os terrenos circumvisinhos, era o bastante para esterilisar o solo.* Essa materia que o povo na sua santa ignorancia apoda *veneno das minas*, possue, em porções relativas, *sulphatos, acidos d'alumina, cobre, ferro, chloro*, etc.

Todos estes saes encontrados nas aguas proveem de sulphuretos metallicos, vindos nos residuos da lavagem do minerio.

E' preciso que se saiba, e que o povo se compenetre bem de que a decadencia da lavoira, em grande parte das terras proximas das minas, se não deve attribuir simplesmente a essa materia esbranquiçada a que chamam *veneno,* mas á qualidade das vertentes do Valle formadas por grés esboroadiça.

Por outro lado, o povo tambem se deve lembrar

de que as minas trazem muito dinheiro a esta terra, dinheiro que compensa bem os prejuizos que causam e teem causado á agricultura. Ninguem calcula a gente que tem aqui andado empregada. Uma occasião já lá pude contar mil e tantas pessoas; tão potente é esta industria!

* * *

A revolução popular, nas minas, em 1862 causou empreza gravissimos prejuizos como os leitores podem avaliar pelos dados apresentados. Mas o governo encarregado de proteger os direitos e auxiliar os interesses, – *proteger les droits et aider les interets*, e zelar pelo bem de todos, em compensação tambem, por sua vez, lhe concedeu uma indemnisação, equivalente, que a direcção jámais deve olvidar. Essa indemnisação consistiu em lhe conceder a construcção de um caminho de ferro, pelo systema americano, para communicação das minas do *Braçal*, *Malhada* e *Coval da Mó* com o Vouga, d'ali distante alguns kilometros.

Para esta obra diz o «Domingo Illustrado» que o governo deu a subvenção de 3:000 reis por cada metro corrente, com a clausula de que o proprietario nunca poderá sob que pretexto for, reclamar augmento de indemnisação de perdas e damnos. Foi isto concedido por proposta de lei, votada em 25 de Junho de 1864, dois annos após a revolução. A concessão foi fixada em 3:600 metros quadrados, sendo approvado o contracto definitivamente em 27 d'agosto de 1864.

Tal é a historia dos acontecimentos succedidos n'esta empresa importantissima! Importantissima sim, e mais do que isso, assombrosa pela invulgar actividade d'esta industria! *Um pessoal numeroso*; que vae e vem n'um continuo labutar; *o ruido lento e compassado das machinas e a variedade das bem montadas officinas*... tudo isto mostra claramente o marchar do progresso e a potencia quasi maravilhosa do intelecto humano, potencia que eu admiro como ninguem ao presencear as descobertas verdadeiramente assombrosas, que n'este e no transacto seculo se fizeram. Foi um passo gigantesco na via da perfectibilidade humana; passo que valeu por muitos annos da sua existencia anterior. Attesta claramente a minha asserção, o invento do *telegrapho* que uniu com a velocidade do raio os espiritos mais distantes; o do *telescopio* que ligou o azulado ceu com a terra; o da *locomotiva* que unificou os corpos; e finalmente, o do *telephone* que aproximou, com uma rapidez indizivel, os sons, e talvez amanhã (quem sabe!) que retractará até os proprios individuos, além de tantos outros inventos que aqui omitto. Verdadeiramente assombroso! Houve combates em tudo! Combates rudes de ferro e fogo, combates ingentes d'intellectuaes, combates de gabinete, combates de laboratorio, combates de intrincheiramento e combates de agricultura. Foi um combater continuo no caminho da verdade, no caminho da perfeição.

Penna é que esse progresso se não accusasse tambem na moralidade. Penna é que se não tenha dado a

unificação e congregação das *duas forças.* E' porisso que o desequilibrio é lamentavel, n'esta epoca de luctas e de descrenças de egoismos e de interesses... é por isso que no seculo XIX, apodado com justa razão o *seculo das luzes,* houve desorientações sem par..., é porisso, emfim, que hoje se confunde tudo, se baralha tudo e se revoluciona tudo, a saber: *homens e ideias, religiões* e *politicas.* Pois quem senão a falta de moralidade tem feito da sociedade uma perfeita anarchia em que toda a classe se encontra em desaccordo com as outras classes, e todo o individuo consigo mesmo? Quem, senão a falta de moralidade, tem feito do mundo inteiro um grande hospital onde só se ouvem angustiosos gemidos e só se vê o mal sob todas as formas?

Quem, senão ella, tem sido a principal, senão a unica causa da *questão social,* d'essa questão que, em nossos dias, constitue o assumpto de todas as conversas, no parlamento e na cathedra, no livro e no periodico, nos centros de illustração e no lar, emfim, d'esse problema, por excellencia, posto em duvida pela burguezia liberal e negado ha annos por *Gambeta,* tribuno italiano que se tornou tristemente celebre pelo odio que sempre teve á religião do *Crucificado.* Todo este conjuncto de males se deve attribuir á immoralidade que hoje campeia infrene. Sim. E' o reinado da immoralidade, do desequilibrio social. Não sou eu quem o affirmo, são os factos que o mostram, e contra elles todos os argumentos claudicam. Effectivamente. Hoje faz-se a apotheose da materia e da força e tudo se pretende ex-

plicar por esses dois elementos, até mesmo o apparecimento da propria vida.

Hoje nega-se a causalidade e *Providencia Divina*, e explica-se tudo pelo acaso, (como se o acaso fosse algum *quid* real) inclusivamente o governo do proprio mundo.

Hoje despresa-se a metaphisica, e só se admitte o que cae sob a acção dos sentidos, e, por conseguinte, põe-se de parte *Deus*, o *dogma*, o *mysterio* e outras verdades fundamentaes e insondaveis da nossa divina e santa religião.

Hoje, pretende-se explicar que o homem, esse ser que decompõe a materia, que annota a consonancia dos seres e calcula a ellipse dos astros, esse ente que se apossa do mar pela bussola, da terra pela locomotiva, do espaço pelo telegrapho, do tempo pela imprensa e do ceu pelo telescopio, esse *microcosmos* que, no dizer do abalisado Alves Mendes, é o unico que, por entre gemidos e lagrimas, e quiçá sem pão nem lar, soffrendo sempre, trabalhando sempre, trabalhando de seculo a seculo e de sol a sol, e passando muitas vezes pelo punhal, pelo veneno, pela aspa, pelo potro, pelo garrote, pela forca, pela fogueira, pela infamia, pôde crear a arte' a philosophia, a historia, e cidade, a industria, a moral' a sciencia, a politica, a virtude, toda essa epopeia immensa de prodigios, toda essa mirifica constellação de feitos, deslumbrantissima como uma constellação de mundos; emfim, pretende-se explicar que esse corpo vitalisado pelo espirito, ou melhor, esse espirito servido

por orgãos, como diz o mesmo auctor, provem da transformação das especies inferiores, do antigo *antropophitheco,* do macaco das cavernas, «d'um quadrupede piloso, fornecido de cauda e de orelhas ponteagudas, que vivia no antigo mundo habitando provavelmente sobre as arvores».

Hoje destroem-se os laços mais sagrados da familia; diz-se que o casamento é uma das mentiras da civilisação; que a propriedade é um roubo, e que, a justiça, que protege a mesma, é infame. Hoje, finalmente, diz-se que a religião é uma velha canção, um habito e nunca uma crença, que a ideia de Deus é immoral, contraria a todo o progresso e que, portanto, é de inadiavel neccessidade deschristianisar a humanidade, porque o progresso, o alevantamento do genero humano n'isto consiste. Prega-se a crença no nada além-tumulo, a posse de todos os bens por meios licitos ou illicitos e *o cada um arranja-se n'esta vida.* Ah!... mas isto ainda não é tudo!!! Além d'estes absurdos ensinam-se muitos outros, chegando-se até a dizer que a guerra — *o bellum omnium contra onmes,* de que falla Hobbes, «esse monstro cruel que quanto mais come e consome tanto menos se farta» é nada mais nada menos: — *que um elemento essencial da sociedade, uma lei natural da mesma.* Que erro tão crasso!

Para nos convencermos de que *Deus não ama a guerra,* e, por conseguinte, que ella não é, nem pode ser jámais uma condicção *sine qua non* da sociedade, bastará abrirmos a historia, a grande mestra da vida como a

chamou Cicero e lermos attentamente as seguintes palavras: *Deus recusou a David o seu consentimento para construir o templo por causa do sangue em que via as suas mãos mergulhadas.* No entanto tem havido quem faça da guerra uma escola de todas as virtudes, e proclame abertamente que *ella é uma lei da natureza humana,* como se vê das palavras de Moltke: – *a guerra é santa de instituição divina; é uma das sagradas leis da natureza humana, conserva nos homens as grandezas e nobres sentimentos: a honra, o desinteresse, a virtude, a coragem, impede-nos, n'uma palavra de cahir no vil materialismo.* Ora contra a opinião d'este e doutros que fazem taes asserções, apenas citarei a opinião de *Napoleão Colajanni* e a do grande *V. Hugo* – genio que reuniu ás da intelligencia todas as notas do sentimento humano e se revelou ao mundo não como pygmeu, mas como gigante supremo.

Dizia V. Hugo: – *faça-se guerra á guerra porque nella os homens parecem andar desviados do seu fim.* E Napoleão Colajanni, o notavel criminalista italiano, referindo-se egualmente á guerra diz: *erra quem affirma que a guerra é uma lei da natureza humana.* E, n'outra parte, finalisa o capitulo da sua Sociologia criminal com as seguintes palavras: *A guerra e o militarismo engendram o desgosto de todo o trabalho util; favorecem a tendencia para a preguiça; despertam no soldado novas necessidades sem os meios necessarios para as satisfazer; excitam os primitivos instinctos ferozes e egoistas; transformam o respeito do direito em*

respeito exaltado pela força bruta; conduzem ao servilismo e á prepotencia; e, por vias directas e indirectas, levam á miseria, ao suicidio, á alienação mental e ao crime.

Taes são os tristes resultados d'essas instituições sinistras deduzidos de provas historicas e estatisticas. N'uma palavra, o militarismo é a verdadeira escola do crime.

O celebre philosopho russo, conde Leão Tolstoi, esse auctor da «Resurreição» e da «Sonata de Kreutzer» perfilha com pouca differença estas mesmas ideias. Pois diz elle, no seu livro: — *O que eu penso da guerra. — Quando dirão os homens illudidos: ide vós reis, ministros, generaes, jornalistas, commerciantes: ide homens impiedosos, expôr-vos ás balas e ás granadas que nós resolvemos não ir. Deixem-nos socegados cultivar os campos, tractar da sementeira.*

* * *

Ante este conjuncto de males sociaes, ante este tetrico espetaculo que «ante oculos» de todos nós se desenrola, mirando subverter a paz e a ordem social, onde desde ha muito se descortinam nuvens avermelhadas, côr de sangue, prenuncio d'uma derrocada, incumbe a todo o cidadão o dever sacratissimo, o dever impreterivel de se tornar um propagandista da moralidade, mais do que isso, um verdadeiro homem d'acção, mais ainda, um fervoroso *Apostolo do Bem* que apenas tenha por

lemma a *Justiça*, a *Egualdade*, o *Amor* e a *Fraternidade*.

Haja acção e muita acção, n'este sentido, aliás ficaremos submergidos nas escandescentes lavas d'este immenso vulcão social. Trabalhe-se, com este ideal, sem desfallecimentos nem tergiversações que o futuro será da moralidade triumphante – aspiração constante de todas as peregrinas intelligencias que não veem antinomia entre a *Sciencia* e a *Religião*, entre o Saber e a Fé.

IX

MONUMENTOS

Monumentos... tambem no meu lindo concelho os ha, senão producto do artificio, dos labores humanos, pelo menos da natureza augusta que tão prodiga tem sido em dotar esta terra de encantamentos simples e doces, como simples e doce é a mãe do universo, que o prado e o lúco de verdôr matiza. Entre os muitos que se descortinam pelo concelho afora ha tres, que aos restantes levam a palma, que excedem, em magnitude, todos os demais, como o roble gigantesco as arvores suas companheiras. E' á sua extraordinaria anormalidade que se devem attribuir um conjuncto de lendas urdidas á sua roda.

Pois as lendas e essses mysteriosos contos que enriquecem a imaginação, só em coisas invulgares é que encontram o seu nascimento, a sua mais perfeita e completa formação. — D'ahi o aphorismo: *onde existe uma lenda ahi cresce o mysterioso.* E é bem certo. A lenda só existe no que o povo admira, pois só a admiração é ca-

paz de escandescer a intelligencia hamana, de lhe agitar e levantar as faculdades como o *simoum* agita e levanta as loiras areias do Saharâ.

Foi o que se deu com os Penedos dos *Cucos*, do *Trigo* e da *Fazenda*, sitos nos cabeços da *Gralheira* e *Rangella*, da freguezia das Talhadas. Em nenhuma parte da Europa ha pedras de tão desusada grandeza, como n'este rincão do meu concelho, onde a natureza primou em manifestar a sua potencia singular.

Essas monumentos eternos, essas lageas anormaes que os aldeões na sua linguagem singela apodam *marmore*, são tão rijos, tão rijos, que até o proprio aço se confessa impotente em lhes perfurar as entranhas. Além do penedo dos *Cucos*, que é o primeiro em volume, tambem o do *Trigo* e o da *Fazenda* lá habitam, tendo por albergue grandes serras, e por tecto o rutilante e azulado firmamento. São thesouros que as lendas tiveram por madrinhas, as quaes lhes pozeram seus nomes, para deixarem vêr a simpathia que lhes consagravam.

Assim: o do *Trigo* tirou a denominação d'uma lenda do vulgo que dizia que em remotas eras os moiros o encheram de trigo e encantaram. O mesmo se diz do da *Fazenda*, assim chamado por correr na plebe que no seu interior está magna quantidade de dinheiro, dos moiros encantados. Todas estas fabulasinhas — partos da imaginação popular, são semelhantes entre si como o são os dois penedos que as conservam ha annos e annos sempre novas e antigas.

Pois ha quem diga e affirme, com certa convicção, que as lendas acima apontadas ja formaram uma só, á laia d'essas duas peças de granito, separadas n'aquelle inolvidavel dia em que o Homem – Deus, o immortal martyr do Golgotha, exhalou o ultimo suspiro nas aras da grande cruz. Foi, portanto, o terremoto d'esse dia, omnimodamente celebre, que produziu a scisão de taes monstros, segundo communmente se conta. O fallecido e intelligente prior de Aguada de Baixo, João Chrysostomo da Veiga, na sua «Historia Universal» perfilha esta mesma ideia quando diz: «Deus quiz deixar monumentos eternos que recordassem a todas as gerações vindouras a grande obra da redempção do genero humano, que consumou na cruz; e como nada ha mais incorruptivel e de mais duração do que algumas pedras rigissimas, mandou que ellas se abrissem no dia da sua morte, e algumas ainda no dia de juizo existissem, e fossem testemunhas dos grandes successos d'aquelle memoravel dia...

. . . . . .

. . . . . .

Os cabeços e serras das Telhadas teem pedra de sobejo para edificar uma cidade como Lisboa e em todas se nota uma face maior ou menor d'onde saltou um naco no geral terramoto.»

*
* *

A primeira d'essas pedras, é a que horisontalmente está estendida no cimo da Rangela; tem de circumferencia

310 palmos, em cima do norte ao sul mede 120 e do nascente ao poente 62.

Tem d'altura, 58 palmos. Ainda isto é só a parte visivel que está a descoberto, pois a que está inhumada no solo, provavelmente mede muito mais. Conta a da *Fazenda* de circumferencia 230 palmos, 83 do nascente ao poente e 62 do norte a sul.

A do *Trigo* d'onde se separou a da *Fazenda* em tempos afastados, e da qual dista mui poucos metros, fica quasi no cimo da *Gralheira* a pino como uma torre ou pyramide a medir em roda 273 palmos e d'alto a baixo 115.

Imagine-se a monstruosidade d'este penedo antes do seu rompimento com o da *Fazenda*. Seria motivo para d'elle se dizer como disse o poeta d'uma outra monstruosidade: *Monstrun horrendum, informe, ingens cui lumen ademptum.*

* * *

Podia ficar por aqui; mas a minha alma de patriota não me permitte tirar d'estes recintos a minha imaginação, emquanto ella se não comprometter a fallar egualmente nos dois penedos, ou antes n'esse penedo dividido em dois pela mesma data que dá o nome á freguezia.

Ficam no povo distantes um do outro a largura da estrada que lhe passa de permeio. Tambem estas pelos seus altos e baixos se conhecem que foram partidas

em duas, de maneira que se fossem hoje unidas ficariam justas como as folhas d'um mesmo livro.

E' a altura d'uma 36 palmos. De circumferencia mede 100. A outra tem, pouco mais ou menos, a mesma medida, pois conta 40 palmos d'altura e 95 de circumferencia ou grossura.

Ponham os leitores n'estes numeros os olhos e imaginem outro tanto que está enterrado no solo, e digam-me depois, se ha ou não motivo para admiração e se eu fui exagerado em alguma das minhas phrases, apresentadas no decorrer d'este livrinho.

Como é grande e enigmatica a natureza-mãe!

Como é grande e enigmatico o seu auctor!

Oh... feliz aquelle que podesse, n'este mundo, conhecer a *philosophia* da natureza, a *incognita de todas as coisas!!!*

Mas, afinal, o homem não foi creado para conhecer a natureza intima, a essencia das coisas, e é por isso que nós, como diz o eminente Newton, somos invencivelmente obrigados a admittir innumeros factos cuja causa desconhecemos. D'aqui os mysterios que abundam no luminoso templo da natureza, no sacratissimo sanctuario da religião e no vasto campo de todas as sciencias, a partir da *astronomia* que é simples, como as estrellas que rutillam e tremeluzem lá no alto, até á *sociologia* que é nova como Augusto Conte que a originou, e complexa como o homem — synthese e corôa de toda a creação.

X

A EGREJA MATRIZ

A Egreja Matriz, que está situada em terreno pouco elevado, tem por orago Santa Maria.

Este templo, cuja fundação se ignora pela absoluta ausencia de documentos, tem sido theatro de muitos e variados melhoramentos de 1859 até hoje.

Assim em 1859 foi aberta e gradeada a janella do côro, onde apenas existia um pequeno oculo, e mudada, para onde hoje está, a escadaria da torre que até ahi era por dentro da casa da fabrica.

Em 1860 foi feito o throno e abertas as duas janellas do altar-mór, e no anno seguinte, as restantes do corpo da Egreja, onde só havia umas frestas para dar luz.

Tambem n'este anno de 61, foram collocadas na capella mór duas barras de ferro, dadas pelo João Machado da Senhorinha, afim de segurar uma pedra que ameaçava ruina.

Em 1862 foi comprada a banqueta do altar-mór, e mandado doirar e pintar o throno da mesma egreja.

Annos depois, ou seja em 1866, foram rebocadas de novo todas as paredes da egreja, bem como a torre, e feitos todos os telhados da mesma egreja, que em 1874 foi soalhada por completo e ladrilhada a parte exterior, junctamente com a capella mór.

Em 1888 foi, como ha dois annos, toda pintada de novo, e munido o arco principal d'uma barra de ferro para maior solidez do mesmo, que, como a tal pedra da capella mór, mostrava não estar segura.

Convem notar que todos estes melhoramentos foram feitos a espensas de mordomos do Santissimo, á excepção dos de 1859 que a junta de parochia fez á sua custa.

Hoje, devido a todas estas alterações, o seu aspecto é magnifico a ponto de deixar agradavelmente impressionado quemquer que a visite.

Pena é que não haja documento que nos mostre a sua antiquissima fundação.

Desleixo imperdoavel dos antigos parochos que nos não deixaram apontamentos attinentes a tal assumpto, quando é certo que, ninguem como elles o podiam fazer, devido aos seus menos affazeres e á illustração que possuiam.

Mas infelizmente esta falta não se sentiu só na minha terra.

Este templo, monumento da minha terra, é bastante espaçoso, pois tem de comprimento 98 palmos por 68 de largo.

E' na sua grande parte de esquadria, com 4 portas, 8 janellas, um oculo sobre a porta que dá para a sacristia e 8 ou 10 columnas que sustentam 5 elegantes e bem trabalhados arcos.

O côro, que apenas tem a largura de 30 palmos, está construido com muita segurança.

E o pulpito com a sua escadaria em forma de espiral, é magestoso e elegante como nunca vi nenhum.

Com seus doiramentos feitos a primor e com arte, e com o seu docel encimado por 5 anjos egualmente doirados, egualla, se não supplanta, os primeiros de Portugal.

E' simplesmente de valor e de arte!

A sua torre que provavelmente é tão antiga como a egreja, é alta e elegante, toda de esquadria, de cupula magestosa, e com 4 janellas e 2 sinos.

Em 1888, sendo aqui abbade João Chrysostomo da Veiga, foi rasgada uma das suas janellas para ahi collocar o sino grande, como ainda hoje se pode ver, por alguns signaes lá existentes.

Foi esta uma das alterações mais salientes que ella soffreu desde que ha memoria.

Na porta priucipal da egreja existe um pequeno nicho de pedra onde está a imagem de N. Senhora (Santa Maria) com o seu dilecto Filho nos braços.

A sacristia é que destoa bastante do conjuncto d este elegante e perfeito templo, o melhor do meu concelho.

E' baixa, pouco elegante, estreita e curta.

Mas em compensação tanto o *altar-mór* onde está,

dia e noite, encerrado o Santissimo Sacramento, alumiado pela luz mortiça d'uma lampada, como o altar *da Senhora* e de *S. Sebastião* são de aspecto agradavel e revelam aturado trabalho; de maneira que se alguem fica mal empressionado ao entrar na sacristia, essa má impressão logo desapparece ao contemplarmos o deslumbramento de todo o templo que, no dizer do meu povo, tambem foi theatro de rapina, como muitos outros, na epocha das invasões francezas.

* * *

Um outro monumento que tem impressionado mui agradavelmente todos os visitantes d'esta terra, é o magnifico cruzeiro, gloria de Cever, que n'uma altura de 28 palmos, se levanta para os ceus, entre dois cyprestes que, dia e noite, n'um santo retiro, lhe fazem companhia.

O cruzeiro é composto por uma columna em forma de espiral, encimada por um grupo d'anjos, sobre que se ergue a cruz — bellamente burillada.

E' uma pedra que o genio do artista transformou n'um monumento.

Todo elle, visto de alto a baixo, nos embebece pela belleza da execução, que é grande.

Ha quem affirme que a sua formação é d'uma só peça — o que, a ser verdade, o torna um dos primeiros monumentos nacionaes, de tanto valor como muitos ou-

tros que quotidianamente são encarecidos, em revistas de grande folego.

Mas infeliz do passaro que nasce em mau ninho; ainda até hoje não houve aqui quem se quizesse dar ao doce trabalho de lhe consagrar duas linhas, em qualquer periodico; foi necessario que, depois de muitos seculos, nascesse n'esta terra um filho para lhe dedicar estas duas desataviadas e descoloridas phrases que para aqui deixo, expostas á critica dos leitores.

Já vem tarde, bem o sei. Mas, *vale mais tarde do que nunca*, no dizer do aphorismo.

XI

Entre os monumentos de Cever havia tambem o pelourinho – Columna publica a que se atava o criminoso, e onde se publicavam os nomes dos individuos destinados á forca, e outras coisas infamantes.

Este monumento erecto no centro da praça, era antiquissimo e de certo valor historico, por isso que indicava a todas as gerações o logar infamante a que eram ligados os nossos irmãos d'outras eras.

Porém, a camara actual, para eterna vergonha de todos nós, resolveu de commum accordo e sem que as suas caras se cobrissem de pejo, consentir na destruição de tal pelourinho, indo algumas d'essas pedras fazer parte d'um insignificante chafariz que ha dois annos alli foi erguido.

Quiz levantar na imprensa o meu vehemente protesto, n'essa occasião, mas como os meus affazeres mo não permittiram, eis porque só hoje aproveito aqui duas linhas para o fazer, juntamente com aquelles que prezam a

sua terra, senão mais, ao menos tanto como sua vida e bens.

Já é tarde, mas pouco importa e além disso tambem acho conveniente que todos saibam que se ha em Cever quem queira destruir monumentos historicos que deviam viver pelos seculos fora, tambem alli ha quem saiba protestar alto e bom som sem tergiversações nem desfallecimentos.

Dito isto, cumpro um dever e desabafo a minha consciencia que me preso de ter pura e immaculada.

...E' mais uma mancha no livro negro da camara d'este concelho!

* * *

Tambem a casa da aula dos Padrões do Conde Ferreira, é um outro monumento tristemente celebre de Cever e mais um fiasco da camara d'esse tempo, que entregou a obra a um arrematante que não cumpriu em grande parte a planta, e que a camara não obrigou, porque o dito arrematante não tinha bens e, segundo se diz, tambem o seu fiador os não tinha.

O engenheiro, que ainda chegou a vir ver a obra, encontrou-a de tal modo que não foi possivel fazer-se com que elle a approvasse.

Ainda se chegou ahi a dar aula, durante algum tempo, mas depois por falta de approvação começou a ser abandonada, encontrando-se hoje em ruinas, servindo, como diz alguem, de ninho ás aves do ar, de covil

ás bestas da terra, de sentina aos viandantes e (quantas vezes!) de theatro a scenas vergonhosas.

A casa, que conta 90 palmos de comprimento por 40 de largo, tem no seu frontespicio o nome – Conde Ferreira.

* * *

A 100 passos d'esta, está egualmente em ruinas a *Capella de Nossa Senhora da Boa-Esperança*, construida á custa de esmolas, pela mesma occasião que a casa da escola do Conde Ferreira.

Convem notar que a capella, que tem 50 palmos de comprimento e de largura 32, nunca chegou a ser benzida, nem tão pouco a ter em seu interior a Imagem de N. S. da Boa-Esperança.

Aconteceu-lhe como á casa sua visinha e contemporanea.

Por fatalidade, sorte semelhante coube á feira que alli se fazia, e que tambem não conseguiu durar quasi tempo nenhum, succedendo-lhe annos depois a da Ponte de Pecegueiro.

Se acreditasse em dias fatidicos não me custaria affirmar que tanto a casa da aula, como a capella e feira, viram, pela primeira vez, a luz da sua existencia na madrugada d'um dia que o vulgo na sua linguagem chama *aziago*.

Seja, porém, como for, o que se sabe (porque a

triste realidade o mostra) é que tudo isso para ahi está n'um abandono que mette dó, para escarneo de quem passa e para memoria (maldita memoria!) de todos os ceverenses.

* * *

E as actuaes escolas em casas alugadas e pelo menos uma d'ellas (a do sexo masculino) em condições anti-hygienicas.

Triste realidade!...

XII

COSTUMES

Dos costumes d'um povo se affere a sua civilisação e o seu caracter. São elles para um reino, para uma nação, para uma povoação inteira o que um sensivel thermometro é para o tempo. N'um thermometro, se ha subida ou descida, avanço ou retrocesso nos seus graus, é porque o tempo subiu ou desceu na temperatura. O mesmo na sociedade. Assim, se os costumes se levantam, se purificam no cadinho, no crisol da *Grandeza,* da *Perfectibilidade,* da *Justiça* e do *Bem* é porque o reino progride, é porque a nação avança, é porque a povoação caminha. O inverso da medalha se os costumes abaixam, porque então ha retrocesso.

Eis como pelos costumes se pode conhecer um povo;

Eis como elles são os mais nitidos e fieis espelhos da sociedade. Bons ou maus, conforme ella é boa ou má. Pois assim como pelos fructos se conhece a arvore assim tambem pelos costumes um povo.

Estudemos os do meu concelho.

* * *

Se a vida na minha terra se não impõe por aquella poesia e doces encantamentos d'outras povoações portuguezas, notabilisa-se, comtudo, pela vida que vivem essas almas profundamente sinceras, e pelo amor que liamelisa, por laços fortes e resistentes como as rochas de granito, esses bandos d'almas boas que ainda hoje, como nos tempos de verdadeira crença, se mantellam com a meliflua resignação, que um dia as palavras quentes do Rabbi da Galilea, do Bendicto Nazareno, do meigo Jesus que acariciava as creancinhas, e que disse a Maria de Magdala: — *Eu te perdo-o, mulher, pelo muito que me amaste,* lhes verteu n'alma. Aqui o homem ainda não é o *homo homini lupus;* aqui ainda se protegem os mais fracos; aqui, finalmente, ainda o viver social se não metamorphoseou n'essa fementida guerra que faz dos homens uma alcateia de feras.

E' por tudo isto que o povo da minha terra é feliz, e é tambem por isto que elle ainda hoje, de longinquas paragens, relembra com saudade e magoa o seu viver d'outr'ora com todas as suas crenças e devoções sinceras — crenças e devoções que, apesar de tocarem muitas vezes as balisas da intolerancia, não perderam ainda o merito por partirem de corações simples.

Posto isto, e olvidando divagações de pouco valor, vou relatar como o meu povo festeja certos dias do an-

no, a saber: *Janeiras, Reis, Entrudo, Paschoa, S. João, S. Pedro e Natal* – dias de festas genuinamente populares.

Uma d'ellas, muito em voga n'outros tempos, e hoje posta completamente de parte, era a tradicional e popular festa das janeiras, (dita assim por se realisar no primeiro de janeiro) em que differentes rapazes se agrupavam em varios ranchos e de porta em porta, iam cantar aos moradores algumas canções refferentes ao dia festejado e pedir ao bom Deus que tornasse áquella familia o novo anno repleto de venturas, felicidades e alegrias.

Isto, já se vê, á espera d'uma esmola gorda, pois, caso contrario, essas phrases amaveis e essas preces a Deus pelos dias prosperos e felizes, em breve se convertiam em pragas varias e variadas como estas:

Esta casa cheira a fel:
Aqui mora algum Lusbel!

Esta casa nada dá;
Aqui mora gente má!
.....
.....

Isto, como disse, só era dito no caso da esmola ter sido muito insignificante, ou de não ter sido nenhuma.

Pois se era bôa, a despedida era assim:

Esta casa cheira a brôa;
Aqui mora gente bôa!

Esta casa cheira ao vinho;
Aqui mora algum santinho!
.....
.....

* * *

Acontecia muitas vezes que, quando elles distrahidos estavam a dirigir á casa aquelle mistiforio de pragas, vinha de lá o dono com um cacete em punho, ou com a aguilhada dos bois, se era lavrador, e então é que eram ellas... então os cantadores... pernas para que vos quero!

.....

Já n'essa noite se não ganhava para sustos!...

Hoje passa este dia despercebido na minha terra, e, se não me engano, em todo o meu concelho.

Já se não dá o mesmo com o dia de Reis.

A rapaziada na vespera d'esse dia trata logo de afinar as suas violas e harmonicas, e ensaiar as lindas quadras do seu cancioneiro para, em chegando a noite, começar, de rua em rua e de porta em porta, a cantarolar os Reis.

E se por qualquer casualidade ou baldão da sorte, não têm viola nem guitarra, nem tão pouco quem lha empreste ou alugue para essa noite, nada lhe custa fazer como aquelle celebre rapaz d'Agueda, por alcunha o *Puxa*, que, desejando ir ao arraial e não tendo viola nem quem lha emprestasse, tomou o seguinte expediente.

«Saiu de Agueda ás 11 horas da noite n'uma sexta-feira, em direcção a Coimbra, onde chegou ás 5 horas da manhã de sabbado.

Comprou a viola e sahiu d'alli ás 10 da manhã, chegando aqui (Agueda) ás 7 d'aquelle dia de sabbado.

(Soberania do Povo 5 de julho de 1902).

Tambem os rapazes da minha terra, estou certo d'isso, eram capazes de andar 18 leguas, como fez o *Puxa,* á cata da viola ou guitarra se não tivessem meio de a adquirirem mais facilmente.

Tamanha é a animação por esse dia!

Tamanho o amor á sua viola e á sua harmonica!

* * * *

Uma vez que se aproxima a noite, logo se ouvem os cantos dos differentes ranchos que tiram os Reis, como elles dizem.

Os primeiros que sahem é o grupo ou grupos dos mais pequenos. Não sei a causa d'isto.

Provavelmente é porque como elles quasi nunca trazem os cancioneiros tão bem ensaiados apparecem primeiro para encontrar os moradores de bom humor e assim facilmente lhes apanharem uma grossa esmola.

Se é esta a causa fazem bem. Pois *quem primeiro chega primeiro é servido,* diz o adagio (e eu creio em todos os adagios, porque os acho verdadeiros como factos que são baseados na experiencia de muitos se-

culos e como verdades cristallisadas no filtro da humanidade).

Seja, porém, como fôr, o que é certo é que as mais das vezes os garotos, sem grandes ensaios e massadas, arranjam proporcionalmente tanto como o rancho dos taludos.

E assim segue esta reinação até de madrugada, hora em que tudo marcha para a missinha da manhã, vindo, logo no fim da mesma, todos contentes, saltando e cantando, cosinhar o arranjado durante a noite para ser comido com grande algazarra, de mistura com o verdasco.

E' este um dia que traz a rapaziada do meu concelho n'uma alegria e n'um jubilo indiziveis, e que ao passar lhe imprime n'alma uma tristeza incalculavel.

Nem admira que assim succeda, pais são raros os que não apparecem então com tres dedos de grammatica a entoar o cancioneiro da vespera que lhes mereceu todos aquelles *comes e bebes*.

E' do theor seguinte esse cancioneiro:

Santos Reis, Santos coroados
Vinde vêr quem vos coroou,
Foi o grande Jesus Christo,
Quando pelo mundo andou.

Os tres reis foram chegados
A' lapinha de Belem
Adorarem o Deus menino
Nos braços da Virgem-Mãe.

Nos braços da Virgem-Mãe
Lá o foram encontrar
Perto d'uma mangedoura
A' linda luz do luar.
. . . . . .
. . . . . .

* * *

Uma outra festa, que tambem não passa por alto na minha terra, é o entrudo. Bastariam os pós que se perdem pelas ruas, as mascaras d'alguns garotos e os toques de latas velhas e buzinas, para nos revelar um dia mais anormal que os predecessores, uma data como que a querer fugir do ronceirismo costumado. Porém o que mais caracterisa o entrudo ainda não é isto, mas sim o ultimo adeus que o meu povinho dá á carne que jámais até á Paschoa verá ferver na sua panella ferrugenta ou no seu pote de barro de Molledos. E' que, dizem, que quem não cumprir este e outros preceitos da Egreja, a rigor, cae infallivelmente no inferno, logar para onde vae quem vive no peccado sem jámais de lá poder sahir. Ora estes rigorismos que parecem Jansenistas são no seu fundo simples e sinceros como simples e sinceros os corações d'onde partem. Coitados, ninguem lhes pode levar isto a mal. São amigos de guardar os preceitos da Egreja, até ás vezes d'um modo exaggerado. Fazem bem. Em algumas coisas é melhor ser-se rigorista do que laxista, e esta, no meu fraco entender, é uma d'ellas.

E assim se absteem da carne durante toda a quaresma; porém, em chegando a Paschoa, é uma alegria... então é que é tirar o ventre de miserias...

E' um grande dia este para todo o povo da minha terra, inclusivamente para as creancinhas que esperam, dos seus padrinhos, um folar muito grande e muito doce.

* * *

Tambem uma noite assaz movimentada vem a ser a de S. João, que apezar de se não tornar tão poetica como nas lindas aldeias do Minho, nada deixa a desejar em movimento e em graça.

Quanto a mim, confesso que era esta, na minha meninice, uma das noites mais encantadoras e que mais saudades me deixava na minha alma juvenil. Só eu e Aquelle que o Ceu e a terra sustenta no ar, no dizer d'um escriptor, poderemos avaliar a anciedade com que sempre esperava uma tal noite.

Ainda hoje quando a recordo insensivelmente digo de mim para mim: *Ah... lindos tempos que vão e não voltam mais!...*

E' ella ainda, para toda a gente, uma noite muito agradavel, pois em quasi todos os quintaes ao desmaiado clarão d'alguns venezianos e ao contacto do fumo que, expellido das fogueiras do rosmaninho, sobe em espiraes para o empyreu, cantam aquellas cantigas de todos conhecidas, rematando as quadras com dois ou tres fo-

guetes que se escapam para o ar juntamente com algum aerostato que tambem sobe, como a querer arremedar o que se passa no Minho. N'outras casas, e muito em especial as raparigas solteiras, tratam de deitar sortes e fazer adivinhas para ver quem virá a ser o seu namorado, se será rico ou pobre, velho ou moço, bom ou mau, lindo ou feio, etc., etc.

Assim, quer saber-se o nome do noivo ou noiva d'uma certa pessoa? pegue-se n'uma moeda, deite-se na fogueira, tire-se de novo e vá dar-se a um pobre ou a uma pobre, consoante for um rapaz ou uma rapariga que faça isto.

Ao dar-se-lhe a moeda pergunte-se-lhe o nome que será o mesmo da noiva ou noivo de quem dá a esmola.

Isto ao primeiro pobre que se encontrar no dia de S. João. Eis como por esta adivinha alguma gente da minha terra, julga conhecer antecipadamente o nome do seu futuro noivo ou noiva.

Adivinhas como esta fazem-se muitas outras, n'este dia. Assim costumam deitar um ôvo partido n'um copo d'agua e pô-lo depois, durante toda a noite, ao ar livre, e de manhã o que elle formar é o que succederá a esse sujeito; por exemplo se elle tiver a fórma d'um navio é porque o individuo mais tarde ou mais cedo, atravessará para outros continentes, as aguas do mar. Não será isto motivo mais que sufficiente para as raparigas e os rapazes serem amigos da noite de S. João?

Assim o creio.

Além d'estes divertimentos, garotos ha (e são estes os mais travessos) que se occupam em atrancar os caminhos e fazerem outras travessorias simplesmente com a mira de arreliar alguns proprietarios a quem a rapaziada vae roubar madeiras para fazer essa bonita obra que na manhã do S. João apparece nas encruzilhadas dos caminhos. São o diabo, os rapazes.

A mim já me lembra vir uma noite d'essas de Vizeu, chegar a Cever e não poder passar, porque os travessos dos rapazes tinham levantado uma especie de coreto que abrangia toda a estrada.

Sobre esse coreto, (se a memoria me não engana) lembra-me ter visto com certos dizeres figuras de musicos ou antes espantalhos como aquelles que o povo costuma collocar ao alto nas sementeiras para afugentar os passaros.

Era uma obra de effeito que não offendia a moralidade publica e que fazia rir toda a gente, a bandeiras despregadas.

E' n'isto que passam o tempo alguns moços d'esta localidade, após o que tratam de chamar algumas moçoilas das suas relações e toca a ir tomar banho, tocando e cantando sempre.

Já n'uma occasião acompanhei um d'estes ranchos de Pecegueiro até Cever, que ao som das violas entoavam estas cantigas:

Té os moiros da Moirama
Festejam o S. João;
S. João, S. João, S. João
Dae-me pêras do vosso balcão.

Meia noite já é dada,
S. João, meu S. João,
N'esta noite abençoada
Ouvi a minha oração!

Ouvi-me, santo bendito,
Ouvi a minha oração,
Com ser eu moira nascida
E vós um santo christão:

Que eu já deixei a Mafôma
E a sua lei do Alkorão.
E só quero a vós, meu santo,
Santo do meu Dom João.

Como eu queimo esta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Amôr queima a saudade
Que no peito me rebenta.

Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

Como esta fogueira abrasa
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavalleiro abrase
A chamma de amôr violenta.

Sacudi do alto do céu
Vossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Orvalhadas milagrosas
Que sáram de tantas dores,
N'este coração, meu santo,
Acalmem os meus ardores.

S. João, meu S. João,
Santo de tantos primores,
N'esta noite abençoada,
Oh! Trazei-me os meus amores!

Já se apagava a fogueira,
Já se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,
Batia-lhe o coroção:
Muita fé tem aquella alma,
Grande é sua dovoção!

Ouviu-a o Santo bemdicto;
Que, por sua intercessão,
D'aquelle extasi acordava
Nos braços de Dom João.

Não é isto uma noite engraçada que bem caracterisa a minha terra, de povo simples mas folgasão? Certamente. O S. Pedro festeja-se da mesma sorte. Resta-me, portanto, para concluir este capitulo, que já vae sendo

longo, fallar da noite do Natal, na noite d'esse dia omnimodamente notavel pela sua franqueza e humildade. Sim, pela franqueza e humildade.

Pois entre todas as festas que a Egreja catholica celebra, e entre todos os cultos que a mesma rende á Divindade, é incontestavelmente o *Natal do Redemptor* a festa mais sympathica e ao mesmo tempo a que maior lição nos dá de franqueza e de humildade; por isso mesmo que, Christo, sendo o rei dos reis, quiz nascer pobre, n'um leito de palhas, acobertado pelo sopro da briza, bafejado por irracionaes e engrinaldado por heras frias, melancolicas e tristes. Que sublime exemplo!

Que grandiosa lição!

E' por isso que o dia de Natal é esperado, entre todos os christãos, com *salves* enthusiastas.

O Natal do Redemptor! Palavra tão simples que electrisa todos os corações!

Dia solemne, que eu desejava descrever em alongados versos, se n'esta hora, possuisse o genio grandiloquo d'um Homero, Cervantes, Shakspeare, Camões ou Petrarcha.

Epocha monumental que á mente nos traz esse evento verdadeiramente estupendo da *Iiqodex* dos hebreus, da *El-qudex* dos arabes, da *Salém*, dos, patriarchas, da *Ephrata* dos antigos, da Santa Jerusalem, ou mais rigorosamente de Belem!

Emblema divino que a paz e humildade nos prega! Noite brilhante que enche de lendas recordações todos os christãos!

Festa dos pequeninos que em toda a parte se solemnisa com canticos festivaes!

Festa de poesia e de mysterio, que faz trasbordar de jubilo todos os peitos!

Dia 25 de dezembro!

Salve!

Salve!

Salve!

* * *

Foi na noite d'este dia debaixo de todos os pontos de vista celebre, que, na exigua gruta de Belem, n'essa gruta tão celebre e poetica como a propria poesia, teve logar um momentoso acontecimento.

Maria Nazarena, essa estrella rutillante, esse prototypo da donzella, da viuva e da esposa,essa *mãe do bom conselho*, (como a qualificou Pio X,) deu á luz, ficando mais bella ainda que a propria belleza e mais pura que a propria innocencia, o *Pae das gentes e o desejado das nações*.

Facto omnimodamente estupendo, em que os anjos, — mensageiros do Padre eterno e protectores incansaveis dos homens, entoam hymnos arrebatadores. E' tambem saudado pelos mesmos com «gloria in altissimis Deo et in terra pax hominibus bonæ voluntatis,» por isso que o Divino Redemptor apparecera na terra para maior gloria de Deus e para trazer aos homens, que o amam do fundo d'alma, a virtude e os preceitos divinos,

a paz santa, a paz bemdita. Os magos chegam de longinquas paragens e prostram-se por terra com *incenso, oiro e myrrha.*

Os pastores, com as suas avenasinhas, offerecem dadivas, junto do estabulo, onde se synthetisa a pobreza, a humildade e a caridade, — trilogia santa, trindade bemdita pregada por esse Deus que.....

«Do ceu á terra, emfim, desceu
Por subir os mortaes da terra ao ceu.»

Oh! Sim! Jesus nasceu!.....

e o seu nascimento, annunciado por prophetas e almejado pelo mundo inteiro, traz-nos uma nova alegria ao mesmo tempo que nos mostra, a despontar nos horisontes da humanidade, a aurora esperançosa, a aurora consoladora d'uma epocha de felicidades. Foi n'essa hora que os escravos e ilotas que, por entre os cannaviaes do Egypto e por essas tisnadas plagas onde nasce o Ganges e por onde serpenteia o Amazonas, vagueavam á laia de irracionaes, sentiram partir-se-lhes os ferros que os pulsos lhes roxeavam, com uma rapidez semelhante áquella com que o filho de Manoé, Sansão, partiu as novas cordas com que foi preso pelos philisteus na caverna do Etam.

A mulher, anjo consolador da vida hamana, coração sensivel e dedicado que nos ominosos tempos da barberie era considerada não só como um simples e desprezivel objecto de que o homem se servia para cevar suas paixões, mas tambem como um animal indomavel, ambicioso, imbecil, pestifero, insupportavel e per-

verso como lhe chamava Catão, Eschyllo, Euripedes e Hippocrates, foi julgada digna, como todo o homem, não só de respirar o mesmo vivificador oxigenio e de contemplar o ceu azul, recamado de refulgentes meteóros, mas tambem todas as bellezas de que se acha impregnado este universo, a saber: o anacarado da scismadora rosa, o roxo do avelludado lyrio, o amarello do verde goivo, o esverdeado dos prados e oasis, o branco da galante açucena, o brilho dos rubins, saphiras, esmeraldas, diamantes, as dôces melodias de Mozart, as variadas arias de Verdi, as symphonias assaz sympathicas de Beethowenn e as phrases poeticas de tantos genios que teem illuminado o mundo com o facho inextinguivel do seu potentissimo genio; n'uma palavra, foi julgada digna de possuir as mesmas regalias que os Byrons, Lamartines, Chateaubriands, Tassos, Castellares, Lucullos, Cresos, Pompeus, Socrates, Aristoteles, Platões, Guttembergs, Zolás, Henriques, Pachecos e Gamas, isto é, de todo o genero humano.

A egualdade, a fraternidade e a liberdade, não essa liberdade que escravisa, apotheoseando o vicio e propellindo a virtude, mas sim a vera liberdade, encontraram forte botareo no precursor da redempção que teve seu berço no presepio de Belem.

Em summa, tudo soffreu certa mudança; inclusivamente os proprios tyrannos, que, tornando-se lividos, como que feridos de forte etincelle, foram obrigados a curvar a altiva cerviz.

*
* *

Que de poesia, pois, e de recordações nos não traz a solemnidade do Natal, solemnidade que tem o seu inicio no presbyterio exiguo ou magna cathedral na vespera d'um dia em que os ministros do Sacrosanto Martyr do Golgotha se preparam com os mais caros paramentos da sua ecclesia para d'est'arte endereçar ao Jesus menino, que de labios entreabertos e acarminados dorme entre sedas e rendas, os seus singelos canticos, e seu *terminus* no lar, junto das aloirádas filhoses e dos torresmos que os tachos, trasvazando de pingue, comportam.

Como ia dizendo, tambem o Natal, que, no dizer d'um abalisado lente da luza Attenas, da cidade do Mondego, é o pretexto bemdito de se reunirem os que vivem distantes e de se saudarem os que distantes vivem, é festejado convenientemente no meu Cever.

Aqui, depois da consoada, que ordinariamente é á noite, juntam-se patrões e creados, e, n'uma familiaridade que consola junto do lume que como o sol é egual para todos, principiam o seu magusto, enchem o seu cangirão de vinho e depois, como entretem para espalhar o somno, pucham de pinhões ou, na falta d'elles, de castanhas e toca a fazer o conhecido jogo do *par ou pernão.*

E' este um jogo velho, mas que não deixa de ter sua graça, e bom sobretudo para afugentar o somno até serem horas da missa do gallo.

zão de existir aquelle principio logico que a philosophia nos ensina com o nome de principio de causalidade e que assim se enuncia: *todo o effeito com sua causa*. Essas causas vão achar-se no clima que poderosamente influe no caracter, temperamento e progresso d'um povo. Se do Algarve até ao Minho o caracter do povo é este, a minha terra que está incluida entre estas provincias não pode constituir excepção, como realmente não constitue.

E' o povo da minha terra folgasão, ingenuo, simples e bom. Vive como essas boas creaturas, como esses filhos de Christo e de Adão, que atravessam este *mare magnum* de vicios e de crimes, de crueldades e intrigas, de fome e de tormentos, de torturas e de espinhos, sem um olhar de maldição para a natureza, sem um ai de comiseração para a sua sorte e sem um queixume para o destino.

A vida, que é a embriaguez d'um dia, passam-na elles, rindo e cantando santamente. Santamente sim, porque *povo que folga*, como diz o poeta, *não é nunca um povo perigoso*.

O povo da minha terra folga muito e ri muito mais ainda, e tanto assim que, sem receio de ser desmentido, eu posso dizer que as romarias são a *comida* e a *bebida* de toda a nossa gente. D'ellas podemos dizer o que um auctor disse do christianismo: que elle nos tornava a vida não um pesado fardo, mas um suave jugo e sem elle o viver seria enfadonho, insupportavel, como enfadonho e insupportavel é o tetrico remorso que espicaça

a consciencia do homem de Bem. O mesmo pensa este povo das romarias e quejandos divertimentos, e tem alguma razão, pois se no grande deserto da vida não encontrassemos algum oasis que nos desse força e vigor, em breve succumbiriamos como o cego viandante deixado a sós, n'um descampado atapetado de rochas alcantiladas e abruptas, e então o *licet mori cui non placuit vivere* de Platão teria um incalculavel numero de adeptos que se julgavam impossibilitados de a supportar só pelo que ella tem de mau.

E' que este povo não comprehende uma vida feliz sem romarias onde se cante, beba e dance á farta. Elle ama-as e deseja-as como o soldado a bandeira e o escravo a liberdade.

Já comprehendo porque, desde a festa da Paschoa de Silva-Escura, que é a primeira no concelho, até á ultima que é a Senhora do Rosario em Nogueira, o cacete das romarias e as violas, guitarras, pandeiros e ferrinhos não criam pó, e muito menos teias de aranha.

E' um *bota-fora* (no dizer do regedor de Villa Seca e do Grupilheira de Nogueira) nas romarias e feiras, em descantes, danças e em cumprir promessas.

Relativamente ás promessas tenho a dizer que algumas são tão excentricas que muitas vezes, longe de causarem gargalhada, mettem dó pela ignorancia que revellam.

Quem ignora que até ha lavradores que, á laia dos antigos pagãos, andam com os seus bois e vaccas appostos ao carro, em derredor da capellinha do santo das suas

devoções, a rezar no seu rosario, convencidos muitas vezes de que os actos dos irracionaes que puxam o carro tambem teem sua moralidade e um valor como se elles fossem entes dotados de liberdade que praticam actos com pleno conhecimento da intelligencia e perfeita deliberação da vontade.

Que santa simplicidade e que crassa ignorancia!!...

Mas o melhor é deixal-os andar.

E vós, oh philosophos, oh martyres das sciencias, oh simpathicos Plinios que marchaes na vanguarda do exercito culto, do batalhão das lettras, deixae-os na sua simplicidade, na sua santa ignorancia, viver essa epocha theologica em que tudo para elles é sobrenatural. Deixae-os andar que assim serão mais felizes. Não os inquieteis se não quizerdes ver estiolar a bondade das suas almas e crescer, como o cypreste nas selvas, em seu coração, um gelido egoismo e uma negra indifferença que a toda a gente faz mal.

Deus, para quem mil annos não são mais do que o dia de hontem que por nós passou, lhes relevará exageros e faltas innumeras como pae misericordioso que é.

No dizer do philosopho é preferivel uma certa ignorancia a uma meia sciencia desorientada.

«Se a muita sciencia conduz a Deus a pouca e mal dirigida afasta-nos da Divindade!»

Bacon.

*
* *

O que mais singularisa todas estas romarias são duas musicas ao desafio e um entremez.

Arraial que não tenha duas musicas em certamen, ou entremez onde não entre um burro ou uma ovelha a representar uma parte, já não presta, nem se pode chamar verdadeiramente arraial. E' que o amor pelo entremez e pela musica é grande, muito grande.

E' o caso do decantado *pão e divertimentos* dos portuguezes, ou o *Pan y toros* dos hespanhoes sempre antigo e sempre novo.

Agora já comprehendo, porque na festa da Paschoa, raras vezes acontece não haver duas musicas a executar durante quasi toda a noite o seu variado reportorio, e no S. Macario sempre o tradicional entremez que tanta fama e elogios tem trazido aos comicos do meu logar, onde se realisa a romaria no ultimo domingo de julho.

Já no S. Matheus, conhecido pelo apodo de *arraial das nozes* e na Senhora do Rosario, é rarissimo fazer-se entremez, mas em compensação ha violas, danças e cantigas á farta e, as mais das vezes, duas musicas. E' uma reinação durante muitas horas.

São assim as romarias da nossa terra — foguetes e morteiros de mais ou de menos... musicas que arranham melhor ou peor as peças do seu macrobio reportorio... entremez com os seus ditos mais ou menos engraçados... e, finalmente, promessas e devoções fei-

tas umas vezes com grande religiosidade, outras com extravagante grosseria... e tudo vae bem. Com excentricidade maior ou menor são toda a alegria da gente de Cever.

Tudo corre ás mil maravilhas. Toca a folgar! Toca a rir!...

A morte é certa... e a vida são dois dias... e viva a festa, o santinho milagreiro e a nossa senhora *do não te rales* que tão bom cabello faz crear.

Assim diz o povo ao entornar o verdasco.

XIV

E' uma verdade incontroversa á luz da experiencia quotidiana que os preconceitos d'um povo estão na razão directa da sua ingenuidade; isto é, augmentam ou diminuem consoante é maior ou menor a crença e a simplicidade das suas almas.

Ora, sendo assim, facil é fazer-se uma ideia mais ou menos adequada do numero e natureza de taes prejuizos, á vista do que se disse nos capitulos antecedentes.

Effectivamente são grandes e grosseiras essas crendices e preconceitos, e continuarão a sel-o, emquanto se não espancar, como o dia espanca a noite, as espessas trevas da ignorancia que hoje como hontem nos cobrem com o seu manto caliginoso e feio. Faça-se luz e muita luz, porque sem ella as nações definham, estiolam e morrem como definha, estiola e morre a tenra flor n'uma verdadeira invernia.

Emquanto, pois, o nosso povo não souber balbu-

ciar de cór e salteada a santa oração do *ABC* e não aprender com grande vontade a jogar convenientemente com as 25 lettras do alphabeto, que só em si encerram mais luz do que todos os astros que giram no espaço, os prejuizos, as crendices e preconceitos jámais se verão diminuir.

Pois, pergunto eu, que fará um bando de analphabetos de alma cega, e coração cego quando, ou á porta do cemiterio ou n'uma encruzilhada, deparar com almas do outro mundo e lobis-homens, com o diabo do inferno, bruxas e feiticeiras?

Que fará um povo assim em taes apertos? Que expediente tomará? Dizel-o é facilimo. Agarrar-se-ha logo com todas as orações bonitas que sabe ao santo das suas devoções e se elle, acto continuo, lhes não vale, esquece-o logo para só se lembrar do demonio e da bruxa (mulher que deita cartas e que no seu armazem supersticioso para obter algumas curas usa hervas magicas, unhas de homem e de outros bicharocos, as madeixas de cabello, o alho... o gato preto, o baralho de cartas, o limão cheio de alfinetes que figurava a victima que era preciso picar no coração) sua visinha que logo irá consultar. E vão lá dizer-lhe o contrario que serão acoimados de incredulos, atheus, maçonicos...

Eis como os preconceitos encontram sua explicação e incremento no analphabetismo.

Entre os varios preconceitos que poderia apresentar sómente fallarei do *numero 13, do terçol, do mau-olhado e mal do feduncto.*

* * *

O fatidico *numero 13* que consiste em se não sentarem nunca 13 pessoas á mesa, a fim de se não soffrer o desgosto de no prazo d'um anno se ver cahir na valla do cemiterio a pessoa mais velha ou mais moça d'esse ajuntamento, é um dos preconceitos mais espalhados em todas as nações, ainda mesmo entre as mais cultas.

Na França, na grande França, n'esse paiz das ideias grandes e generosas, conhecida entre nós pelo pomposo nome de *cerebro da humanidade*, tambem se observa a rigor tal preconceito, chegando-se nos hoteis de maior nomeada a ter um sujeito sempre prompto *(Monsieur quatorze)* para se sentar á meza com os hospedes, no caso de serem 13.

Pobre humanidade que não passas d'uma creança... brincas com as coisas mais santas e sagradas e observas com um religiosissimo e condemnavel escrupulo certas pieguices que nada significam e de nada valem, a não ser para nos trazer *prejuizos de cabeça.*

Simplesmente lamentavel!

* * *

O terçol é outro preconceito e a sua cura engraçadissima.

Quem o tem pega d'uma mão cheia de sal e d'um bocado de palha, vae ao campo, faz uma casinha de

pedras e dentro d'ella colloca a palha, e sobre a mesma o sal, e feito isto pucha d'um phosphoro. Mal a palha começa a arder trata de fugir por outro caminho differente d'aquelle por onde veio, gritando: *Aqui d'el-rei que se queima o terçol.* E' preciso que todos estes tramites se cumpram em jejum para que ao cabo de algumas horas se veja desapparecer o maldito terçol, que só traz dores e trabalhos.

* * *

Tambem a cura do mau-olhado é singular e digna de ser archivada. Para se obter a cura d'este mal, deitado pelas bruxas, é condição indispensavel que a pessoa que o tem vá á meia noite colher tres raminhos de trovisco, e dizer ao mesmo tempo na ida e na volta, umas certas orações que agora me não lembram.

Logo que chegue a casa deita o trovisco á cabeceira da cama, e de dia fal-o acompanhar da sua pessoa.

E prompto... era d'uma vez um mau-olhado!

* * *

Tambem cá temos o mal do defunto.

Porém este só é perigoso para as creanças, pois corre no vulgo, á bocca cheia, que toda a creança que ainda não fallar desenvolvidamente e tiver a mofina sorte de ver um defuncto, jámais conseguirá pronunciar

uma unica palavra, emquanto não obtiver a cura, a qual se consegue fazendo conduzir a creança a um sitio d'onde ninguem a veja e ella veja um outro defuncto.

D'outra sorte ficará sempre doente e muda. Além d'estes prejuizos poderia apresentar muitos outros, mas creio bem que os exarados aqui até esta altura deixam ver de sobejo os costumes do meu povo.

* * *

Assim, quando nasce uma creança e emquanto ella está por baptisar para se evitar que as bruxas a roubem á mãe, espalha-se linhaça com a mão esquerda por sobre o telhado para seu entretem. Pois emquanto houver linhaça em cima do telhado as bruxas entretidas a colhel-a não se lembrarão mais do neophyto.

* * *

Mais: nunca depois do meio dia se deverá varrer a casa e deitar o lixo fóra da porta, aliás sahirá com elle a fortuna.

* * *

Lavam-se, á noite, os pés e não se quer que as feiticeiras venham fazer mal á pessoa, por intermedio d'aquella agua que se deita á rua, atira-se-lhe com uma braza para dentro, e... está tudo remediado.

* * *

Quer-se que a páz e a harmonia reine n'um solár, faça-se qualquer andromina para que ahi entrem no dia de anno novo mais homens do que mulheres.

* * *

Desejas ter boa sorte, faz com que no 1.º do anno seja uma pessoa do sexo masculino a primeira a apparecer-te.

* * *

Tens empenho em não seres incommodado pelo bruxedo durante a noite, não omittas ao deitar-te o credo-em-cruz.

* * *

Como estas ha muitas outras, pois não ha nada onde a crendice se não manifeste por meios algo excentricos.

Se não fosse com a mira em completar esta noticia nunca apresentaria tantos casos que até já me estão causando enjôo pela ignorancia que revelam. Posto isto, vou terminar; porem antes de mais nada, devo dizer aos meus leitores que nem só na minha terra ha estes costumes, tambem por todo o nosso Portugal os ha, visto

que a ignorancia ao mesmo tempo que causa estragos na minha terra, produl-os tambem nas outras. E' que a ignorancia, o analphabetismo da minha terra é «*mutatis mutandis*» a ignorancia e o analphabetismo do paiz inteiro.

As trevas são as mesmas por todo o Portugal além. Ainda bem que assim acontece, d'outra sorte o meu patriotismo far-me-hia estalar de dôr por me julgar nado e creado n'uma terra só de ignorancia.

Ainda hoje por acaso me chegou ás mãos a Soberania do Povo de 26 de junho de 1891, e entre outras coisas deparei com um remedio muito curioso para sarar uma molestia desconhecida.

E' um dos casos de que vimos fallando.

«Um rapaz da Burralha tem a mãe enferma.

Alguem lhe aconselhou que fizesse uma preparação de terra da sepultura e hervas aromaticas, e a desse á doente como remedio.

O rapaz vae frequentemente ao cemiterio, arranja uma fogueira, queima a terra e as hervas aromaticas, faz rezas e benzeduras, e vae depois para a Borralha applicar á doente, não se sabe como, a preparação que o seu espirito fraco considera como remedio efficacissimo para a enfermidade de sua mãe.»

E venham-me agora dizer que estamos no seculo das luzes e que o povo já está convenientemente illustrado, que eu lhes saberei dizer que se alguma coisa se tem caminhado, muito ha que caminhar ainda.

Ainda estamos no principio da estrada que a Da-

masco conduz. O povo na sua grande maioria carece do pão do espirito.

E é a essa carencia que devemos attribuir os males que nos sobrecarregam.

Tinha razão o grande revolucionario francez quando pedia para todos:

Instrucção, instrucção, instrucção!

XV

Cerra-se-me em densa treva o coração, e entristece-se-me a minha alma até ás lagrimas ao ter de fallar d'um espectro negro e feio, que nas pregas malditas do seu capote esconde toda a minha terra. Esse espectro é o *analphabetismo* — causa de todos os preconceitos e prejuizos que n'esta e nas demais terras a olhos vistos grassam, e consequencia logica de males incalculaveis. Ninguem ignora que um analphabeto é as mais das vezes um criminoso, um bandido, um covarde salteador de estradas.

Com effeito, é simples e natural que um homem quanto mais ignorante tanto mais afastado anda da verdade e, portanto, de Deus que é o caminho, a verdade e a vida — *via, veritas et vita;* d'ahi o vêr-se muitas vezes a criminalidade marchar de braço dado com o analphabetismo, á maneira de dois noivos nos primeiros dias da lua de mel. Isto, como disse, as mais das vezes, pois nem sempre assim succede, como nos ensinam as estatisticas.

D'aqui a necessidade de nos unirmos todos n'uma só vontade para fazer guerra ao analphabetismo que nos ameaça e para espalhar, como um pharol potente, a bendicta luz da instrucção que faz dos moços cidadãos uteis e prestantes e das donzellas mães intelligentes e cultas no exercicio do seu sacratissimo munus. Trabalhemos sem treguas na defeza da instrucção e na guerra ao analphabetismo que n'este recanto é medonho. Basta dizer-se que em 8:443 habitantes que a estatistica do 1.º de dezembro de 1890 accusa, 7:476 são analphabetos, isto é, *oitenta por cento da população da minha terra não sabe lêr nem escrever.*

E' o que nos diz o *Censo da População de Portugal* do 1.º de dezembro de 1890, que para aqui transcrevo:

CENSO de CEVER do VOUGA

Almas – total	8:443
Sendo, varões	3:827
Femeas	4:616
Solteiros – varões	2:404
Femeas	2:887
Casados – varões	1:273
Femeas	1:366
Viuvos-varões	150
Femeas	363
Analphabetos – varões	3:025
Femeas	4:451
Sabem lêr – varões	103

Femeas	20
Sabem lêr e escrever — varões	699
Femeas	145

* * *

Estes algarismos são só os que se referem á minha terra. Nos 16 concelhos de que se compõe o districtò d'Aveiro o total da população, exceptuando o meu concelho, que já fica apontado acima, é de 278:994 almas, com a seguinte distribuição:

Agueda	18:745
Albergaria	12:585
Anadia	17:408
Arouca	16:427
Aveiro	23:668
Castello de Paiva	9:867
Estarreja	32:759
Feira	43:245
Ilhavo	10:762
Macieira de Cambra	11:351
Mealhada	9:929
Oliveira de Azemeis	27:693
Oliveira de Bairro	8:928
Ovar	24:783
Vagos	10:844

* * *

Tirando a estes numeros 20 p. c., que são os que sabem lêr, o resto é ignorante.

* * *

Que chaga terrivel esta! Que tristeza para a nossa patria! Mas... ainda bem que não é só na minha terra nem só no meu districto, mas sim em todo o nosso Portugal, que se depara com este espectro, como se pode ver em qualquer estatistica.

O Censo da População de Portugal, não o do 1.º de dezembro de 1890, mas o mais recente que é o do 1.º de dezembro de 1900, que anda em publicação, diz-nos que a população do reino no dia acima referido, agrupada segundo as edades e distinguido o sexo, o estado civil e a instrucção elementar, era de 5.423:132 individuos, ou seja 5.016:267 no continente e 406:865 nas ilhas adjacentes.

Por districtos a população divide-se do seguinte modo:

Districtos.	
Aveiro	303:169
Beja	163:612
Braga	357:159
Bragança	185:162
Castello Branco	216:608
Coimbra	332:168
Evora	126:062

Faro	255:191
Guarda	261:630
Leiria	238:755
Lisboa	709:509
Portalegre	124:431
Porto	597:935
Santarem	283:154
Vianna do Castello	215:267
Villa Real	242:196
Vizeu	402:259
Angra	73:332
Horta	55:233
Ponta Delgada	127:726
Funchal	150:574

Ao olharmos para os algarismos que accusam o numero de analphabetos soffremos a mais dolorosa das decepções. No continente, n'uma população de 5.016:267 habitantes, 3.914:514 são analphabetos, quer dizer a maioria da nossa população não sabe lêr nem escrever!

Eloquentissimos na sua frieza estes algarismos, dispensando por isso quaesquer commentarios.

E' innegavelmente Portugal, (com bem grande magua o digo) uma das nações Europeas, onde, a percentagem dos que não sabem lêr nem escrever, é maior.

Abaixo de Portugal só a Turquia, a inculta e boçal Turquia, onde a percentagem dos analphabetos é de *oitenta e oito por cento.*

Qual a causa de tamanho obscurantismo?

A que se deve attribuir tanta ignorancia?

E' ao que passo a responder.

Eu tenho de mim para mim que os motivos d'este atrazo intellectual se devem attribuir não só ao *desleixo dos paes em mandarem seus filhos á aula como tambem ao reduzido numero de escolas e falta de meios por parte das familias para acarretarem com as despezas precisas que é indispensavel fazerem-se na escola.*

1.º — Para remediar a falta de meios com que luctam as familias para mandarem seus filhos aprender, é ao governo a quem compete por-lhe termo, comprando para as escolas todos os livros e objectos indispensaveis para o ensino. Nem isto é exigir muito do governo. As nações que vão na vanguarda do progresso, como é lá fóra os Estados-Unidos, e cá na Europa a Allemanha, Inglaterra e outras tambem o fazem, e, não é isto, como ha pouco declarou o grande e illustradissimo Roosovelt, que as empobrece, pois disse o orador que uma nação não é pobre por falta de dinheiro, mas por falta de instrucção.

Tinha razão de assim fallar o douto presidente americano. Pois, pergunto eu, não é a instrucção que faz das creanças de hoje os homens conscienciosos e fortes do dia de amanhã?

Não é ainda a instrucção o unico facho luminoso que espanca as trevas da ignorancia em que as socieda-

des se encontram mergulhadas e que longe de as fazerem vegetar e progredir as fazem agonizar e desapparecer?

Com certeza. Com ella as nações têm vida, sem ella definham e morrem, como ainda ha pouco dizia o illustre poeta Snr. conde de Monsaraz no hymno das escolas:

«Oh Patria, oh mãe, defendei-nos
Da treva que nos invade
Morrem exhautos os reinos
A' mingua de claridade.»
.....
.....

* * *

A instrucção é tudo, estou certo d'esta verdade. Na antiguidade, o physico Archimedes dizia: «deem-me uma alavanca e um ponto de apoio que eu voltarei o mundo.»

Ora eu, paraphraseando Archimedes, digo: dotem a humanidade com uma solida instrucção que o mundo levará uma volta, que todos os espiritos, escurecidos pela ignorancia, se verão rodeados da luz rutilante e viva do saber — fanal bemdito que alumia os povos na comprehensão clara dos seus direitos e dos seus deveres e os orienta, como a bussula o marinheiro, na conquista das suas prerogativas.

Mas isto não é tudo.

E' pela instrucção, pela sciencia que o homem mais se aproxima de Deus, creando perfeições para a sua

obra e aproveitando-a quanto possivel em beneficio dos povos, em prol da sua civilisação. E' tambem ella o foco d'onde irradia a vida, a força e a riqueza d'uma nação, é (deixem-me usar aqui da phrase d'um escriptor) uma segunda natureza obrando e produzindo á vontade do homem para occorrer ás suas necessidades mais urgentes, ao seu bem estar mais appetecivel.

* * *

2.º — Um outro motivo a enumerar e que muito contribue para a ignorancia é o reduzido numero de escolas, mórmente de escolas primarias, essas portas d'oiro que levam á casa de Deus, no dizer d'um filho d'Agueda. São poucas e muito poucas as escolas, e as mais das vezes ainda construidas em condições anti-hygienicas.

Rara é a freguezia onde ha mais de uma escola. Ora isto não é nada, pois um professor, por mais cuidadoso que seja, não terá tempo de illucidar convenientemente, durante as horas em que é obrigado a permanecer na aula, mais de 20 creanças.

E' que ensinar ás creanças as primeiras lettras não é o mesmo que ministrar aos adultos os mais altos conhecimentos scientificos. Estes para aprenderem não precisam de que o professoar os esclareça um por um sobre a materia da sua lição, pois basta que chame um, e os outros ouçam o que se diz.

Porém n'aquellas o ensino muda de figura.

Para tirarem algum aproveitamento é de inadiavel necessidade que o professor os ensine, um por um, uma e muitas vezes.

Poderá fazer isto o professor n'uma escola de 50 ou 60 alumnos, como ha tantas por essas terras além? Impossivel. Torna-se pois necessario duplicar, e triplicar as escolas a fim de que a luz appareça a romper as sombras de tão feio quadro e a fazer progredir uma nação, pois (como disse Bismarch) «o futuro só pertencerá a quem pertencer a escola.»

* * *

3.º – Relativamente ao desleixo de alguns paes em mandarem os filhos á escola e ao aproveitamento dos mesmos vou indicar um meio simples, mas efficaz para evitar semelhantes descuidos.

Consiste elle em:

1.º – Obrigar a assentar praça todo o mancebo apurado que não souber lêr nem escrever.

2.º – Obrigar todo o mancebo recenseado a prestar no exercito ou na armada o tempo de serviço em duplicado d'aquelles que sabem lêr e escrever.

3.º – Todo aquelle mancebo analphabeto que se quizesse remir a dinheiro tambem o poderia fazer, comtanto que desse quatro vezes mais que o preço da praça.

Assim, quando a praça d'um mancebo não analphabeto fosse de 150$000 reis, a d'um analphabeto custaria 600$000 reis.

* * *

Ora como ainda hoje o povo das nossas aldeias tem horror á vida militar, era ver como elles se veriam forçados a aprender, e como desappareceria, quasi na sua totalidade, o analphabetismo.

* * *

Com relação ás raparigas, como ellas não assentam praça, o caso é mais difficil de resolver, mas ainda assim se poderia fazer alguma coisa, e era.

1.º — Prohibir o casamento a toda a pessoa do sexo feminino, emquanto não soubesse lêr nem escrever, ou obrigal-a então a pagar uma certa quantia, relativamente grande, que seria empregada em custear despezas escolares.

Nem se diga que estes artigos seriam crueis pelo facto de haver gente incompetente para aprender a lêr e escrever.

Esta objecção não colhe, porque é muito difficil, se não impossivel, encontrar-se alguem que não possa aprender ao menos alguma coisa.

Porem se se apurassse da incompetencia d'algum individuo ficaria logo *ipso facto* isento dos artigos acima apontados, visto que *ad impossibilia nemo tenetur.*

Se isto se cumprisse tenho por certo que a instrucção poderia dizer perante a ignorancia aquellas palavras que Cesar pronunciou na Asia ante Pharnaces, filho de Mithridates: *veni, vidi, vinci* -- Cheguei, vi, venci!!!

Tambem perfilha estas minhas ideias o meu amigo e intelligente professor de Roccas, Snr. Bernandino Pereira d'Almeida como se pode vêr pelo bom trabalho que havia produzido para apresentar no congresso pedagogico de Coimbra, que não chegou a realizar-se. N'esse trabalho frisa elle, e com certo criterio, que sem a instrucção não ha progresso possivel, e por conseguinte procura descobrir os meios de combater o analphabetismo, meios que são muito semelhantes aos que aqui deixo exarados. E para confirmação do meu dito vou transcrevel-o para aqui na integra, para o que ao auctor peço venia:

Senhoras Congressistas:

«Como representante do professorado d'um concelho em que a frequencia escolar é pequena e irregularissima, julgo do meu dever, no desempenho da missão que me foi confiada, orientar os meus esforços no sentido de se pôr cobro á causa principal do analphabe-

tismo que nos deprime aos olhos dos povos cultos. O problema educativo preoccupa todos os modernos estadistas, é posto em fóco por todos os escriptores e está na imaginação de todos os verdadeiros patriotas. Da bôa ou má resolução desse problema depende a grande ou pequena influencia mundial que qualquer nacionalidade virá a exercer no futuro. Sem instrucção não ha progresso possivel. Os povos que mais cuidam d'ella são tambem os mais prosperos e os mais adiantados no caminho da civilisação.

Os outros são apontados como decadentes, e muito tenebroso é, certamente, o destino que os espera.

A grande maioria dos analphabetos está evidentemente nas aldeias onde o povo conserva uma feição mais primitiva e mais refractaria ao ensino.

E' para alli, principalmente, que teem de convergir as attenções de quantos queiram tomar a peito a extincção d'essa onda escura. Muitas são as faltas com que lucta a escola primaria:

A grande maioria dos edificios escolares são deficientes, a mobilia escassa, e raras são as escolas que possuem o necessario material do ensino. Todos sabemos isto.

E, comtudo, o professor, resvestido de bôa vontade, ainda vae remediando estas faltas, fazendo um supremo esforço.

Ora o que elle não pode remediar por nenhuma forma é a falta de frequencia, em algumas terras, embora seja grande o seu zelo.

Basta dizer que ha quem tenha chegado ao extremo de pagar serviçaes aos agricultores, para estes não retirarem os filhos da escola dois ou tres mezes antes de fazerem exame.

Não o permitte, é certo, a exiguidade do ordenado; mas é que ainda ha quem prefira experimentar privações d'ordem economica a deixar abater o seu brio profissional.

Qantos paes chegam a ir á escola tirar creanças que o professor teve artes de lá attrahir?! Nem sempre é a multiplicidade de serviços domesticos ou a falta de meios a causa da pequena frequencia escolar.

São muitas vezes a incuria e a pouca importancia que muitas familias ligam á instrucção que contribuem poderosamente para isso. Não está no meu animo fazer accusações ao povo ignaro.

Comprehendo que elle desconheça ainda os mais triviaes principios da moderna sociologia, que elle não tenha uma noção perfeita dos seus deveres paternaes e descreia no levantamento da nossa nacionalidade pela escola.

Mas é precisamente este atrazo do seu espirito que reclama e mais justifica a intervenção do Estado, para remediar uma falta que não pode nem deve ser eterna. A obrigatoriedade do ensino impõe-se como uma necessidade inadiavel.

Ella pode parecer atentatoria da liberdade individual; mas eu não hesito em defender o cerceamento d'essa liberdade — apesar de julgar todas as liberdades

muito preciosas — para fazer desapparecer as trevas que envolvem quatro quintas partes dos meus compatriotas e para que um paiz, que tantas bellezas naturaes encerta, que tem um solo privilegiado e uma historia brilhantissima, deixe de figurar, em materia de instrucção, ao lado das nações mais atrazadas. E, se esta vergonha nacional continuar, fique ao menos assente que ao professor primario não cabe essa grande responsabilidade, porque as creanças não vão á escola. O analphabetismo tambem pode ser combatido efficazmente por meios indirectos, como, por exemplo, os seguintes:

1.º — O Mancebo recenseado e apurado para o serviço militar que não declarar por sua propria lettra que sabe lêr e escrever, será incorporado no exercito ou na armada, independentemente de sorteio.

2.º — O individuo que não souber ler e escrever não pode requerer a sua emancipação e só aos vinte e seis annos é considerado maior, para todos os effeitos, devendo pagar custas de qualquer inventario a que tenha de proceder-se por este facto.

Qualquer d'estas disposições seria d'uma proficuidade incontestavel. A primeira teria decisiva influencia nas aldeias, onde ainda existe o horror á vida militar. Como é lá que os povos olham a escola com mais desdem, uma tal medida daria excellente resultado pratico. A segunda seria tambem efficaz e mesmo racional, visto que o analphabeto não pode estar apto para

se dirigir livremente tão cedo como aquelle que possue alguma cultura intellectual. Mas claro está que ellas não poderiam ser applicadas aos individuos que já não estão em edade escolar.

* * *

Ainda bem que não milito só n'este campo. Ainda ha quem pense como eu.

XVI

(LENDAS)

São as lendas tão naturaes ao homem que eu, sem ser propheta ou adivinho, posso assegurar aos meus leitores que, desde hoje até ao fim dos seculos ellas jámais se verão desapparecer do cosmos, como não desappareceram no longo periodo de seis mil annos, qual é o que medeia desde o berço da humanidade até nós. Christo, fallando da sua Egreja, disse: «*que as portas do inferno não prevaleceriam contra ella, – et portæ inferi non prævalebunt adversus eam*»; ora quasi o mesmo se poderá affirmar das lendas que nunca se eclipsarão totalmente apezar dos arrepelos e encontrões que lhes der a civilisação. E porque assim?

E' que ellas encontram o seu appoio na tendencia natural que o homem tem para o maravilhoso, e na sua propria educação. Sim, na educação.

Não ha ninguem que na sua meninice não tenha quem lhe conte, ou não leia d'esses contos de fadas e moiras, que apesar de ser um vicio da nossa educação,

comtudo, no seu fundo, são um *bem.* Um vicio, porque a creança, como ainda não está devidamente illustrada, archiva na sua mente, como uma realidade, todo aquelle enredo que não passa d'um castello no ar, ou d'um sonho extravagante, julgando d'est'arte ser verdadeiro o que é falso, positivo o que é chimerico.

São por outro lado um *bem,* porque nada como ellas para entreter e enriquecer a imaginação, e suggerir ideias, chimericas sim, mas comtudo alevantadas e de grande valor para o movimento litterario de qualquer paiz, para o levantamento da humanidade inteira.

Pois quem haverá que ignore que na epocha theologica d'um povo em que tudo é lindo e maravilhoso — que a poesia — essa linguagem das potentes imaginações e das almas sensiveis e apaixonadas, leva as lampas á prosa ronceira, apoderando-se de quasi todas as mentes?

Quem duvida que na epocha em que mais predomina a febre do maravilhoso se apresentam no mercado obras de incalculavel valor litterario?

Comtudo não julgue alguem que eu venho n'este capitulo defender incondicionalmente as lendas, depois de ter atacado sem «*tirte nem guarte*» as crendices populares quasi todas affins d'aquellas.

Não, incondicionalmente não as defendo.

Defendo sim aquellas que me parecem de mais valor e mais visinhas da realidade, porém as restantes ataco-as como vicios da educação e como consanguineas dos prejuizos do povo. Mas, afinal de contas, tanto umas

como outras existem de misturada pelo mundo de Christo além.

E' assim que todas as terras de Cever possuem um farto ramalhete d'ellas, que bem deixam vêr o caracter simples e ingenuo do meu povo.

Por toda a parte *cabras — com cordeirinhos, porcas — com pintainhos* e *gallinhas com leitões* a atterrarem os viandantes a horas mortas da noite... por toda a parte moiras em forma de cabras, de serpentes e de sereias vagueando por ahi encantadas por causa de certos amores travados com moços christãos... por toda a parte lobis-homens que, em virtude da sua mofina sorte, são levados pelo destino a percorrer, em forma de qualquer animalejo, sete freguezias em cada noite, sem haver um arrojado que se aventure a quebrar-lhe o encanto que os prende fortemente como a dura grilheta prende o desventurado Prometheu.

* * *

D'entre esse conjuncto de lendas que a alma do povo acalenta com a sua desmesurada ingenuidade temos primeiro que tudo aquella, sempre verde e sempre nova, do *S. Thiago da Ermida,* — que é contada de diversas maneiras talvez seguindo o preceito de que, quem conta um conto, sempre lhe accrescenta um ponto.

Resumi-la-hei por conseguinte a poucas palavras e apresenta-la-hei ao leitor que por certo já a terá ouv do

immensas vezes, visto que é tradição oral de quasi todo o povo d'esta terra tão attreito a estas coisas de *lendas e fadas.*

Eil-a:

Conta-se, á bocca cheia, que antes de se fazer aquella capellinha da Ermida e lá se collocar o santo, que elle, sahindo da sua casa de pedra, apparecia na margem do rio Vouga a todos que passavam n'aquella localidade, pedindo-lhes o removessem para melhor sitio.

Conhecida assim a vontade do santo resolveram unanimemente alguns ou todos os habitantes d'aquella localidade transporta-lo para a pequena capella d'onde hoje derrama balsamos de esperança, consolação e amor no amago de todos os habitantes d'aquelle logar.

Diz o povo que este acto fora a sua felicidade, pois antes d'isso todos os seus negocios iam de mal a peor.

Tamanha a importancia dos sanctos!

* * *

Esta faz-me lembrar aquell'outra d'um sino apparecido n'aquelle mesmo rio e que em lettras gordas dizia: *só tocará na torre de Santa Maria de Cever.*

Porem como o povo d'isto pouco caso fizesse vendeu-o para outra freguezia, mas... serviço baldado, pois não houve quem o fizesse dar uma unica badalada n'essa outra freguezia; por isso, diz a lenda, com vontade ou sem ella tiveram de o trazer a Cever e era tanto o empenho que elle tinha de vir, que ao chegar

ao alto da serra mesmo em cima d'um solipede que o transportava, larga a tocar por si mesmo sem haver quem lhe fizesse guardar silencio.

Já era milagre!...

* * *

Não é somente a terra de Cever que possue um alfobre de lendas, tambem outras, e algumas bastante adeantadas na estrada do progresso e civilisação, as teem. A Beira-Alta, por exemplo, é toda uma lenda, desde os cabeços mais solitarios e mais nús, aos povoados mais poeticos e populosos. Basta o murmurio d'um arroio e a sombra d um arbusto para parir uma lenda. Entre muitas que poderia aqui apresentar só fallarei na egreja de N. Senhora da Lapa, que fica ahi para as bandas de Moimenta da Beira e Sernancelhe, d'onde vem muitissima gente no dia da romaria que se realisa no dia 15 de agosto. Como todas as historias e narrações allegoricas é apresentada essa lenda no livro «*A Força do Destino*» do Snr. Antonio Joaquim Ferreira com as palavras costumadas.

« — Era uma vez uma mulher, já de edade e fiandeira. Habitava, cremos, na povoação do Granjal, Moimenta da Beira, e dirigia-se para Quintella, limitrophe da Lapa, onde havia, como em quasi todas as aldeias, uma tecedeira. Levava ella comsigo grande numero de novellos para fabricar a teia, talvez para algum noivado.

Devia de ser em algum dos mezes do estio.

Estava o sol quente, acariciador.

A mulher caminhava tranquillamente, sem que pensasse sequer no perigo que ameaçava a sua vida.

De repente, ouviu para um dos lados do atalho, um *ruge-ruge* prolongado de corpo que se arrastava.

Experimentou uma sensação de medo e olhou para a borda do caminho, d'onde sentia ruido.

Era um reptil enorme, um lagarto de extraordinario comprimento, que seguia a mulher nas suas pégadas.

Tinha dois metros ou mais de dimensão.

A bocca aberta parecia a da baleia que enguliu Jonathas.

E a pobre fiandeira estava na contingencia de ser devorada ou mordida pelo lagarto.

A mulher julgou-se perdida.

Dentro em pouco seria uma victima.

Já não era a primeira.

Que tristeza morrer tão desamparadamente sem dizer um adeus á familia!

Que commoções e contracções não experimentou o seu debil organismo.

Estava completamente abaláda, pallida.

O lagarto, sem receio, avançava destemidamente, rojando o comprido rabo e tentava abocanhar a infeliz fiandeira.

Então, vendo-se completamente perdida, procura um esforço d'alma, recorre á fraca imaginação, a vêr se lhe suggeria uma idéa de salvação.

Encontrou-a, alfim; lembrou-se de pedir auxilio á

Nossa Senhora da Lapa, que, além, no cabeço do monte proximo, sob um penedo enorme, transformado em pequena ermida, havia apparecido milagrosamente, para salvar e soccorrer os desgraçados nas suas atribulações.

A ideia da Santa, suggerida por milagre, fôra luminosa, redemptora.

Salvára-a d'uma morte certa.

Começou de caminhar, vagarosamente, para que o reptil não julgasse que a presa fugia e principiou por lhe atirar com os novellos que levava, cada um de per si e ia ficando com uma extremidade na mão.

O lagarto engulira uma quantidade enorme.

Todos quantos lhe couberam no ventre.

Então a mulher, vendo saciada a fome do animal, puxa das linhas que conservava nervosamente na mão e eram, como dissemos, continuação dos novellos, e engasgando o reptil, era uma vez um lagarto.

Não temendo já o *bicho,* que exhalava o ultimo signal de vida, mexendo com o rabo peçonhento em todas as direcções, ajoelhou, de mãos postas, agradecendo á Nossa Senhora da Lapa, a idéa que milagrosamente lhe perpassára pela mente.

O milagre da Santa repercutira-se em todos os povoados proximos, e a tradição oral encarregou-se de o fazer chegar aos logares mais reconditos e sertanejos. Hoje não ha ninguem que ignore a historia da mulher, do lagarto, e do milagre da Senhora da Lapa. Os jesuitas, homens finos e peritos na arte de encaminhar tudo e a todos aos seus fins, tiraram d'aqui partido para com-

provação do poder maravilhoso d'aquella Santa que havia tempos tinha apparecido aos pastores, nos cêrros da Lapa, debaixo d'um enorme penedo, especie de sala subterranea, onde elles depois edificaram a egreja, que é ampla. Ha más linguas que dizem ser aquella Santa collocada ali pelos proprios jesuitas para conseguimento dos seus fins. Não queremos penetrar no obscuro d'esses preconceitos, mesmo porque o nosso fim é outro. O que se sabe é que o lagarto lá está pendente do tecto da Egreja, mostrando aos forasteiros e devotos o grande milagre, e á posteridade o poder immenso que antes tinham os santos.»

Mas não é preciso ir-se tão longe para encontrarmos lendas de tal natureza.

Basta abrir-se o livro *Agueda* do grande patriota e illustrado publicista — o Snr. Adolpho Portella para depararmos com lendas em todos os gostos tão excentricas como as da terra da minha naturalidade.

D'entre ellas tomarei a esmo uma, e seja a do Diabo-do-Alfusqueiro:

Logo lá em cima, onde o Alfusqueiro se bate contra as penedias da serra, e onde uma velha ponte de cantaria se armou ha muitos seculos para serventia dos passageiros, o povo como visse a desmesurada largura do seu lindo arco, que vae de riba a riba, n'um salto arrojado, lá entendeu na sua que tal obra não podia ser de gente christã, e, vae d'ahi, atirou com a responsabilidade do trabalho para as costas do demonio.

No dizer da lenda, o *Diabo-do-Alfusqueiro* contratou com um senhor christão lá dos sitios a construcção da ponte, a qual, depois de prompta e acabada, havia de ser paga com a propria alma do christão, o que tudo se remataria á meia noite do Natal, ao cantar do gallo.

Fez-se o respectivo assignado, que o senhor christão subscreveu logo com a tinta do seu proprio sangue, como é lá do protocolo. Entretanto, acaba e não acaba a obra, como o tal senhor christão se doesse muito da paga que ia dar por aquella empreitada, veio de lá uma Fada-Boa ensinar-lhe a maneira de se livrar airosamente do compromisso, sem se privar ao mesmo tempo de ficar com a obra prompta e perfeita. – Toma lá este ovo, disse-lhe ella assim. – Como a ponte ha-de ser rematada á hora certa da meia-noite, tu vigia bem os ultimos trabalhos, e, mal vires o Demonio collocar a derradeira pedra, atira com o ovo pela ponte fóra, e tudo acabará em bem. Assim se fez.

Quando o demonio, com toda a malta dos seus serviçaes, n'um grande alarido de triumpho, se dispunha a assentar a ultima pedra, o protegido da Fada-Boa, saca do ovo, arremessa-o ao longo do taboleiro, e logo surgiu de sobre a ponte um lindo gallo, todo emplumado e de crista alçada, *cocorocó*, a annunciar a meia noite. E o senhor christão tomou posse da ponte, e o Diabo-do-Alfusqueiro sumiu-se logo para as funduras negras do rio onde moram as sombras misteriosas que

os olhos d'elle allumiaram como um relampago de peste...

* * *

Tudo isto é obra das almas ingenuas!...

XVII

PAIZAGENS

E' Cever do Vouga, d'entre as terras que conheço, uma das mais attrahentes e mais sympathicas pelas suas paizagens deslumbrantes.

Simplesmente encantadora, maravilhosa, sublime!

Os dias, illuminados pelos raios do rei do Universo, do calor e da vida, e as noites, pela luz branca e meiga do luar, são aqui de infinda poesia e amôr.

A qualquer logar que subamos, para qualquer parte que olhemos, o seu panorama feraz em bellezas naturaes deslumbra, extasia, arrebata, mórmente na primavera.

Todos os seus valles são um variado tapete de verdura, que mais lembra uma aldeia da Suissa que uma terra do Douro.

Com effeito, aqui umas aves cortam alegremente o espaço, ligeiras e gárrulas, procurando o alimento para os lepidos filhos; emquanto outras melicamente entoam hymnos, acompanhados d'um modulo soluçar

d'azas, que enternecem e arrebatam os corações ainda os mais duros.

Aqui a natureza, sempre prodiga para a humanidade, aformoseia todos os recantos.

Aqui a paizagem, que circunda os contornos, é fresca e luxuriante.

Robles colossos e outros arbustos gigantescos, semelhando espectros taciturnos, erguidos para a lucta titanica dos vendavaes, ornamentam esta encantadora terra.

. . . . . .

. . . Se o Minho nos enthusiasma com as suas paizagens e pittorescos panoramas, Cever do Vouga, com ufania o digo, só por si na contemplação d'alguns trechos de seus campos e varzeas, a toda a gente enche de jubilo, porque, digamol-o com franqueza, se o não avantaja pelo menos eguala-o.

Em flores olorosas e loução é a minha terra riquissima; em pinheiros, azinheiras, castanheiros e salgueiros nem se falla.

Se alguem julgar que exaggero, esse alguem que appareça a desmentir-me.

Quem, vindo dos lados de Vizeu ou Estarreja, chega a Pecegueiro (freguezia do meu concelho) e olha de chofre para o rio Vouga que, por entre fulvas areias e musgosas penedias, deslisa mansamente, como um grosso fio de prata... ha-de, por força, sentir-se bem e quedar um instante a admirar a belleza d'esses pedaços de poesia com que o Divino artista, o sublimado Auctor

do universo, n'um simples *fiat* do seu poder infinito, dotou estas terras do meu concelho.

Depois, de Pecegueiro a Cever, que lindo, que encantador e que deslumbrante não é esse passeio salpicado de casas, de povoados, de milharaes, vinhedos e d'outras arvores a abraçarem-se n'uma simples mas singular rusticidade!

E' por toda a parte um perfeito tapiz de verdura a encapotar a minha querida terra que apesar de não ter patentes adarves nem castellos historicos, nem tão pouco grandes casarões a salientarem-se pelo caiado de suas berrantes côres, é comtudo, devido á sua invejavel situação, aos seus bons terrenos e ares, e ao incommensuravel numero de seus pomares e loendras, das suas violetas e rosas, que alfombram os pittorescos valles e embalsamam o ambiente, uma villa á qual a natureza, só por si, deu tudo quanto basta para enriquecer a imaginação e alargar o ambito do coração que n'estas paragens se transforma em sentimento grande e sublime.

D'esta villa se pode dizer o que o festejado poeta A. Pinheiro Caldas dizia da sua terra:

A minha terra é formosa,
Tem bellezas que mais não;
E' qual Virgem melindrosa,
Que enfeitiça o coração.

* * *

Realmente é lindo ver-se um quadro assim, quando os lavradores, cantando em côro, marcham para o seu trabalho, apenas a alvorada começa a repintar, na terra, a claridade do sol escondido ainda no Oriente, e quando as aves — da natureza cantoras sonoras e dos bosques e do espaço eternas madrugadoras, se soerguem do seu repoiso nocturno cortando os ares em todas as direcções, em cata do biscáto para os filhos do seu amor, do seu terno coração.

* * *

E a «*Cascata da Cabreia*» que fica em terreno de Silva-Escura, que maravilhosa não é!...

...Vale a penna vir-se de longes terras só para se lhe fazer uma visita.

Aqui a natureza apresenta-nos, á nossa vista e á nossa admiração, uma das suas obras mais mimosas!

Quem não admirará ali como as aguas se despenham por aquellas rochas altaneiras e puidas que mais parecem debuxo de artista do que producto da natureza?

Quem não admirará ali a poesia da sua paizagem, e os *zigue-zagues* que a agua forma na sua queda?

A minha penna fraqueja em tal descripção.

Para aqui só, como diz alguem referindo-se á mesma cascata, a penna d'um poeta ou d'um espirito de inspiração romantica, que, em semelhantes prodigios da

natureza, encontram assumpto para as suas obras de maior folego.

E a serra do Arestal?

Ah! Para a minha terra ser apresentada como modelo em bellezas tenho por certo que não seria preciso mais que o garbo e lindeza d'esse planalto.

Que arrebatador não é esse monte, onde a urze e todos os mattos e flores desabrocham, a sorver a chrystallina limpha dos seus arroios, e a tragar a terra que lhe serve de leito!

Com uma altitude de oitocentos e cincoenta metros (850) acima do nivel do mar, o Arestal torna-se não só uma planicie saudavel onde o ar é puro, o terreno excellente e a agua boa, mas tambem um sitio agradabilissimo, d'onde se descortina um horisonte variado e incommensuravel.

Tudo isto só visto!

XVIII

A dois kilometros da aprazivel villa ceverense, por uma estrada ataviada, de quando em quando, de casitas brancas, de uberrimas veigas, immensos vinhedos e pinheiraes, fica a Senhorinha, solar da minha naturalidade e terra agradabilissima, continuamente bafejada pelo fresco euro; quer de manhã, quando o sol apparece no limpido e azulado ceu a derramar jorros de luz esplendida por sobre os montes, valles e viridentes campos; quer á noite, quando o rei dos astros, cançado do seu lidar diurno se engala com suas vestes mais seductoras, para nos dar o adeus de despedida,

O seu valor é grande. A sua beldade edenica.

A terra é sadia e tem excellentes e abundantes aguas, o que importa dizer-se que está nas melhores condições hygienicas.

O clima benigno e favoravel a toda a vegetação, dá logar a que todos os productos agricolas medrem e fructifiquem a olhos vistos.

Por toda a parte vicejam as hortas, por toda a parte se ostentam nos pomares esplendentes pomos d'um sabor delicioso.

Os meus olhos cançam de tanto olhar, e a minha alma, bastante sensivel, envolve-se n'uma neblina toda feita de sonho, de poesia e d'amor, e assim passa, horas e horas, a contemplar os encantamentos singulares d'esta minha terra, para retractar a qual, com todos os seus amplos e matizados vergeis, por entre os quaes os veios d'aguá descrevem tranquillos desenhos, eu desejava o pincel d'um Murillo, ou a penna d'um Castellár.

Então poderia eu, com uma mancha ou uma palavra, mostrar a poesia que encerra a ermida do S. Macario, erecta n'um outeiro, os romorosos ramos dos vastissimos arvoredos, que dão á minha terra o aspecto d'uma linda aldeia, os altanosos cabeços das serras e outeiros que lhe beijam os pés, as planicies alfombradas de ramarias e flores, os descantes das lavradeiras que ao campo dão vida e graça, o luar que a lua, astro solitario, amorosamente nos manda;... emfim tudo... tudo isso que impressiona um coração, que aquece uma alma e que desperta o amor — orvalho celeste que cae sobre o coração, é manná sancto que os seculos lançam sobre os infelizes como premio ás suas crudelissimas e sentidas dores.

Ainda isto é só na pequena area da minha terra, a mais rica em bellezas naturaes e a mais bem situada de todo o concelho... porém, se alguem quizer contemplar scenas alegres, paizagens munificas e montanhas

altaneiras, dê-se ao trabalho de visitar não só a minha aldeiasinha, como todo o restante concelho, atapetado de timidas violetas e de singellas boninas.

Aquella cascata da Cabreia:... aquella ponte do Pecegueiro sobre o Vouga... aquelle rio com as margens almargadas de milharaes e relvedo...aquella serra do Arestal, de situação invejavel.. aquella adusta serra das Talhadas com os seus tradicionaes penedos... aquelle poetico recinto do Braçal, coberto de alamos e sinceiraes... aquelle constante sussurro do rio mau, e todos esses matizados *altos e baixos,* osculados pelo luar e aquecidos pelo sol da minha patria, são farrapos de paizagem que valem bem o regalo d'uma visita.

Bem podemos applicar á minha terra e com bastante propriedade ainda, as formosas estancias em que o immortal Garrett, o celebre auctor do «Frei Luiz de Souza» e das «Viagens da minha terra» celebrou as bellezas da serra de Cintra:

—...Saudosissimo retiro,
Onde se esquecem maguas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamento que embala adormecido
O sussurro das folhas, c'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!

Quem descançado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem sentado
No musgo de tuas rochas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por ceus, por mares, por montanhas, prados,

Não sentiu arroubar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas pennas, amarguras,
Ancias, lavor de vida?...

Concluindo: — Se a serra de Cintra deu margem a uma poesia, a minha terra ha-de dar logar a um *poema*.

FIM

INDICE

	Paginas
Secção 1.ª (Chronicas)	1 a 94
Secção 2.ª (Producções)	95 a 135
Secção 3.ª (Monumentos)	136 a 149
Secção 4.ª (Costumes)	150 a 196
Secção 5.ª (Lendas)	197 a 206
Secção 6.ª (Paisagens)	206 a 215

ERRATAS

Pag.	Linhas	Onde se lê	Leia-se
XIV	17	E' meu. Só meu	São meus. Só meus
12	4-5	Com certeza que havia	Com certeza que houve
14	18	Ereja	Egreja
20	20	O visconde é o decimo	O visconde era o decimo
29	1	Effelto	Effeito
79	4	destaca-se grandeza	destaca-se a grandeza
136	12	e esses mysteriosos	esses mysteriosos
137	17-18	Que as lendas tiveram	Que tiveram as lendas
167	23	Omitta	Omitti
»	24	Omitti que	que
170	7	non placuit	non placit

C-3
B-104

OBRAS do MESMO AUCTOR:

CEVER do VOUGA. . . . 200 reis

A CONCLUIR

(Verso)

Primeiros Versos, I folheto.

EM PREPARAÇÃO

(Prosa)

A Educação, I folheto.

(Verso)

Ensaios Poeticos, I vol.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00018 1574